

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Ana Célia Couto dos Santos

Resenha literária no Instagram: revisitando a relação entre gêneros e suportes

Juiz de Fora
2024

Ana Célia Couto dos Santos

Resenha literária no Instagram: revisitando a relação entre gêneros e suportes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: linguística.

Orientadora: Prof. Dra. Marta Cristina da Silva

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Couto dos Santos, Ana Célia.

Resenha literária no Instagram : revisitando a relação entre gêneros e suportes / Ana Célia Couto dos Santos. -- 2024.
125 p. : il.

Orientadora: Marta Cristina da Silva
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2024.

1. Resenha. 2. Bookstagram. 3. Gêneros textuais. 4. Suportes de gêneros textuais. I. Silva, Marta Cristina da, orient. II. Título.

Ana Célia Couto dos Santos

Resenha crítica no Instagram: revisitando a relação entre gêneros e suportes

Dissertação
apresentada ao
Programa de Pós-
Graduação em
Linguística
da Universidade
Federal de Juiz de
Fora como requisito
parcial à obtenção do
título de mestre em
linguística. Área de
concentração:
linguística.

Aprovada em 20 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a) Dr(a) Marta Cristina da Silva - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

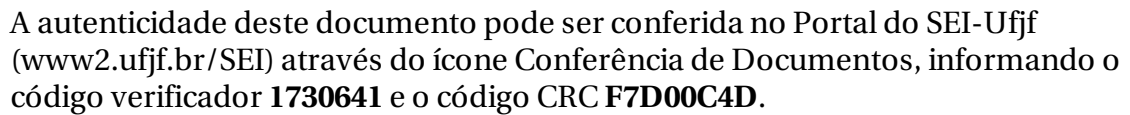
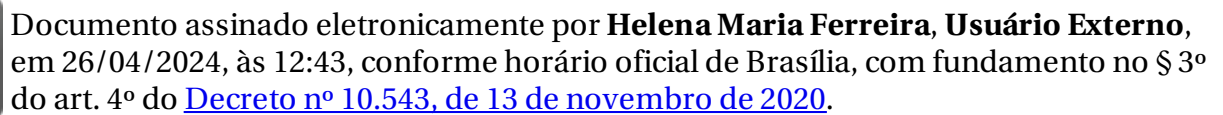
Prof(a) Dr(a) Natália Sathler Sigiliano
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a) Dr(a) Helena Maria Ferreira
Universidade Federal de Lavras

Juiz de Fora, 04/03/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Marta Cristina da Silva, Professor(a)**, em 22/03/2024, às 08:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Este trabalho é dedicado a todos os que inspiram por meio de palavras, em especial aos leitores, especialmente aqueles que não escondem suas leituras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre me guiar rumo a novas descobertas e me manter motivada e fortalecida nesta jornada. Agradeço a Ele também por me cercar de pessoas especiais, que contribuíram imensamente para que eu continuasse interessada no aprender e no ensinar.

Sou grata aos meus pais, Fernanda e José Luiz, pela paciência ao longo dos últimos dois anos e por sempre possibilitarem, de inúmeras formas, que eu vá atrás dos meus sonhos e objetivos. Ao meu namorado, Iago, por me incentivar e nunca permitir que a dúvida e a incerteza permanecessem por perto e por garantir que eu continuasse me divertindo no processo.

Agradeço imensamente às minhas amigas/irmãs Amanda e Luana, que ao longo de mais de uma década são responsáveis por manter meus sonhos vivos, sendo minhas maiores torcedoras. Ao Sullivan por acreditar que eu escreveria algo, mesmo com minhas negativas.

Aos meus queridos amigos da Faculdade de Letras, sou muito feliz pelo time que formamos e por poder contar com vocês em diferentes momentos da minha trajetória acadêmica e profissional.

Agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora não apenas pelo espaço acolhedor que me recebeu desde a graduação, em especial a partir dos programas de assistência estudantil, mas por acreditar no ensino público, gratuito e de qualidade. Agradeço ao corpo docente e administrativo da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística pela competência e seriedade.

Sou grata à professora Marta Cristina da Silva por ter abraçado o projeto e, ao longo dele, ter me ensinado tanto. Agradeço à professora Natália Sigiliano por, desde a graduação, inspirar minha trajetória com os estudos sobre gêneros textuais e ter aceitado compor a banca de avaliação deste trabalho junto à professora Helena Maria Ferreira. Sou grata pela leitura cuidadosa das professoras e pela sabedoria compartilhada.

Por fim, agradeço a todos os que não foram mencionados nominalmente, mas que, de alguma forma, torceram por este projeto e me cercaram com palavras de encorajamento, apoio e, principalmente, interesse neste trabalho.

“(...) é preciso antes de qualquer coisa pôr ordem nas ideias, aprendendo a ouvir a sociedade, sem render-se passivamente a suas exigências e urgências, e tendo a ousadia de resgatar o ‘conhecimento inútil’ da desqualificação e marginalização a que ele foi submetido.” (Lahuerta, 2020, p. 26).

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o gênero textual/discursivo resenha a partir de sua circulação na rede social Instagram, tomada como suporte para textos desse e de outros gêneros. Ele insere-se em um contexto de necessidade não só de pesquisas mais aprofundadas no campo da análise e mapeamento de novos gêneros digitais, mas também de um olhar cuidadoso sobre gêneros já conhecidos em outros espaços, também digitais ou físicos, considerando as peculiaridades de um novo suporte. Para tanto, retomamos reflexões linguísticas do Círculo de Bakhtin, em especial suas contribuições sobre os gêneros discursivos (BAKHTIN, 2016; VOLOCHINOV, 2018) traçando relações com os estudos realizados por Marcuschi (2010, 2011), que ressaltam a dinamicidade dos gêneros textuais, e de Zavam (2012) sobre a sua transmutação. Também segundo Marcuschi (2003), discutimos a noção de suporte. Revisitamos trabalhos sobre a resenha, retomando o que já é conhecido na literatura acadêmica, antes de nos debruçarmos sobre os debates acerca dos (multi)letramentos (CAZDEN ET AL, 2021; KLEIMAN, 1995; ROJO, 2013; SOARES, 2004; STREET, 2014), da multimodalidade (DIONISIO, 2011; KRESS; VAN LEEUWEN, 2001; KRESS, 2003; RIBEIRO, 2021) e da relação entre as tecnologias de informação e comunicação e as práticas de leitura e escrita (ALBARRÁN; RIBEIRO, 2015; CHARTIER, 2002; MAIA, 2013; RIBEIRO, 2017, 2018) o que se torna relevante na observância dos dados analisados. Ademais traçamos um panorama geral da rede social Instagram e, em especial, da comunidade bookstagram, na qual os dados analisados se inserem. A partir desse embasamento teórico, foi realizada uma análise qualitativa (BRASILEIRO, 2021) de três resenhas críticas de livros publicadas na rede social Instagram por diferentes autores, selecionadas a partir de uma análise preliminar de um *corpus* com mais de trinta exemplares. Essa análise motivou reflexões sobre a maneira como os autores compõem suas resenhas de acordo com as ferramentas do suporte e com o público-alvo da comunidade à qual pertencem, o que compreende as noções de dialogismo, multimodalidade e publicidade, bem como as questões próprias do gênero resenha, envolvendo as informações presentes nos textos e a linguagem empregada. Com isso investigou-se a hipótese de que não há mudança de gênero, mas alterações composicionais no gênero resenha influenciadas pelo suporte de circulação, sem perda na estabilidade quanto a elementos que permitem o reconhecimento, pelo leitor, de uma resenha. Conclui-se, dessa forma, que a resenha no Instagram é um objeto de estudo relevante para a compreensão da relação entre gêneros e suportes e da forma como as novas tecnologias de informação e comunicação podem interferir nessa dinâmica.

Palavras-chave: resenha; bookstagram; gêneros textuais; suportes de gêneros textuais.

ABSTRACT

The present study aims to analyze critical reviews from its circulation on the social media platform Instagram, considered a medium for texts of this and other genres. It is framed within a context that not only requires more in-depth research in the field of analysis and mapping of new digital genres, but also demands a careful examination of genres already known in other spaces, also digital or physical, considering the peculiarities of a new medium. To accomplish this, we revisit linguistic reflections from the Bakhtin Circle, especially their contributions regarding discursive genres (BAKHTIN, 2016; VOLOCHINOV, 2018), establishing connections with the studies conducted by Marcuschi (2010, 2011) that emphasize the dynamism of genres, and by Zavam (2012) about its transmutation. According to Marcuschi (2003), we also discuss the notion of medium. We review existing works on critical reviews, drawing upon what is already known in academic literature, before delving into debates on (multi)literacies (CAZDEN ET AL, 2021; KLEIMAN, 1995; ROJO, 2013; SOARES, 2004; STREET, 2014), multimodality (DIONISIO, 2011; KRESS; VAN LEEUWEN, 2001; KRESS, 2003; RIBEIRO, 2021), and the relation between information and communication technologies and reading and writing practices (ALBARRÁN; RIBEIRO, 2015; CHARTIER, 2002; MAIA, 2013; RIBEIRO, 2017, 2018), which becomes relevant in the observation of the analyzed data. Furthermore, we provide an overview of Instagram, particularly focusing on the bookstagram community, into which the analyzed data fits. With this theoretical foundation, we conducted a qualitative analysis (BRASILEIRO, 2021) of three critical book reviews published on Instagram by different authors, chosen after a preliminary analysis of a *corpus* with more than thirty reviews. This analysis prompted reflections on how authors compose their reviews according to the tools provided by the platform and the target audience of the community to which they belong. This includes considerations of dialogism, multimodality, and publicity, as well as specific aspects of reviews, involving the information presented in the texts and the language used. With this, we investigated the hypothesis that there is no change in the genre, but compositional changes influenced by circulation support, without no loss of stability in terms of elements that allow the reader to recognize it as a review. In conclusion, the critical review on Instagram represents a relevant object of study for understanding the relationship between genres and mediums and how new information and communication technologies can influence this dynamic.

Keywords: review; bookstagram; genres; mediums for discursive genres.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Dimensões do suporte.....	33
Quadro 2 - Dimensões do suporte Instagram.....	34
Quadro 3 - Resumo de alguns conceitos-chave da GDV.....	53
Figura 1 - Notícia publicada no Instagram.....	65
Figura 2 - Tirinha publicada no Instagram.....	65
Figura 3 - Resultado da busca pela <i>hashtag</i> #bookstagram.....	67
Figura 4 - Perfis literários no Instagram.....	70
Esquema 1 - Procedimentos metodológicos.....	75
Figura 5 - Resenha do livro “Tudo é Rio”, de Carla Madeira.....	78
Figura 6 - Comentários na resenha do livro “Tudo é Rio”, de Carla Madeira I.....	88
Figura 7 - Comentários na resenha do livro “Tudo é Rio”, de Carla Madeira II.....	89
Figura 8 - Comentários na resenha do livro “Tudo é Rio”, de Carla Madeira III.....	90
Figura 9 - Comentários na resenha do livro “Tudo é Rio”, de Carla Madeira IV.....	90
Figura 10 - Resenha do livro “Amor(es) Verdadeiro(s)”, de Taylor Jenkins Reid.....	92
Figura 11 - Comentários na resenha do livro “Amor(es) Verdadeiro(s)”, de Taylor Jenkins Reid.....	99
Figura 12 - Resenha do livro “O diário de Evelyn”, de Luana Cardim.....	100
Figura 13 - Comentário da autora de “O diário de Evelyn”.....	106
Figura 14 - Comentários na resenha do livro “O diário de Evelyn”, de Luana Cardim.....	108
Figura 15 - Comentários na resenha do livro “O diário de Evelyn”, de Luana Cardim II.....	109
Quadro 4 - <i>Hashtags</i> encontradas nas resenhas críticas do Instagram analisadas.....	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM, GÊNEROS DISCURSIVOS E SUPORTES	21
1.1 DISCUSSÕES LINGÜÍSTICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN	21
1.2 OS GÊNEROS DISCURSIVOS	26
1. 2. 1 A noção de suporte	30
1.3 A RESENHA	35
2 (MULTI)LETRAMENTOS, MULTIMODALIDADE E TECNOLOGIAS	44
2.1 (MULTI)LETRAMENTOS	45
2.2 MULTIMODALIDADE	51
2.3 COMPREENSÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	57
3 O (BOOK)INSTAGRAM	62
3.1 A REDE SOCIAL INSTAGRAM	62
3.2 O <i>BOOKSTAGRAM</i>	66
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	72
5. ANÁLISE DOS DADOS	77
5.1 RESENHA 1: “TUDO É RIO” DE CARLA MADEIRA	78
5.1.1. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de apresentação	81
5.1.2. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de descrição	83
5.1.3. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de avaliação	84
5.1.4. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de recomendação	86
5.1.5. Os aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais na seção de comentários das publicações	87
5.2 RESENHA 2: “AMOR(ES) VERDADEIROS” DE TAYLOR JENKINS REID	92
5.2.1. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de apresentação	94
5.2.2. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de descrição	96

5.2.4. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de recomendação	98
5.2.5. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais na seção de comentários das publicações	99
5.3 RESENHA 3: “O DIÁRIO DE EVELYN” DE LUANA CARDIM.....	100
5.3.1. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de apresentação.....	103
5.3.2. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de descrição	103
5.3.3. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de avaliação	105
5.3.4. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de recomendação	106
5.3.5. Os aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais na seção de comentários das publicações.....	106
5.4 DISCUSSÕES	109
CONCLUSÕES.....	116
REFERÊNCIAS	121

INTRODUÇÃO

A resenha é um gênero textual/discursivo reconhecido como um gênero relevante para compor o portfólio de conhecimentos e práticas dos falantes de determinada língua. Observa-se a presença da resenha em diferentes contextos de uso da língua, havendo um destaque para sua apropriação pela crítica de objetos culturais, sendo explorada não apenas para a expressão de opinião por parte de quem a produz, mas também para a tomada de decisão por quem a lê, assiste ou ouve. Nesse sentido, a resenha está presente no cotidiano dos falantes, acostumados a encontrar esse gênero em diferentes formatos e a apoiar-se nele como fonte de informações relevantes sobre o que se pretendem consumir e/ou aprender.

O reflexo da importância atribuída a esse gênero também está na forma recorrente como ele circula nas salas de aula de línguas e é legitimado pelos documentos norteadores de ensino. No caso da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ele não surge apenas como um gênero a ser conhecido e utilizado com base em seus aspectos formais e linguísticos, mas aparece também como parte de práticas sociodiscursivas relevantes. No ensino médio, é sugerido que, nas aulas de Língua Portuguesa, se produzam "apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc." (Brasil, 2018, p. 526).

A resenha é um gênero que circula socialmente em diversificadas esferas, e, em especial, na educação, é tomado como relevante. No ensino superior, é dado destaque a esse gênero em disciplinas de escrita acadêmica. Com o público da graduação em vista, foram criados manuais de escrita diversos que se preocuparam em caracterizar a resenha e ensinar sua produção a estudantes e acadêmicos, como é o caso de Andrade (2006), Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) e Medeiros (2006). Nesse contexto, não é apenas em sala de aulas que esses textos surgem, havendo uma demanda por publicações de resenhas em periódicos de divulgação científica. A leitura de resenhas também é uma prática comum no contexto acadêmico, especialmente no processo de construção de referencial bibliográfico.

Além disso, a resenha também é um objeto interessante na crítica de arte em geral, utilizada para divulgação de opinião de especialistas sobre determinados objetos, como livros, filmes, peças teatrais, entre outros. Considerando isso, a BNCC (Brasil, 2018) relaciona de forma recorrente a resenha ao campo artístico-literário, uma vez que ela se materializa em textos que têm como objetivo falar sobre arte para o público geral, descrevendo esses objetos e avaliando-os. Apesar disso, ela também considera que esse gênero pode surgir no campo jornalístico-midiático, por exemplo. Isso influenciou também os estudos sobre a resenha em

sala de aula, uma vez que a expectativa sobre um trabalho norteado por gêneros tornou ainda mais comum a produção de resenhas sobre livros e filmes, e pesquisas feitas por docentes observaram essa prática, como feito por Almeida (2018) Lima (2018) e Zacarias (2019).

A partir dos avanços relacionados às novas tecnologias de informação e comunicação e da presença da internet no cotidiano dos falantes, tornou-se necessário compreender como os gêneros textuais se comportam e se materializam na Internet, em especial nas redes sociais. No caso da resenha, é crescente o número de resenhas sobre livros, filmes e séries publicadas em perfis do Instagram não apenas em formato escrito, mas também na forma de vídeos e infográficos. Além disso, no caso das resenhas sobre livros, aqui chamadas de resenhas literárias, elas têm sido fundamentais para a mobilização do mercado literário, como apontam autores e influenciadores (Araújo, 2018). Essa influência, não só demonstrada no Instagram, mas também em outras redes sociais, se dá por meio da promoção recorrente de obras literárias, o que incentiva a compra de seus exemplares, que ficam reconhecidos pela popularidade entre os influenciadores. Além disso, os próprios influenciadores tornam-se figuras relevantes para as editoras, que estabelecem contratos e parcerias para divulgação de seus lançamentos.

Essas resenhas, escritas não só por profissionais da crítica artística, mas também por sujeitos de diferentes perfis e qualificações, são pouco exploradas e suas particularidades às vezes ignoradas no momento de definição e discussão sobre o gênero. Apesar de o universo digital ser contemplado pela academia, no caso das resenhas, a concentração de publicações desse gênero ainda se encontra nos *sites* e blogs já reconhecidos, evidenciando uma lacuna na pesquisa. Essa lacuna pode ser identificada a partir da pesquisa em repositórios e mecanismos de busca de trabalhos acadêmicos, mais especificamente ao se ler trabalhos sobre resenha publicados nos últimos anos. Ademais, questões como a multimodalidade ainda não são, por vezes, incorporadas nos estudos sobre resenhas, que são analisadas principalmente pelo seu caráter argumentativo, restringindo-se, via de regra, à sua dimensão verbal.

Por essa razão, acreditamos que as resenhas literárias publicadas no *feed* da rede social Instagram são um importante objeto de estudo para compreender a relação entre gêneros textuais já consagrados na sociedade e novos suportes e ambientes de produção e circulação, bem como contribuir para os estudos sobre multimodalidade. Tratando-se de uma plataforma de alta adesão pelos brasileiros, o Instagram é uma fonte relevante para textos de análise, não só pelas publicações, mas pelas oportunidades de interação que oferece, especialmente a partir dos comentários. Além disso, tem-se observado a presença de uma forte comunidade literária nessa rede social que mobiliza o debate sobre literatura e o próprio mercado literário e, com isso, produz um grande volume de resenhas literárias.

Com isso em vista, novamente retomamos a BNCC, uma vez que ela também contempla o movimento de escrita e de participação em práticas de linguagem no universo digital não como uma maneira de se apropriar da forma dos gêneros, mas com o intuito de "expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas" (Brasil, 2018, p. 490). Com o uso das redes sociais, as possibilidades de isso se realizar são expandidas, e o que antes era realizado apenas em sala de aula ou em ambientes profissionais passa a ser feito em outros contextos e com outros objetivos.

Além disso, Magda Soares já antecipava que "não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente" (Soares, 2009, p. 20) e, atualmente, muitas das exigências de leitura e escrita existentes se relacionam com o universo digital, especialmente no que diz respeito ao acesso às redes sociais.

Alinhamo-nos também a Bawarshi e Reiff (2013), que afirmam que os estudos sobre gêneros e novas mídias têm como um de seus objetivos observar de que maneira gêneros já estabelecidos e socialmente legitimados surgem no contexto de novos ambientes eletrônicos. Nas palavras das autoras, os pesquisadores

estão interessados no modo como o conhecimento de gêneros é produzido e disseminado ao público, como os gêneros são incorporados em culturas sobrepostas e cambiantes e como os gêneros públicos evoluem e mudam. Além disso, considerando as mudanças no panorama comunicativo, os pesquisadores começam a perceber o potencial do estudo das relações e ações sociais à medida que são transformadas pelas formas comunicativas digitais ou eletrônicas e pelas novas mídias. (Bawarshi; Reiff, 2013, p. 187)

É nesse sentido que propomos um novo olhar sobre a resenha, considerando sua incorporação em um novo contexto, o Instagram, tendo em vista que esse não é um gênero pronto e alheio a transformações, e dando importância às maneiras como esse movimento de transformação interfere nas interações sociais. A motivação para este trabalho, portanto, está primeiramente na necessidade de considerar as mudanças tecnológicas no âmbito da produção e compreensão textual, posição já defendida por documentos oficiais, como a BNCC (Brasil, 2018), como mencionado, e também por linguistas e estudiosos do campo dos (multi)letramentos, tais quais Soares (2009), Rojo (2011), Ribeiro (2021), entre outros.

Em suma, a escolha do gênero resenha como objeto de estudo se deu principalmente pela lacuna existente na literatura da área, que ainda não avançou para a discussão de como esse gênero específico se configura em novos ambientes digitais, como as redes sociais. A escolha pela resenha literária, especificamente, tem como justificativa a relevância observada dessas

publicações para o debate sobre literatura e, como já mencionado, para o mercado editorial no país. Espera-se que esse estudo possa contribuir para a compreensão de que um gênero pode se comportar de diferentes formas em diferentes contextos sem deixar de se constituir como tal.

Assumimos neste trabalho a visão de língua como uma forma de ação social e histórica, privilegiando principalmente a sua natureza funcional e interativa (Marcuschi, 2010, p. 23), ou seja, nos alinhamos a uma perspectiva linguística enunciativo-discursiva, a última tendo, aqui, como principal referência o pensamento do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2016; Volochinov, 2018). Além disso, consideramos que a comunicação entre sujeitos se dá, essencialmente, pelos gêneros textuais, posição também defendida pelo Círculo de Bakhtin e que insere este trabalho no campo de estudos de gêneros discursivos/textuais. Este trabalho também procura se relacionar ao desafio proposto pela Linguística Aplicada (LA) de, a partir dos estudos linguísticos, direcionar um olhar crítico e analítico sobre questões relevantes que envolvem o uso de linguagem. Nas palavras de Oliveira (2012, s. p.), a LA pretende

assumir como objeto de estudo privilegiado a linguagem verbal¹ em uso em práticas sociais que se realizam em contextos institucionais demarcados, nas esferas públicas e privadas, em universos discursivos, os mais diversos. Um modo de produzir conhecimentos de natureza inter/transdisciplinar e que objetiva problematizar e compreender questões de linguagem que respondam a necessidade da sociedade contemporânea. (Oliveira, 2012, s. p.)

Nesse contexto, neste trabalho optamos por investigar como o gênero textual/discursivo resenha literária é utilizado nas práticas sociais dos usuários da rede social Instagram. Em outras palavras, definimos como objetivo geral de pesquisa **analisar o gênero textual/discursivo resenha a partir de sua circulação na rede social Instagram**, de forma a discutir os aspectos de análise linguística e semiótica desse gênero, a partir dos recursos do suporte e das interações entre sujeitos.

Os objetivos específicos, por sua vez, são:

- Identificar os principais aspectos linguísticos e sociodiscursivos da resenha no Instagram, a partir de seus movimentos retóricos.
- Discutir a multimodalidade da resenha no Instagram e o impacto dos aspectos semióticos e de seus usos nos modos de interação entre os sujeitos.
- Investigar a influência do suporte na composição do gênero resenha.

¹ Aqui é necessário problematizar a posição privilegiada na qual a linguagem verbal é posta em diversos textos que tratam da LA, que não apenas omitem outros tipos de linguagem como hierarquizam e dicotomizam os diferentes modos de comunicação.

- Verificar de que maneira as características do gênero resenha no Instagram podem contribuir para práticas de letramentos que o envolvem.

Para alcançar os objetivos geral e específicos, este trabalho propõe uma análise webdocumental de resenhas críticas de livros na rede social Instagram. A partir de uma abordagem qualitativa, três textos, coletados a partir da navegação pelas hashtags #bookstagram, #resenha (ou #resenhas) ou #resenhaliterária e identificados previamente como resenhas, são analisados com o intuito de identificar e mapear características, identificando pontos em comum dentro do *corpus* maior e traçando comparações com o que é conhecido sobre o gênero em sua versão escrita em outros suportes, com base em textos teóricos que discutem as características da resenha. Além disso, para nortear a análise são retomados os movimentos retóricos do gênero conforme Pinton e Barreto (2019), sendo eles a apresentação, a descrição, a avaliação e a recomendação. Com base nesses materiais, são propostos critérios para a análise dos dados gerados.

Quanto à organização, esta dissertação terá cinco capítulos. No primeiro, *Concepção de linguagem, gêneros discursivos e suportes*, nos debruçamos, primeiramente, sobre algumas das principais contribuições dialógico-discursivas do Círculo de Bakhtin. A escolha pela perspectiva bakhtiniana se dá pelo amplo panorama teórico sobre linguagem apresentado nos trabalhos do Círculo, o que contribui não só para uma compreensão geral das questões linguísticas, mas também para o posicionamento em relação à sua dimensão social, cultural e histórica, o que é relevante no contexto deste trabalho.

A partir dessa reflexão, partimos para uma discussão específica sobre os gêneros textuais/discursivos também considerando a perspectiva do Círculo e incluindo a colaboração de autores do contexto brasileiro, como Áurea Zavam e Luiz Antônio Marcuschi, que contribui principalmente para a discussão sobre a questão do suporte. Nesse sentido, propomos um diálogo entre diferentes perspectivas que se alinham em uma perspectiva sociodiscursiva e sócio-histórica. Também nesse capítulo, discutimos sobre a resenha a partir de manuais de escrita acadêmica (Andrade, 2006; Machado; Lousada; Abreu-Tardelli, 2004; Medeiros, 2008) e dissertações desenvolvidas por professores da educação básica (Almeida, 2018; Lima, 2018; Zacarias, 2019).

No segundo capítulo, intitulado *(Multi)letramentos, multimodalidade e tecnologias*, traçamos um panorama sobre os estudos dos (multi)letramentos, sua relevância e contribuições para o ensino e para os estudos linguísticos, considerando as reflexões de nomes como Kleiman (1995), Soares (2004) e Rojo (2003), consideradas responsáveis pelo fortalecimento da área no

Brasil, e referências internacionais como a obra de Street (2013) e do Grupo de Nova Londres, em especial o trabalho publicado no Brasil em 2021, produzido por Courtney Cazden e colaboradores. No grande campo dos multiletramentos, discutimos especificamente a questão da multimodalidade, tomando como principais referências Kress (2003) e Kress e van Leeuwen (2001; 2006), na área da semiótica social, e Ribeiro (2017; 2018; 2021), que também contribui para a discussão sobre multiletramentos e suportes. Com isso, relacionamos essas questões às práticas de leitura e escrita em um contexto em que as novas tecnologias de informação e comunicação perpassam essas práticas, considerando sua influência.

No terceiro capítulo, *O (Book)Instagram*, exploramos a rede social Instagram a partir de suas principais ferramentas e características, influentes na produção e circulação dos textos na rede social. Com base no trabalho de Recuero (2009), buscamos definir a noção de rede social, aproximando as contribuições da autora ao que se observa atualmente. Em seguida, de modo mais específico, incluímos uma discussão geral sobre a comunidade literária nessa rede social, o *bookstagram*, responsável pela promoção dos textos aqui analisados.

No capítulo *Procedimentos metodológicos*, o quarto da dissertação, descrevemos os caminhos de análise assumidos neste trabalho, desde a coleta de dados até sua avaliação, incluindo os critérios estabelecidos para análise. Por fim, no quinto capítulo, *Análise dos dados*, analisamos três dos exemplares coletados em vista ao referencial teórico discutido, a fim de atingir os objetivos propostos com base nos critérios sugeridos. Por fim, retomando os resultados encontrados e relacionando-os aos aportes teóricos, encerramos nossa discussão com as *Conclusões*.

1 CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM, GÊNEROS DISCURSIVOS E SUPORTES

Neste capítulo, a noção de gêneros discursivos ou textuais² será discutida a partir das contribuições teóricas do Círculo de Bakhtin e considerando as reflexões feitas no contexto brasileiro por Luiz Antônio Marcuschi, autor que possui vasta bibliografia sobre o assunto e que se alinha, em muitos momentos, às discussões propostas pelo Círculo, assim como Aurea Zavan, que se debruça sobre a noção de transmutação dos gêneros. Entretanto, antes de uma discussão objetiva sobre a noção de gêneros, é necessária uma revisão dos debates produzidos pelo Círculo sobre linguagem e discurso, uma vez que eles são fundamentais para a concepção de gêneros do discurso defendida.

Em seguida, faz-se necessário discutir a noção de suporte, uma vez que ela é essencial para compreender a materialização dos gêneros. Por fim, o gênero textual/discursivo resenha será explorado a partir da reflexão acerca da maneira como ele é discutido por diferentes autores. É importante ressaltar a relevância, neste trabalho, de explorar a possibilidade de se propor um diálogo entre diferentes perspectivas teóricas e seus autores, de modo a não exceder o rigor teórico-metodológico necessário, mas sim contribuir para o progresso da discussão e enriquecer a análise de dados.

1.1 DISCUSSÕES LINGUÍSTICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Faraco (2009), ao se propor a discutir as ideias linguísticas e filosóficas do Círculo, afirma que desde os primeiros textos desse grupo multidisciplinar havia uma preocupação com a linguagem. A noção de que a linguagem não consiste apenas em um sistema de regras, mas sim em uma forma de atividade, tão cara para os estudos linguísticos contemporâneos, começou a ser desenvolvida já no início dos anos 1920 e continuou sendo explorada em obras seminais desde então. De acordo com ele,

no texto *Para uma filosofia do ato*, a linguagem aparece já apresentada (p. 31 e 37) como atividade (e não como sistema) e o enunciado (p. 37) como um ato singular, irrepetível, concretamente situado e emergindo de uma atitude ativamente responsiva, isto é, uma atitude valorativa em relação a determinado estado de coisas. (Faraco, p. 2009, 24)

² A escolha da nomenclatura referente à discussão sobre gêneros é divergente entre diferentes autores que estudam a questão. Neste trabalho, as expressões “gênero discursivo” e “gênero textual” serão tomadas como sinônimas, havendo preferência pelo emprego de “gêneros textuais/discursivos”, salvo os momentos de discussão sobre a definição bakhtiniana, nos quais será mantida a nomenclatura assumida pelos autores (cf. Bezerra, 2022).

A noção de atividade ou ato, nesse contexto, não se refere imediatamente a uma ação física, apesar de ela ser uma das dimensões possíveis de serem mobilizadas na atividade ou evento. Tratando-se de uma acepção filosófica, atividade/ato e evento são “sempre entendidos como agir humano, ou seja, ação física praticada por sujeitos humanos, ação situada a que é atribuído ativamente um sentido no momento mesmo em que é realizada” (Sobral, 2005, p. 13). Mais do que pensar a atividade ou evento realizados como atos autônomos, o interesse está nos significados construídos e sua relação com o contexto e situação com as quais estão relacionados.

Além de se debruçar sobre a relação entre a linguagem e a ação humana, Volóchinov sugeriu a ideia de ideologia como inerente à ação verbal, afirmando que “[a] palavra é o *fenômeno ideológico par excellence*. Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo. Não há nada na palavra que permaneça indiferente a essa função e que não seja gerado por ela” (Volóchinov, 2018, p. 98-99, destaque do autor). Apesar de a palavra enquanto unidade linguística ser considerada neutra, ou seja, não carregar uma perspectiva ideológica única em todo contexto, conforme se torna signo ela pode assumir diferentes funções ideológicas. Em linhas gerais, o signo para o Círculo consiste na união entre um corpo material, que não possui sentido ou ideologia por si mesmo, e o significado, relacionado ao mundo social e ideológico. Em Volóchinov, a questão é posta da seguinte forma:

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social - seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo - mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. (Volóchinov, 2018, p. 91)

Nesse sentido, não há espaço para uma perspectiva neutra de linguagem, uma vez que as palavras têm uma função vinculada à realidade material e às relações sociais e, nessas relações, os sujeitos se posicionam de maneira avaliativa a respeito de valores e de outros discursos. Em outras palavras, “para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo” (Faraco, 2009, p. 47). Ao próprio signo pode ser direcionada uma postura avaliativa; sempre é possível atribuir valores como “verdadeiro”, “falso”, “certo”, “errado”, entre outros, relacionados ao ponto de vista assumido diante dele (Volóchinov, 2018, p. 93). Além de uma postura avaliativa, a importância das relações sociais se reflete na própria compreensão do signo, uma vez que há necessidade de que os sujeitos envolvidos na interação estejam socialmente organizados para

que possam, em um contexto social e ideológico, compreender os signos e, com isso, formar o “meio sógnico” entre eles (Volóchinov, 2018, p. 97).

Se a linguagem não pode ser assumida em uma perspectiva neutra, a ideologia também não é algo que surge fora do contexto sócio-histórico no qual os sujeitos estão inseridos, ou seja, a ideologia não é algo posto e determinado. Além disso, sendo a ação verbal, mediada pela língua, permeada de ideologia, e a ideologia estando relacionada a questões sociais, históricas e culturais, em uma perspectiva bakhtiniana não é possível pensar em mudanças sociais que não se reflitam também em mudanças linguísticas. Miotello (2005) explica que

as menores, mais ínfimas e mais efêmeras mudanças sociais repercutem imediatamente na língua: os sujeitos interagentes inscrevem nas palavras, nos acentos apreciativos, nas entonações, na escala dos índices de valores, nos comportamentos ético-sociais, as mudanças sociais. As palavras, nesse sentido, funcionam como agente e memória social, pois uma mesma palavra figura em contextos diversamente orientados. (Miotello, 2005, p. 172)

Bakhtin (2016) elabora a ideia de que “[o] emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (Bakhtin, 2016, p. 11). A partir disso, esclarece as fronteiras entre a noção de oração e de enunciado, uma vez que a primeira diz respeito a uma unidade linguística neutra e possível de ser incorporada em diferentes contextos, enquanto o enunciado é único e relacionado ao seu contexto de produção, ou seja, à esfera de atividade humana e seus integrantes. Além disso, o enunciado a ser produzido é um fator influente na seleção do tipo de oração a ser utilizada. Nas palavras de Bakhtin,

Quando escolhemos um tipo de oração, não o escolhemos apenas para uma oração, não o fazemos por considerarmos o que queremos exprimir com determinada oração; escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado inteiro que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha. (Bakhtin, 2016, p. 43)

Essa relação e distanciamento entre oração e enunciado também retoma a discussão sobre ideologia. Volóchinov afirma que “[q]ualquer fenômeno ideológico sógnico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante” (Volóchinov, 2018, p. 94). Se a utilização da língua é um fenômeno que se dá a partir de enunciados ideológicos, as orações, bem como os textos, funcionam como encarnação material desse fenômeno, relacionado à atividade humana.

Os enunciados, além de ideológicos, estão relacionados à situação social imediata, como defendido por Volóchinov (2018, p. 206-207). Primeiramente, essa noção influencia na relação entre locutor e enunciado, uma vez que a escolha do enunciado a ser produzido não é motivada

pelas formas normativas *a priori*, mas sim de acordo com suas possibilidades em um contexto concreto de enunciação. Dito de outra forma, a utilização do sistema linguístico pelo locutor é de caráter reflexivo e contextualizado, não imediatamente normativo, “[o] centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo” (Volóchinov, 2018, p. 216, destaque do autor).

O interlocutor, por sua vez, também decodifica o discurso a partir do contexto de interlocução, não apenas reconhecendo a forma utilizada pelo locutor. De acordo com Volóchinov, esse falante considera que “a forma linguística é importante não como um sinal constante e invariável, mas como um signo sempre mutável e flexível” (Volóchinov, 2018, p. 177, destaque do autor). Reconhecer a mutabilidade e flexibilidade do signo permite, por sua vez, que os interlocutores sejam capazes de interagir em situações comunicativas diversas, (re)produzindo e decodificando diferentes enunciados.

A relação entre enunciação e situação social dialoga com outra discussão importante do Círculo, especialmente no texto de Volóchinov (2018), sobre a interlocução. De acordo com ele, a “interação discursiva é a realidade fundamental da língua” (Volóchinov, 2018, p. 219), ou seja, toda a ação comunicativa sugere um interlocutor concreto, um sujeito ou um representante do grupo social ao qual o locutor pertence (Volóchinov, 2018, p. 218). É reforçado que a interlocução é produzida a partir da interação do locutor e do interlocutor, isto é, o interlocutor também possui um papel agentivo nesse movimento, contrapondo a noção de um interlocutor/receptor passivo. Introduz-se, dessa maneira, a noção de atitude responsiva ativa:

o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. (...) toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (Bakhtin, 2016, p. 24-25)

O interlocutor é visto como um sujeito ativo que interage com a contribuição do locutor, podendo assumir diferentes posições e comportamentos diante do que foi dito, desde uma resposta verbal até a execução de uma ação. Além disso, a atitude responsiva ativa também é uma forma de interpretação do que foi dito, de modo que a “cada elemento semântico isolável do enunciado, assim como o enunciado em sua totalidade, é traduzido por nós para outro contexto ativo e responsivo. *Toda compreensão é dialógica.*” (Volóchinov, 2018, p. 232, destaque do autor).

A atitude responsiva nem sempre é imediata, sugerindo uma continuidade da “cadeia ininterrupta de discursos verbais” (Volóchinov, 2018, p. 184). De acordo com Bakhtin (2016), alguns enunciados sugerem uma ação imediata, como ocorre, por exemplo, com as ordens militares, enquanto outros, como enunciados relacionados aos gêneros líricos, não implicam uma atitude imediata e a resposta pode ser posterior, inclusive por meio de uma influência no comportamento do leitor/ouvinte. Além disso, essa resposta é esperada pelo falante, uma vez que “ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc.” (Bakhtin, 2016, p. 25). Essa expectativa é relevante e motiva escolhas ao longo da interação, prevendo, em menor ou maior grau, a continuidade da enunciação.

Essa continuidade, contudo, não é uma característica apenas da ação de resposta do interlocutor, uma vez que o próprio discurso do locutor não inicia seu discurso no vazio, mas responde aos discursos anteriores a ele. Faraco (2009), ao discorrer sobre como o Círculo discute essa questão, afirma que

Nossos enunciados emergem - como respostas ativas que são no diálogo social - da multidão das vozes interiorizadas. Eles são assim, heterogêneos. Desse ponto de vista, nossos enunciados são sempre discurso citado, embora nem sempre percebidos como tal, já que são tantas as vozes incorporadas que muitas delas são ativas em nós sem que percebamos sua alteridade (na figura bakhtiniana, são palavras que perderam as aspas). (Faraco, 2009, p. 85)

Isso significa que os enunciados não emergem na atividade do locutor, mas têm seu início a partir do enunciado de outros, da mesma forma que seu fim não é imediatamente determinado, uma vez que ainda haverá enunciados-respostas dos outros (Bakhtin, 2016, p. 25-26).

A escolha por retomar as discussões propostas e desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin neste trabalho, que se insere historicamente em um contexto diverso daquele no qual esses debates surgiram e se tornaram fundamentais para a linguística, se justifica pelo fato de as contribuições do Círculo ainda serem de grande relevância na contemporaneidade, considerando-se que a comunicação humana está cada vez mais influenciada pelas diferentes formas de interação, especialmente as virtuais. No universo digital do qual os textos analisados neste trabalho participam, o estabelecimento de um interlocutor potencial, por exemplo, capaz de responder ativamente à proposta de quem produz nas diferentes redes, é um aspecto complexo ressaltado pelas noções de influência e engajamento, que sugerem uma troca explícita e muitas vezes quantitativa entre os sujeitos.

Além disso, ser capaz de se atentar à ideologia como norteadora das escolhas que perpassam as produções que circulam no espaço digital ainda é um desafio, visto que são muitas as estratégias utilizadas na tentativa de atenuar aquilo que pode não ser agradável, do ponto de vista da persuasão, ao leitor. Também considerando a natureza dos dados analisados e do gênero textual/discursivo ao qual os textos pertencem, a resenha, cabe observar de que maneira a postura avaliativa dos resenhistas e comentaristas se apresenta, bem como de que forma esses sujeitos são capazes de articular, em seus textos, diferentes vozes que os influenciam, desde o autor do livro resenhado até outros sujeitos.

Dando continuidade às reflexões teóricas deste capítulo, a próxima seção se debruça sobre os gêneros textuais/discursivos. Como poderá ser observado, essa noção não se isola de outras discutidas pelo Círculo que também são consideradas neste trabalho, especialmente da concepção linguística assumida, que endossa uma perspectiva baseada no uso e não restrita à forma, bem como relacionada ao contexto social dos sujeitos envolvidos.

1.2 OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Na seção anterior, foi discutido, em linhas gerais, de que maneira a linguagem é concebida pelo Círculo de Bakhtin, sendo possível concluir que a relação com as práticas e situações sociais, a interação entre sujeitos e discursos e a atitude responsiva ativa são elementos fundamentais para sua definição. Faraco (2009) sintetiza essa visão da seguinte maneira:

o Círculo parte da asserção de que a realidade fundamental da linguagem é o fenômeno social da interação verbal (Marxismo e filosofia da linguagem, p. 94). Nesse sentido a linguagem verbal não é vista primordialmente como sistema formal, mas como atividade, como um conjunto de práticas socioculturais que têm formatos relativamente estáveis (concretizam-se em diferentes gêneros do discurso) e estão atravessadas por diferentes posições avaliativas sociais (concretizam diferentes vozes sociais). (Faraco, 2009, p. 120)

Nesta seção, em articulação com outros conceitos que vimos tratando até então, outra noção importante que partiu dos trabalhos do Círculo será discutida, a de gêneros do discurso. Todavia, neste momento serão tomadas como referência não apenas os trabalhos do Círculo, em especial o capítulo *Os gêneros do discurso*, presente na obra *Estética da Criação Verbal*, publicada em 1979, mas também discussões realizadas no contexto brasileiro, que dialogam com as contribuições feitas por Bakhtin.

Uma vez que a língua é utilizada em todas as chamadas esferas da atividade humana e que essas esferas são variadas, os modos nos quais a utilização da língua se dá também são variados (Bakhtin, 2016). Esses modos de utilização da língua são os enunciados, que se configuram em “*tipos relativamente estáveis*” (Bakhtin, 2016, p. 12), os gêneros do discurso, compostos por três elementos que se configuram de acordo com a esfera à qual o enunciado pertence: conteúdo temático, estilo (verbal, relacionado à utilização de elementos linguísticos) e construção composicional.

O conteúdo temático se define a partir dos temas, ideias e significados presentes em um discurso e se organiza a partir das interações entre autor e contexto social. O estilo, além de se referir às escolhas linguísticas, está relacionado à seleção de expressão feitas pelo autor em suas interações, tendo em vista também as convenções do grupo social ao qual pertence. Além disso, a noção de estilo se relaciona à questão da postura avaliativa, uma vez que, ao realizar a apreciação de um objeto, seja concreto ou abstrato, o sujeito contamina seu estilo de acordo com o tipo de valor atribuído ao objeto – o que poderá ser observado na análise dos dados deste trabalho. A construção composicional, por sua vez, diz respeito à forma como diversos elementos se fazem presentes no discurso, também se tratando de uma escolha contextualizada e motivada pelas interações sociais. Nesse sentido, os três elementos contribuem para a composição dos gêneros em uma perspectiva que reconhece a importância da interação social na produção e interpretação dos discursos.

A discussão sobre os gêneros discursivos se deu inicialmente em um contexto literário, porém as contribuições de Bakhtin e do seu Círculo, ao debaterem essa noção de acordo com diferentes áreas, foram relevantes para abarcar reflexões acerca de outras práticas, incluindo as mais cotidianas e corriqueiras. Machado (2005) ressalta que, apesar de Bakhtin nunca ter tratado da comunicação em massa ou das tecnologias digitais modernas, a abertura conceitual promovida pelo Círculo é relevante para os estudos desses e de outros fenômenos.

De acordo com Bakhtin (2016), da mesma forma que a variedade da atividade humana é inesgotável, a variedade dos gêneros do discurso também o é, e cada esfera dessa atividade tem um repertório de gêneros que lhe é próprio e que se modifica e se amplia em consonância com a esfera e seu grau de complexidade. A relação entre os gêneros do discurso e esferas de atividade não diz respeito a uma abstração, mas sim à relação entre os gêneros e os enunciados concretos manifestados nos discursos (Machado, 2005). Trata-se de uma “abordagem linguística centrada na função comunicativa em detrimento até mesmo de algumas tendências dominantes como a função expressiva ‘do mundo individual do falante’”. (Machado, 2005, p. 156)

Os gêneros discursivos são heterogêneos, uma vez que se relacionam desde as trocas cotidianas até as situações formais de comunicação, e os sujeitos, como seres pluriativos (Faraco, 2009), são capazes de transitar por diferentes gêneros, de esferas mais formais às mais informais. A situação social com a qual o gênero se relaciona é o que determina a constituição de um gênero, o que nega uma percepção de gêneros pautada apenas em seus aspectos formais.

Com isso em vista, é proposta a distinção entre gêneros primários e gêneros secundários. Os gêneros primários são aqueles que se constituem em situações espontâneas, como as conversas informais, e que podem perpassar os gêneros secundários, isto é, aqueles que surgem em situações comunicativas mais complexas, como é o caso do romance e do discurso científico. Bakhtin (2016) defende que essas particularidades dos gêneros devem ser consideradas caso o estudo linguístico pretenda fugir do formalismo e da abstração. Para ele, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (Bakhtin, 2016, p. 16-17).

A partir disso é possível apontar que, apesar de a estabilidade e a previsibilidade que caracterizam os gêneros discursivos serem importantes para a noção bakhtiniana, não é apenas a forma que é relevante. A perspectiva sócio-histórica sobre os enunciados também norteia a discussão sobre os gêneros do discurso, havendo uma “correlação entre os tipos de enunciados (gêneros) e suas funções na interação socioverbal; entre os tipos e o que fazemos com eles no interior de uma determinada atividade social.” (Faraco, 2009, p. 126). Somando-se a isso, também há espaço para refletir sobre a individualidade do falante, uma vez que a própria escolha do gênero discursivo a ser considerado em determinada interação expressa uma vontade discursiva do falante (Bakhtin, 2016, p. 37-38). Apesar de nem todos os gêneros permitirem maior influência da subjetividade do falante, é importante considerá-la, relacionando-a ao próprio caráter do gênero e a situação concreta de comunicação, por exemplo.

Além disso, Bakhtin reconheceu a historicidade dos gêneros, uma vez que eles podem se transformar de acordo com as mudanças das atividades humanas ao longo do tempo. De acordo com Rodrigues (2007), isso significa retirar os gêneros da abstração, concebendo-os como históricos e concretos. Nas palavras de Bakhtin (2016), “[a]s mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissoluvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso” (Bakhtin, 2016, p. 20). Nesse sentido, para o autor, os gêneros discursivos permitem que se relacione a história da sociedade e a história da humanidade. Essa posição reforça a importância dos estudos dos gêneros discursivos não de forma isolada ou apenas formalista, mas tendo em vista os aspectos socioculturais que perpassam seus textos.

Além disso, os gêneros são mobilizados pela atividade humana de modo que “se renovam a cada situação social de interação, pois cada enunciado individual contribui para a existência e continuidade dos gêneros” (Rodrigues, 2007, p. 166). Essa perspectiva ressalta que um gênero não surge ou desaparece pela existência de um novo gênero, mas por haver condições sociais e comunicativas que possibilitem sua utilização ou não.

No contexto brasileiro, Marcuschi (2010) também fala sobre os gêneros de acordo com uma perspectiva dinâmica e se afasta de uma posição estruturalista diante dos fenômenos linguísticos ao afirmar que “os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa” (Marcuschi, 2010, p. 19). De acordo com o autor, apesar de a identidade dos gêneros ser poderosa e as escolhas textuais não serem aleatórias, eles são “formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, [por isso] veremos os gêneros como entidades dinâmicas” (Marcuschi, 2011, p. 18). Essa dinamicidade está relacionada aos sujeitos, à cognição, aos interesses e relações de poder, bem como à tecnologia, que influenciam nas mudanças que podem surgir.

Além da perspectiva da dinamicidade na produção de novos gêneros, Marcuschi (2011) explora a ideia de mutabilidade dos gêneros e também do surgimento de novos gêneros a partir de outros já existentes. De acordo com ele,

Um gênero dá origem a outro, e assim se consolidam novas formas com novas funções, de acordo com as atividades que vão surgindo. Nem sempre temos algo essencialmente novo, mas derivado, como, por exemplo, os surgindo como uma forma de conversação por meios eletrônicos, ou os *blogs* surgindo dos *diários de bordo*. Esse estado de coisas mostra a dinamicidade dos gêneros e sua facilidade de adaptação, inclusive na materialidade linguística. (Marcuschi, 2011, p. 22)

Zavan (2012), a partir da perspectiva bakhtiniana de historicidade dos gêneros textuais/discursivos, discute a noção de transmutação. De acordo com a autora, os gêneros estão em um constante processo de evolução, não só no que diz respeito a si mesmos, como também a outros. Nesse processo, gêneros podem desaparecer ou surgir, incorporar outros gêneros ou se adaptar às mudanças nos suportes e na sociedade. Nas palavras da pesquisadora,

entendemos a transmutação como um processo constitutivo dos gêneros, já que nenhum gênero, quer seja primário, quer secundário, permanece inalterável no curso de suas manifestações. Esta nossa proposição nos leva a ressaltar a estreita imbricação entre história da sociedade e história dos gêneros do discurso. Se a sociedade se transforma, transformam-se também os gêneros, não importando de que natureza sejam. (Zavan, 2012, p. 254)

Nessa perspectiva, a transmutação é um processo que pode ocorrer de diferentes formas, sendo um conceito que engloba não só o desaparecimento ou surgimento de novos gêneros ou a incorporação de um gênero em outro. Para contemplar a complexidade da noção de transmutação, a autora propõe uma classificação de quatro tipos: criadora, inovadora, externa e interna. A transmutação criadora diz respeito ao processo de surgimento de novos gêneros, enquanto a inovadora se relaciona às mudanças que um gênero pode sofrer. Por sua vez, a transmutação externa (ou intergenérica), criadora ou inovadora, compreende a influência de outros gêneros nesses processos; a interna (intragenérica), por sua vez, ocorre sem uma influência direta de outro gênero, da mesma ou de outra esfera de comunicação.

A resenha, gênero analisado neste trabalho, é um exemplo de um gênero que passou por uma transmutação inovadora e interna ao ser incorporada na rede social Instagram. Como será observado, parece haver sofrido uma mudança significativa considerando seu contexto de produção e circulação, bem como seu suporte, mas sem a incorporação de características de outro gênero que se sobressaem às da resenha. Esse movimento também é observado no contexto do *booktube* e do *booktok* em relação à videorresenha, analisada em trabalhos como de Araújo, Andrade e Lima (2021) – relacionado ao *booktube* – e de Costa (2023) – relacionado ao *booktok*, que se preocupam em analisar a estrutura retórica do gênero e demonstram que, tendo em vista o contexto de produção e o suporte, um mesmo gênero se comporta diferentemente. Nesse sentido, a noção de transmutação se mostra relevante em um estudo que se compromete a analisar esse gênero em uma perspectiva funcional e sócio-histórica.

Conclui-se, portanto, que a noção de gêneros textuais/discursivos está relacionada não apenas à estrutura dos textos pertencentes a eles, mas também a características sociais e culturais, como os usos que são feitos de um gênero, as relações humanas e as mudanças e novidades nos meios de interação. A relação entre diferentes gêneros textuais/discursivos ou textuais também é um ponto a ser considerado, uma vez que um gênero não está isolado dos demais, podendo inclusive exercer influência na composição de novos gêneros. Outro aspecto relevante para os objetivos deste trabalho é a relação entre os gêneros e a noção de suporte, que será explorada a seguir.

1. 2. 1 A noção de suporte

Marcuschi (2011), ao escrever sobre a circulação dos gêneros na sociedade, sugere que essa circulação ocorre de variadas formas, bem como em variados suportes. Em texto de 2003, o autor já definia a noção de suporte como necessária para a discussão dos gêneros, uma vez que, de acordo com ele, “todo gênero tem um suporte” (Marcuschi, 2003, p. 9). Além de

permitir a circulação dos gêneros, o suporte também exerce influência sobre eles, por isso é necessário que seja levado em conta pelo locutor durante a produção de textos. Em outras palavras, **“o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele”** (Marcuschi, 2003, p. 13, destaque do autor).

Por vezes a noção de suporte é confundida com a de gênero, sugerindo uma sinonímia entre os termos, porém, apesar de relacionados, eles se diferem pelo caráter material ou físico do suporte. A definição de suporte dada por Marcuschi (2003) sugere que ele seja **“um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”** (Marcuschi, 2003, p. 11, destaque do autor). Essa definição, de acordo com o autor, comporta três aspectos: o suporte é um lugar físico ou virtual, possibilitando o que Bakhtin define como encarnação material; o suporte possui um formato específico; o suporte serve para fixar e mostrar o texto. O gênero textual/discursivo, sem um suporte, permanece um enunciado abstrato.

Além disso, Marcuschi (2003) sugere a distinção entre suportes convencionais, aqueles que existem tendo em vista sua função de portarem textos, e suportes incidentais, que operam eventualmente como suportes. Entre os suportes convencionais, estão, de acordo com o autor, o livro em papel, que pode comportar gêneros distintos, desde o romance à tese de doutorado; o livro didático, com sua multiplicidade de gêneros; o quadro de avisos, entre outros. Por outro lado, qualquer superfície pode se tornar um suporte incidental, de acordo com o uso feito dela – se um poema for reproduzido em uma mesa, por exemplo, essa mesa é incidentalmente o suporte desse gênero literário.

O autor ilustra como o suporte influencia na produção do gênero ao apontar para a diferença entre uma notícia dada em uma rádio ou em uma televisão. A notícia dada através de uma televisão será composta por diferentes elementos verbais escritos e orais e não verbais que irão interferir na maneira como o interlocutor receberá a notícia, diferente do que ocorre na rádio, que conta com o uso da linguagem verbal oral. Ao passar por um estabelecimento, observar em uma tela a manchete e as imagens utilizadas em uma notícia já antecipa informações ao leitor, mesmo que ele não seja capaz de parar e ouvir o que está sendo noticiado. Por outro lado, a rádio demanda uma atenção auditiva indispensável para a compreensão, mesmo que geral, do que estão noticiando. Chartier (2002) também reforça essa percepção e reafirma a importância das formas de relação com o texto, uma vez que, segundo ele,

Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam

profundamente da construção de seus significados. O "mesmo" texto, fixado em letras, não é o "mesmo" caso mudem os dispositivos de sua escrita e de sua comunicação (Chartier, 2002, p. 61-62).

Desde Marcuschi (2003), outros estudiosos se preocuparam em discutir a questão do suporte e propor definições e análises considerando essa questão, apesar de ainda haver uma lacuna, nos estudos sobre gêneros, de estudos que se propõem a discutir a relação entre textos, gêneros e suportes (Bezerra, 2022). Costa (2008) retoma a ideia de que todo texto tem um suporte, assim como afirma que todo gênero possui um suporte mais comumente associado a ele pelos falantes, que “estabelecem uma relação metonímica entre os gêneros textuais e os suportes que permitem sua circulação, devido à própria natureza do suporte, à sua concretude” (Costa, 2008, p. 191).

Contudo, essa relação não é biunívoca, ou seja, não é possível assumir que exista apenas um suporte convencional que contribui para a circulação de um gênero. Além disso, a mudança entre suportes que textos de um mesmo gênero podem sofrer não acontece sem interferir na leituras desses textos, uma vez que o suporte contribui para a construção de sentidos. Essa reflexão se mostra relevante, uma vez que, com o surgimento de novos suportes e a complexidade em sua composição, não só a leitura sofre cada vez mais interferências, mas os próprios gêneros se modificam.

Assim como Costa (2008), Bonini (2011) revisita o trabalho de Marcuschi (2003) e de outros estudiosos preocupados com a questão do suporte, porém, diferente do primeiro, Bonini propõe a noção de mídia, em vez de suporte, para definir “um elemento contextualizador no interior do qual o gênero circula” (Bonini, 2011, p. 688). O suporte seria, então, os componentes materiais, como cabos e peças, que compõem as mídias que, por sua vez, tornam possível a circulação dos gêneros. É interessante a discussão proposta sobre a popularização do termo mídia e sobre as inconsistências e lacunas que podem surgir na definição do suporte. Além disso, o autor assume uma posição semelhante à de outros pesquisadores ao afirmar que a mídia, como elemento contextualizador, interfere no gênero. De acordo com ele,

Uma mídia estabelece coordenadas (processos de edição, relações espaciais e temporais particulares entre interlocutores, etc.) às quais o gênero se ajusta, de modo que as várias versões de uma mesma notícia na televisão, no rádio, no jornal e na internet são coisas relativamente distintas em função do tipo de mediação linguageira a que estão sujeitas. (Bonini, 2011, p. 688)

Nesse sentido, a influência vai além do processo de circulação e leitura dos textos de um gênero, mas considera todo o processo envolvendo o planejamento e produção. Neste trabalho, tendo em vista o referencial teórico explorado, mantém-se assumida a noção de

suporte sugerida por Marcuschi (2003), reconhecendo seu caráter introdutório e, em alguns aspectos, pouco aprofundado, mas também tendo em vista sua função norteadora de discussões desenvolvida por outros autores ao longo dos últimos vinte anos. Porém, trabalhos como o de Bonini (2011) também se mostram importantes para a discussão aqui proposta.

Retomando a necessidade de aprofundamento nos estudos sobre suporte e dialogando com uma perspectiva que relaciona gênero e suporte, Rosa e Gonçalves (2020) propõem a existência de quatro dimensões que podem caracterizar um suporte. Essas dimensões, sintetizadas no quadro a seguir, dizem respeito ao contexto, tipo, formato e material do suporte, e ajudam na compreensão e na distinção entre diferentes suportes.

Quadro 1 – Dimensões do suporte

	Contexto	Tipo	Formato	Material
Suporte	Produção ou Circulação	Impresso	Livro Revista Embalagem...	Papel Cartão...
		Digital	PDF Word Hipertextual...	Virtual
		Manuscrito	Livro Caderno...	Papel Cartão Betão...
		Oral	Ondas sonoras	Ar

Fonte: Adaptado de Rosa; Gonçalves (2020).

No que diz respeito ao contexto, um suporte pode ser o mesmo tanto para produção quanto para circulação em alguns casos. O Instagram, neste trabalho defendido como suporte, seria tanto o contexto de produção quanto de circulação de diferentes gêneros, considerando que ele oferece as ferramentas para produção – como, por exemplo, o acesso à câmera para a geração de imagens que podem ser utilizadas nas publicações – e também as formas de circulação dos textos produzidos. É diferente, por exemplo, de um livro físico, que, na produção, tem como suporte o editor de textos utilizado na sua escrita e, na circulação, o material impresso comercializado.

De acordo com as autoras, existem quatro tipos de suporte, e cada tipo determina as dimensões que dizem respeito ao formato e ao material. Esses tipos dizem respeito ao “meio de acesso aos textos, ou seja, ao lugar ou modo como o texto é fixado e mostrado quando acedemos ao mesmo” (Rosa; Gonçalves, 2020, p. 267). Retomando a discussão sobre o Instagram, podemos dizer que é um suporte digital, sendo necessários instrumentos e ferramentas desse

universo para que os seus conteúdos sejam acessados, diferentes daqueles que dizem respeito aos suportes impressos, por exemplo.

No que diz respeito ao formato e ao material, é possível observar no Quadro 1 alguns exemplos relacionados a cada tipo. Ao longo de seu trabalho, Rosa e Gonçalves (2020) analisam alguns gêneros e seus possíveis suportes de acordo com as dimensões apresentadas, de forma e a contribuir também para a discussão sobre a relação entre esses suportes e a caracterização dos gêneros. As autoras afirmam que “as relações entre gêneros e o suporte não são aleatórias, pois cada gênero tem os seus tipos, formatos e materiais, que, por sua vez, variam consoante o contexto (produção e circulação)” (Rosa; Gonçalves, 2020, p. 273). Além disso, elas ressaltam que o fato de alguns gêneros poderem mudar de suportes não compromete o seu funcionamento social, ou seja, não impede que seus objetivos comunicativos sejam alcançados, mesmo com as alterações sugeridas pelo suporte.

Em síntese, considerando as dimensões discutidas pelas autoras, podemos caracterizar o Instagram, enquanto suporte, da seguinte forma:

Quadro 2 – Dimensões do suporte Instagram

	Contexto	Tipo	Formato	Material
Instagram	Produção e Circulação	Digital	Aplicativo Site	Virtual

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

As especificidades do Instagram enquanto aplicativo ou site serão exploradas posteriormente neste trabalho, contudo, essa breve caracterização ajuda na compreensão dos impactos que pode causar nos gêneros nele identificados. Enquanto aplicativo, é necessário que o leitor possuía um dispositivo móvel tanto para acessar textos produzidos por outros usuários, quanto para a produção e publicação de seus textos. Por outro lado, para acessar o Instagram pelo site é necessário um navegador, e essa ferramenta é mais limitada em comparação ao aplicativo, uma vez que o usuário não é capaz de produzir conteúdo através dele, apenas compartilhar imagens já prontas e armazenadas no dispositivo utilizado. Porém, independente do formato, o material permanece virtual.

Por fim, reforçamos que, em um quadro de mudanças significativas nas tecnologias de informação e comunicação (TICs), especialmente com a popularização das redes sociais disponíveis para dispositivos móveis, por exemplo, Ana Elisa Ribeiro (2017) alerta para o potencial de o suporte não só influenciar os gêneros que veicula, mas também estar relacionado ao surgimento de novos gêneros. Nas palavras da autora,

O suporte em que o texto se encontra também influencia a emergência de novos gêneros de escrita, e o leitor amplia seu leque de possibilidades de leitura à medida que entra em contato com esses suportes e gêneros reconfigurados, que por vezes são híbridos, “cruzamentos” de algo conhecido com alguma possibilidade nova, parcialmente estranhos, mas parcialmente reconhecíveis. (Ribeiro, 2017, s. p.)

Tendo em vista que este trabalho busca a análise de um gênero textual/discursivo, a resenha, em um suporte digital específico, a rede social Instagram, a compreensão do que seja o suporte e de sua relevância para a produção e recepção dos gêneros torna-se atual e relevante, especialmente para o acompanhamento das possíveis transformações relacionadas à alteração de suporte pelas quais um gênero pode passar.

Com base nas discussões feitas até o momento, que compreendem reflexões sobre linguagem, gêneros textuais/discursivos e o suporte como um aspecto a ser considerado na análise dos gêneros, cabe uma reflexão crítica sobre o gênero ao qual este trabalho se dedica, a resenha. A próxima seção se debruça sobre o conhecimento desenvolvido sobre o gênero a partir de materiais consagrados na literatura acadêmica e trabalhos realizados em diálogo com a educação básica. O objetivo é compreender a concepção que essas obras demonstram sobre o gênero, bem como os saberes considerados relevantes sobre ele, e refletir sobre quais contribuições este trabalho pode oferecer para a discussão, uma vez que ainda não há trabalhos suficientes sobre as resenhas críticas no espaço das redes sociais.

1.3 A RESENHA

Neste momento, cabe discutir o gênero resenha, que será especificamente analisado neste trabalho. Para tanto, foram selecionados três manuais de escrita acadêmica publicados nos anos 2000, sendo eles os livros “Resenha” (Andrade, 2006), “Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas” (Medeiros, 2006) e “Resenha” (Machado; Lousada; Abreu-Tardelli, 2004). Além disso, foram observadas três dissertações publicadas pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), escritas por mestres atuantes como professores na educação básica. A busca pelas dissertações se deu com base no repositório do PROFLETRAS, sendo selecionadas aquelas publicadas entre os anos de 2018 e 2019, as mais recentemente publicadas e disponíveis nos bancos de dados *online*.³ Espera-se contemplar, com a escolha desses textos, duas perspectivas que se ressaltam no estudo acerca da resenha, isto é,

³ Com base nos resultados da busca pela palavra-chave “resenha” no endereço <https://profletras.ufrn.br/repositorio/dissertacoes>, as três dissertações foram selecionadas conforme apresentavam, em sua estrutura, seções dedicadas especialmente ao gênero resenha. A seleção também sofreu interferências pelo fato de que não foi possível acessar algumas dissertações dispostas no sistema.

a perspectiva acadêmica dos manuais comumente relacionados ao ensino superior e o ponto de vista dos professores que trabalham o gênero com crianças e adolescentes.

Antes da análise dos manuais e dissertações, cabe a menção da definição do gênero textual/discursivo resenha de acordo com o Glossário de gêneros e suportes textuais (Pinton; Steinhorst; Barreto, 2020). A definição sintetiza os objetivos, o meio de circulação e a estrutura de acordo com o que é conhecido do gênero e dialoga com as demais definições observadas. Segundo as autoras, a resenha é um

gênero que tem por objeto avaliar um determinado objeto cultural, positiva ou negativamente. Seu meio de circulação varia de acordo com o que é resenhado, ou seja, há resenhas acadêmicas que circulam em revistas de graduação e pós-graduação, assim como há aquelas sobre filmes, livros ou jogos que podem circular em sites ou blogs específicos para isso. A estrutura composicional desse gênero compreende: descrição e apresentação do objeto resenhado, avaliação (que aparece, geralmente, por meio de marcas linguísticas no texto) e recomendação. Por meio desses movimentos, o resenhista busca convencer seu leitor sobre sua opinião acerca do objeto avaliado. (Pinton; Steinhorst; Barreto, 2020, p. 31-32).

A partir dessa definição é possível perceber que a resenha é um gênero que tem como objetivo persuadir o leitor a consumir um produto a partir da avaliação do objeto resenhado. Nota-se também que o gênero apresenta uma estrutura prototípica bem definida, havendo expectativas quanto à estrutura composicional a ser considerada pelo resenhista. A partir dessa estrutura composicional é possível pensar os movimentos retóricos que o autor de uma resenha assume, sendo eles: apresentação, descrição, avaliação e recomendação. De acordo com John Swales (2004), um movimento retórico diz respeito a “uma unidade discursiva ou retórica que realiza, dentro do discurso escrito ou falado, uma função comunicativa coerente” (Swales, 2004, p. 228-229, trad. Bezerra, 2022). Essa é uma unidade funcional, que pode ou não se realizar como uma unidade discursiva demarcada, e sua identificação e classificação é um processo complexo, que depende de um estudo cuidadoso dos exemplares de determinado gênero. Ritti-Dias e Bezerra (2013), com base nos estudos de Swales, afirmam que

os movimentos retóricos refletem o propósito ou os propósitos comunicativos que os membros de uma comunidade pretendem compartilhar, propósitos esses que constituem um fundamento do gênero e são reconhecidos pelos membros especializados dessa comunidade discursiva (Ritti-Dias; Bezerra, 2013, p. 171).

A partir da ideia de que os movimentos retóricos influenciam na estrutura composicional dos gêneros e interferem nas escolhas dos autores ao escreverem seus textos para alcançarem os objetivos propostos, compreender os movimentos retóricos da resenha torna-se relevante.

Pinton e Barreto, em texto de 2019 voltado para a produção de resenhas em sala de aula, discutem brevemente os movimentos que compõem a resenha. Nesse material, são estudadas resenhas de três filmes e, a partir delas, são propostas atividades que contribuem para que os alunos compreendam os aspectos sociocomunicativos da resenha, incluindo o caráter do objeto resenhado, os produtores e o público-alvo potencial e o meio de circulação, propondo uma relação entre esses aspectos. Também são observados os aspectos estruturais, relacionados aos movimentos retóricos e, por fim, os aspectos linguísticos, que dizem respeito à referenciação, à sequenciação e à polidez.

Neste momento, cabe considerar as contribuições das autoras no que diz respeito aos movimentos retóricos. Primeiramente, a apresentação é o movimento a partir do qual são apresentadas as informações básicas sobre a obra resenhada, bem como seu contexto. Em seguida, na descrição o resenhista resume os acontecimentos da obra, enquanto na avaliação são expressadas as opiniões e argumentos do autor da resenha, considerando diferentes aspectos do objeto resenhado. Por fim, a recomendação é o movimento no qual é feita a recomendação ou não recomendação da obra resenhada, tendo em vista sua possível relevância para um dado grupo.

Silva e Melo (2023), ao analisarem manuais de produção de gêneros acadêmicos, classificam esses materiais como metagêneros, uma vez que “estes são compreendidos como um gênero capaz de subsidiar a escrita dos mais variados gêneros acadêmicos.” (Silva; Melo, 2023, p. 3). Esses manuais não são importantes somente para o ensino da escrita acadêmica, mas possuem um papel relevante também na manutenção da estrutura dos gêneros. Essa manutenção é importante para que haja compreensão e preservação dos gêneros, contudo pode dificultar adaptações necessárias a novos contextos, conforme Silva e Melo (2023) discutem a seguir:

A função de preservação da estrutura dos gêneros, exercida pelos metagêneros, é facilmente percebida, uma vez que quando se recorre a essa ferramenta, é nitidamente motivado, na maioria das vezes, pela busca da estrutura a ser seguida. Todavia, não podemos negar que a concentração demasiada na estrutura do gênero pode interferir na liberdade criativa do produtor. A manutenção do gênero pode ser entendida como uma segunda função que emerge do metagênero, apresentando aspectos positivos e negativos, já que é importante preservarmos os gêneros, porém com a mudança constante da sociedade, os gêneros inalterados podem tornar-se incapazes de atender aos anseios da contemporaneidade. (Silva; Melo, 2023, p. 3-4)

De fato, o caráter normativo está presente nos manuais de escrita acadêmica, que podem ser válidos para a formação de saberes sobre diferentes gêneros, contudo há como ressalva o fato de os gêneros não permanecerem inalterados, conforme já discutido nas seções anteriores deste capítulo, a despeito da rígida estabilidade que muitos desses manuais sugerem. A dificuldade de adaptação pode se dar pelo não reconhecimento das transformações que um gênero pode sofrer de acordo com as mudanças nos contextos de produção, recepção e circulação, o que leva os manuais a serem adotados sem reflexão crítica, não havendo reflexão sobre os objetivos da escrita de determinado texto em um contexto específico.

Considerando a multiplicidade de papéis exercidos por esses manuais e a sua recorrente utilização no ensino básico e superior, observar o que eles dizem sobre a resenha é um ponto de partida relevante. Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) não se debruçam em distinções de tipos de resenha, afirmando que a expressão resenha crítica é uma das formas de nomear o gênero. De acordo com elas, esse é um gênero

que exige que os textos que a ele pertençam tragam as informações centrais sobre os conteúdos e sobre outros aspectos de outro(s) texto(s) lido(s) – como por exemplo, sobre seu contexto de produção e recepção, sua organização global, suas relações com outros textos etc. -, e que, além disso, tragam comentários do resenhista não apenas sobre os conteúdos, mas também sobre todos esses outros aspectos. (Machado; Lousada; Abreu-Tardelli, 2004, p. 14)

Nesse sentido, o papel do resenhista é, além de informar sobre os aspectos do texto resenhado, levantar informações relevantes acerca de elementos que vão além do texto. Além disso, cabe a ele comentar essas informações. Em termos de estrutura, as autoras reforçam a necessidade, para caracterização do gênero, da descrição e da avaliação e dão exemplos de como isso se materializa em *sites* e revistas, retirando trechos dos textos discutidos para demonstrar partes de sua estrutura. As autoras também destacam alguns pontos gramaticais e discursivos relevantes, como o uso de conectores e elementos de expressão da subjetividade do autor da resenha.

Ainda sobre essa obra, é possível destacar o posicionamento das autoras acerca da circulação e utilização do gênero. De acordo com elas, “ele é muito utilizado tanto em diferentes atividades acadêmicas quanto em diferentes atividades profissionais” (Machado; Lousada; Abreu-Tardelli, 2004, p. 14). Nesse sentido, o estudante teria contato com a produção desse gênero caso solicitado como atividade acadêmica e, futuramente, se exercesse profissões que demandam a escrita de resenhas críticas.

Assim como em Pinton e Barreto (2019), a obra de Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) é voltada para o ensino do gênero resenha, com atividades que contribuem para a

compreensão do gênero. Ao longo dos capítulos, as autoras discutem questões como a diferença entre resumo e resenha, a estrutura prototípica da resenha e estratégias de leitura do objeto resenhado e de construção da resenha, destacando-se o diário de leitura como ferramenta para essa leitura. Além disso, há capítulos dedicados a questões discursivas como o uso de organizadores textuais, de verbos que atribuem ações ao autor do objeto resenhado e as formas de expressão de subjetividade e polidez. Esses aspectos são discutidos a partir da leitura de resenhas e trechos de resenhas publicadas em sites e em livros, o que é interessante considerando que o estudante terá oportunidades de estudar resenhas de diferentes suportes, mesmo essa não sendo uma discussão focalizada na obra.

No que diz respeito à estrutura prototípica da resenha, Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) sintetizam a organização da resenha a partir de: informações sobre o contexto e tema da obra, objetivos e descrição estrutural da obra resenhada, apreciação sobre a obra e conclusão. Apesar de não haver menção ao movimento de apresentação, sobreposto ao de descrição, é possível perceber que ele também é considerado, uma vez que os dados bibliográficos são considerados necessários para a escrita das resenhas.

Andrade (2006) também aborda a resenha relacionada ao ambiente acadêmico, afirmando que, a partir dela, “tomamos conhecimento de um livro que acaba de ser publicado, e a partir dessa informação podemos decidir pela leitura ou não da referida obra.” (Andrade, 2006, p. 11). Segundo ela, a resenha também pode ser chamada de resenha acadêmica, como é feito ao longo do livro. Conforme a autora defende, a resenha é uma ótima forma de compor um repertório bibliográfico, uma vez que permite ao estudioso se manter atualizado e informado, selecionando o que achar relevante a partir da leitura das resenhas.

Contudo, apesar de sua definição estar relacionada ao contexto de pesquisa e produção acadêmica, Andrade (2006) reconhece a circulação da resenha em outros ambientes a partir de um capítulo no qual se dedica a exemplificar como a resenha circula no contexto midiático. Coerente com a época de publicação da obra, a autora utiliza exemplos retirados de *sites* e revistas que publicaram resenhas de livros, filmes e peças teatrais, por exemplo. Ela chama a atenção para o fato de que esses textos nem sempre são chamados de resenhas por esses suportes, que preferiam utilizar títulos de seções como “Teatro”, “Música”, entre outros.

A autora também se dedica a descrever de que maneira a resenha se estrutura. Segundo ela, a resenha se organiza em cabeçalho com dados bibliográficos, informação sobre o autor, exposição sintética sobre o conteúdo do texto e comentário crítico. Essa organização se aproxima do que é observado em Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004), uma vez que caracteriza a resenha a partir da mesma estrutura comum e destaca pontos discursivos

semelhantes, isto é, as duas obras consideram aspectos de descrição e avaliação, apesar de usarem nomenclaturas diferentes, além de questões como as marcas de subjetividade do autor da resenha e a polidez.

Medeiros (2006) traça a distinção entre diferentes tipos de resenha, sendo os dois principais a resenha descritiva e a resenha crítica. De modo geral, a concepção de resenha adotada pelo autor a considera “um relato minucioso das propriedades de um objeto, ou de suas partes constitutivas; é um tipo de redação técnica que inclui variadas modalidades de textos: descrição, narração e dissertação.” (Medeiros, 2006, p. 153). Nesse sentido, a resenha compreende diferentes movimentos textuais relacionados à esfera acadêmica, como a apresentação de referenciais teóricos, metodologias e conclusões.

A resenha descritiva seria, segundo o autor, aquela na qual o movimento de descrição se sobressai, tendo em vista a necessidade de destacar os aspectos relevantes e o contexto da obra resenhada, além dos aspectos metodológicos, no caso de obras acadêmicas, como as demonstradas pelo autor. Apesar do foco descritivo, Medeiros (2006) esclarece que parágrafos ou trechos narrativos e dissertativos podem aparecer nessas resenhas, considerando a pertinência desses movimentos para o meio de circulação e o público-alvo da resenha.

No que diz respeito especificamente à resenha crítica, ou, como ele também a chama, científica, o autor ressalta a expectativa do leitor de que o resenhista, como alguém que conhece bem o que está sendo resenhado, apresenta informações completas e precisas. No que diz respeito à estrutura das resenhas críticas, ela é resumida em referências bibliográficas/informações sobre a obra, informações sobre o autor, resumo da obra, crítica e indicações. Diferente das obras de Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) e Andrade (2006), a indicação e o possível impacto que a resenha pode ter na tomada de decisão do leitor a respeito da leitura da obra resenha são considerados.

Desse modo, espera-se que o resenhista se posicione de maneira avaliativa acerca de seu objeto. Medeiros chama atenção principalmente para o caráter desse posicionamento, que não deve ser impessoal, mas que também deve ser embasado. De acordo com ele,

Na resenha crítica, o leitor espera um posicionamento do resenhista; ela não pode ser fria e distante, temerosa de comprometimento, sob pena de tornar-se um texto indigesto, desinteressante. Todavia, os juízos avaliativos precisam apoiar-se em fatos, em provas, em argumentos consistentes. Afirmações genéricas pouco acrescentam, ou revelam desinteresse em aprofundamento da análise. Os juízos avaliativos também devem ser claros, para que o leitor possa concluir sobre a validade da aquisição ou leitura da obra. Deve ficar claro para o leitor se o resenhista adota como positivo ou negativo os posicionamentos, os conceitos, as ideias da obra resenhada. (Medeiros, 2006, p. 163)

Essa preocupação com a maneira como o resenhista expressa sua opinião, ou seja, com as formas de argumentação utilizadas na resenha, é um dos aspectos que motivam o trabalho com a resenha em sala de aula. Com isso em vista, neste momento cabe a análise das reflexões presentes nas pesquisas sobre o tema desenvolvidas no contexto escolar. Lima (2018), em sua dissertação, defende o trabalho com a resenha como uma estratégia para o desenvolvimento da competência comunicativa argumentativa de alunos do ensino fundamental. Essa é uma das habilidades possíveis de serem trabalhadas, além das de síntese e descrição.

Em seu trabalho, a autora se dedica a uma abordagem utilizando resenha de filmes e reforça o fato de que, além de um gênero acadêmico, a resenha é um gênero jornalístico, “já que circula nos jornais e revistas a que se pode ter acesso com facilidade” (Lima, 2018, p. 41). Ela também menciona os blogs pessoais, relacionando-os ao contexto digital que, segundo ela, faz parte do cotidiano dos jovens. Em sua discussão sobre a resenha, a autora retoma a existência de diferentes tipos de resenha, podendo haver resenhas críticas e resenhas descritivas. Apesar de não sistematizar a caracterização da resenha, Lima (2018) retoma os movimentos retóricos de descrição e avaliação, ressaltando a argumentação como um aspecto de destaque das resenhas críticas.

Zacarias (2019), também discutindo a produção de resenhas de filmes, busca uma perspectiva mais relacionada à crítica cinematográfica, se debruçando sobre o papel do gênero resenha, em especial do que ele chama de subclassificação de gênero resenha de filme, no contexto sócio-histórico da crítica especializada. Um aspecto que se sobressai nesse trabalho é o fato de o autor defender que o gênero resenha de filmes faz parte do campo publicitário. Os outros textos analisados reforçam a relação da resenha com os campos acadêmico e jornalístico, ressaltando a importância da argumentação. Zacarias (2019) vai além ao explorar o interlocutor/leitor como alguém “a quem o resenhista buscará convencer e que terá também a possibilidade de se posicionar em relação à análise feita pelo crítico” (Zacarias, 2019, p. 64).

De acordo com esse autor, a resenha de filme é composta, em termos de conteúdo temático, pela apresentação do filme, sumarização do enredo e o julgamento crítico sobre a obra. Sua estrutura composicional prototípica, por sua vez, é composta por título, assinatura do autor, informações técnicas, descrição do enredo e avaliação. Observa-se que essa estrutura está diretamente relacionada ao conteúdo temático e ao fato de o objeto resenhado ser um filme, uma vez que algumas informações técnicas mencionadas (diretor, elenco, duração, etc.) são específicas desse tipo de obra.

Almeida (2018), diferente dos outros autores, se debruça sobre a resenha literária audiovisual, relacionada sobretudo ao universo do *booktube*, ou seja, a comunidade literária da

rede social Youtube. Os produtores de conteúdo do *booktube*, assim como os do *bookstagram*, produzem textos de diferentes gêneros, entre eles a resenha, e a pesquisadora propõe que a produção de resenhas literárias audiovisuais seja uma atividade relevante em sala de aula, possibilitando o contato com outros gêneros, como o roteiro de vídeos.

Nesse trabalho, concebe-se que “a resenha tem um formato do gênero opinativo do discurso jornalístico, normalmente textual ou audiovisual com o intuito de vender um produto ou a imagem de um produto para um receptor específico” (Almeida, 2018, p. 51). Observa-se que, considerando a persuasão para o consumo e aquisição do produto cultural, a publicidade também é um aspecto a ser considerado no estudo e produção de resenhas. A autora não apresenta distinções quanto aos tipos de resenha, mas reforça a estrutura retórica associada aos movimentos de apresentação, descrição, avaliação e (não) recomendação. Além disso, os textos do gênero resenha são tidos como textos curtos, escritos com verbos no presente do indicativo e uma linguagem argumentativa. Um aspecto interessante apontado é o fato de que a resenha “possui também o caráter da narração que inclui menções a incidentes específicos, situações e personagens do livro lido” (Almeida, 2018, p. 53). Esse caráter narrativo também é mencionado por Medeiros (2006).

A definição e descrição do gênero resenha se mostra ainda um desafio, não só pela existência de diferentes tipos de resenha, mas também porque um mesmo tipo de resenha pode ser caracterizado de diferentes formas de acordo com seus propósitos comunicativos, que se relacionam aos diferentes contextos nos quais as resenhas circulam. O propósito comunicativo “aponta para as ações que os gêneros possibilitam realizar na sociedade, admitindo-se, porém, que os propósitos dos gêneros não são únicos e predeterminados, e sim plurais e relativamente abertos à inovação” (Bezerra, 2022, p. 81). Nesse sentido, a noção de propósito comunicativo parte de uma concepção funcional dos gêneros e está diretamente relacionada às convenções construídas pelos falantes e reconhecidas por eles.

No que diz respeito à resenha, é importante reforçar a pluralidade de propósitos comunicativos aos quais ela se relaciona. Por exemplo, uma resenha escrita no contexto acadêmico de uma disciplina tem como propósito, para o professor, de avaliação. A mesma resenha, publicada em uma revista científica após ser positivamente avaliada por especialistas, tem como propósito a divulgação de uma obra. Observa-se, dessa forma, que há também uma relação entre propósito comunicativo e as esferas de atuação nas quais um gênero pode aparecer. Além disso, em uma mesma esfera, diferentes propósitos se sobrepõem. Ao analisarmos as resenhas literárias que circulam no *bookstagram*, também buscamos observar

quais são os propósitos dos textos nesse contexto, considerando os interesses dos interlocutores ao produzir e consumir esses exemplares.

Apesar da complexidade que se apresenta na discussão sobre a resenha e suas particularidades no que diz respeito ao contexto, propósito comunicativo e suporte, ressaltamos como aspectos relevantes neste trabalho os movimentos retóricos que foram discutidos nos trabalhos observados. Considerando que os textos analisados nesta pesquisa são resenhas de livros, retomamos esses movimentos de acordo as possibilidades dessas publicações, buscando uma caracterização do que seria a resenha literária no Instagram. Dessa forma, temos que a apresentação consiste na introdução de informações como título do livro, autor, editora, ano de publicação, números de páginas, classificação indicativa, entre outras. A descrição é o resumo da obra, a partir do qual o leitor conhece as principais personagens e acontecimentos da história. A avaliação, por sua vez, é o movimento no qual o resenhista introduz seu ponto de vista sobre a obra, os aspectos positivos e negativos que considera relevantes para o conhecimento do público e os argumentos que norteiam essa posição. A recomendação ou a não recomendação diz respeito ao veredito que o resenhista impõe sobre a obra, considerando não só o gosto pessoal, mas seu público-alvo.

Além disso, também são importantes para o estudo e produção das resenhas aspectos relacionados à coesão textual, como o uso de conectores e os recursos de referência, à polidez e ao diálogo entre as diferentes vozes que compõem a resenha, principalmente do resenhista e do autor do livro resenhado. Ademais, cabe a consideração, conforme Lima (2018), dos recursos argumentativos que podem compor uma resenha e que ajudam no propósito comunicativo de persuadir demonstrados em muitas resenhas.

Em síntese, a partir das obras analisadas nesta seção, é possível definir o gênero resenha como um tipo de discurso acadêmico, jornalístico e/ou publicitário que busca descrever e analisar desde produções acadêmicas até mesmo produções culturais, como filmes, peças teatrais, livros, entre outros. Ela é descrita como possuindo uma função social plural, permitindo desde a construção de um repertório bibliográfico até a tomada de decisão acerca da leitura de um lançamento pelo leitor. É um gênero que, conforme Zacarias (2019) discute, circula há muito tempo e continua sendo relevante para a vida social e o ensino de línguas.

2 (MULTI)LETRAMENTOS, MULTIMODALIDADE E TECNOLOGIAS

No capítulo anterior, a noção de linguagem foi discutida de acordo com as contribuições do Círculo de Bakhtin, que incluem uma visão de linguagem que é ideológica e situada na atividade humana e que possibilita a interlocução e o diálogo entre diferentes discursos. A noção de gêneros do discurso também dialoga com essa perspectiva, uma vez que cada gênero se relaciona com uma esfera da vida humana, formando-se e modificando-se de acordo com ela. Neste capítulo, por sua vez, procura-se explorar o campo dos letramentos, visto que, como será observado, essa perspectiva dialoga com a visão de linguagem e de seus usos defendida neste trabalho, propondo a relação entre o linguístico/textual e o histórico-social, assim como Bakhtin fez.

Além da relevância dos estudos sobre letramentos não só para o ensino, mas também para os estudos linguísticos, de modo geral, outro motivo para incluir essa perspectiva neste trabalho está na relação entre letramentos e gêneros textuais/discursivos, uma vez que os letramentos se dão a partir de algum gênero e das condições sociais e materiais envolvidas. De acordo com Lemke (1988),

um letramento é sempre letramento em algum gênero, que precisa ser definido em termos dos sistemas de signos que o compõem, das tecnologias materiais envolvidas, do contexto social de produção, circulação e uso desse gênero em particular. Podemos ser letrados no gênero relatório de pesquisa científica ou no gênero apresentação empresarial; em cada caso, são muito diferentes as capacidades letradas específicas e as comunidades comunicativas relevantes" (s.p., tradução nossa). (Lemke, 1988, s.p., apud Rojo, 2013, p. 22)

Dessa forma, os letramentos implicam sempre os letramentos relacionados a um gênero textual/discursivo, uma vez que cada gênero demanda saberes relacionados às suas características e contexto de produção, os quais nem sempre são compatíveis com os conhecimentos exigidos por outros gêneros. Isso porque, como é defendido nas reflexões de Bakhtin, os gêneros se relacionam não apenas com suas características linguísticas, mas também com seu contexto de circulação e sua esfera de atividade.

Outra questão a ser explorada neste capítulo é a multimodalidade. Além de uma noção cada vez mais cara aos estudos sobre letramentos, a multiplicidade de modos/recursos que compõem os textos não pode ser ignorada ao falarmos sobre gêneros textuais/discursivos. Assim como o suporte, a escolha referente aos recursos/modos articulados em um texto influencia não só o processo de produção textual, mas também a maneira como esse texto será recebido e interpretado.

Tendo em vista as mudanças nos modos de comunicação *online*, é necessário também retomar o que vem sendo discutido a respeito das práticas de produção e recepção de textos nesse ambiente, bem como as formas de participação dos sujeitos envolvidos. Esse último ponto será discutido ao final do capítulo, em uma seção dedicada ao debate sobre o papel das novas tecnologias de informação e comunicação na produção e compreensão textual.

2.1 (MULTI)LETRAMENTOS

Para discutir o surgimento dos estudos sobre letramentos, é importante primeiramente contrapor os diferentes contextos nos quais essa discussão se insere. Soares (2004) argumenta que, em países desenvolvidos, as discussões iniciadas nos anos 1980 surgiram da preocupação com o fato de que, embora alfabetizados, os falantes tinham dificuldades de participar de situações concretas que demandam o uso efetivo da escrita e da leitura. Nesse sentido, a preocupação com os letramentos surgiu de maneira distanciada do que diz respeito ao aprendizado básico do sistema de escrita, processo chamado de alfabetização, de maneira que as dificuldades de utilização da língua em práticas sociais e profissionais não teriam relação com esse processo inicial de aprendizagem.

No Brasil, por sua vez, a discussão sobre letramentos tomou forma a partir da relação com o conceito de alfabetização. As lacunas relacionadas ao uso da linguagem em contextos sociais e profissionais foram relacionadas a possíveis problemas no processo da alfabetização, que se tornou alvo de questionamentos. Com isso em vista, uma abordagem assumida foi a da busca pela expansão da noção de alfabetização de modo a não só mais comportar o saber ler e escrever, ou seja, saber decodificar e codificar a língua escrita, mas também o fazer uso das habilidades de leitura e escrita em diferentes contextos. Essas habilidades também estariam relacionadas ao conceito de letramentos.

De acordo com Soares (2004), o reflexo disso se deu na percepção de alfabetização assumida pelas políticas públicas e campanhas governamentais e pela mídia, bem como nas obras acadêmicas sobre o assunto, que apresentavam a discussão sobre letramentos a partir do que se conhecia como alfabetização. O problema, a partir das reflexões da autora, seria, por um lado, a dissociação equivocada entre letramentos e alfabetização e, por outro, a negligência da aprendizagem da convenção escrita. Contudo, o que se observa é que os dois processos são igualmente importantes e que estão relacionados, muitas vezes ocorrendo de forma concomitante. De acordo com Soares (2004),

a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. (Soares, 2004, p. 14)

A expectativa de melhora de resultados em testes padronizados e de uma melhor preparação para o mercado de trabalho também influenciaram nas discussões governamentais e midiáticas, especialmente após a proposta de universalização da educação pública pela Constituição de 1988, no Brasil, e o Ano Internacional da Alfabetização, em 1990. Todavia, o surgimento das discussões sobre letramentos também perpassou o exame do “desenvolvimento social que acompanhou a expansão dos usos da escrita desde o século XVI” incluindo as “mudanças políticas, sociais, econômicas e cognitivas relacionadas com o uso extensivo da escrita nas sociedades tecnológicas” (Kleiman, 1995, p. 16).

De um lado, acrescida à preocupação com os resultados do aprendizado escolar da população, está a atenção para de que maneira os falantes estão se relacionando com as mais diversas práticas de escrita emergentes, bem como para a influência da escrita em diferentes áreas da vida humana. Por outro lado, as próprias mudanças políticas, sociais e econômicas do século XX foram determinantes para que as discussões sobre letramentos fossem apropriadas, por exemplo, pelo campo trabalhista, sob uma preocupação com a capacidade dos trabalhadores de realizarem tarefas que demandam leitura e escrita. É nesse contexto, inclusive, que Paulo Freire (1974/2020) se propõe a criticar o modelo de educação bancária, voltada para os interesses do mercado e financiada pelas agências financeiras mundiais.

Nessa perspectiva, a própria noção de letramentos está relacionada aos contextos nos quais os falantes estão inseridos e à maneira como mudanças políticas e sociais interferem nas formas de se utilizar a linguagem. Nesse sentido, Kleiman (1995) defende que o letramento seja visto “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (Kleiman, 1995, p. 18-19). Observa-se, nesse primeiro momento, uma preocupação com os usos relacionados à língua escrita, relacionando-os com práticas sociais.

Muitas suposições acerca do sujeito “analfabeto” e “iletrado” tomaram força na esfera midiática, e Street (2014) se propôs a fazer duras críticas ao modelo autônomo de letramento. Nesse modelo, são reforçados estereótipos sobre “analfabetos” e sua baixa capacidade cognitiva, como também sobre de que maneira isso contribuiria para um atraso de desenvolvimento. Os adultos com dificuldades de letramentos, em especial aqueles mais pobres, são vistos não só como culpados pela própria realidade socioeconômica e tratados como

cidadãos inferiores, mas também como responsáveis pelos problemas políticos e econômicos da sociedade à qual pertencem.

A justificativa para a adoção desse discurso está, muitas vezes, relacionada a uma tentativa de motivar mudanças e melhorias no ensino e, conseqüentemente, nos resultados dos testes. O apelo de uma educação que, se melhorada, resolverá todos os problemas de uma nação chama a atenção, mas é prejudicial. Street (2014) inclui essa crítica em seu trabalho, sugerindo que essa abordagem é nociva para o campo dos letramentos e para os sujeitos envolvidos. De acordo com ele, essa percepção

a longo prazo pode prejudicar o campo do letramento, não só porque humilha os adultos que apresentam dificuldades de letramento, mas também porque levanta falsas expectativas sobre o que eles e sua sociedade podem obter, uma vez aperfeiçoadas as habilidades letradas. (Street, 2014, p. 29-30)

Contrapondo-se a essa perspectiva, Brian Street, em um quadro teórico que ficou conhecida como Novos Estudos de Letramento, defende a noção de letramento ideológico, definindo-o “como uma ideologia, envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicos” (Street, 2014, p. 17). As implicações de adotar uma noção ideológica de letramento estão na consideração das variáveis sociais e culturais das comunidades nas quais o sujeito está inserido, bem como no reconhecimento da tradição oral como significativa.

Além disso, afastando-se de uma perspectiva autônoma, os letramentos deixam de ser vistos como uma ferramenta milagrosa para ascensão ou mobilidade social, uma vez que “o letramento em si mesmo não promove o avanço cognitivo, a mobilidade social ou o progresso: práticas letradas são específicas ao contexto político e ideológico e suas conseqüências variam conforme a situação” (Street, 2014, p. 41). Isso não significa ignorar a relevância dos letramentos para a inserção de sujeitos em espaços de poder, que podem contribuir para a mobilidade social, mas sim ter um olhar realista sobre o alcance que os letramentos possibilitam.

Street também critica o que chama de letramento colonial, que consiste na prática de transferência dos letramentos de grupos dominantes para outros grupos, desconsiderando sua realidade. Nessa prática, insere-se uma compreensão de que alguns letramentos seriam superiores e universais e por isso deveriam ser ensinados a todos, em todos os contextos, e de que os povos para os quais os letramentos seriam transferidos o receberiam como uma novidade, algo inédito.

A noção de letramento colonial e a forma como ele ocorre retomam a noção de colonialidade, debatida por autores como Aníbal Quijano (2005) e Aimé Césaire (2020). Com origens relacionadas ao período colonial, quando as práticas de ocupação e exploração de territórios impulsionavam ideias de controle e dominação social, econômica e cultural, a colonialidade se refere ao fato de que, apesar da independência formal das colônias, as desigualdades e hierarquias sociais, raciais e econômicas entre territórios se perpetuam (Quijano, 2005). Isso se dá não apenas a partir de disputas políticas e econômicas, mas também no campo da cultura e da educação.

Com isso em vista, os estudos decoloniais surgiram propondo alternativas que verdadeiramente consideram os saberes locais, não apenas incorporando-os sob uma falsa lógica de inclusão e multiculturalismo (Walsh, 2009). Além disso, pretende-se olhar criticamente para o que é imposto a partir de uma perspectiva eurocentrada, o que inclui as práticas pedagógicas desenvolvidas ou reproduzidas nas escolas. Em resumo,

assume-se como um princípio decolonial a crítica aos processos de hierarquização e de modos de ser, de saber, de poder, que tradicionalmente classificam os saberes eurocêntricos, marcadamente branco, masculino, heterossexual, liberal como correspondendo uma norma a partir da qual são criadas oposições, sempre em níveis subalternizados. (Cadilhe, 2020, p. 66)

No caso do ensino de línguas, uma postura decolonial envolve uma compreensão do mundo e da realidade que questiona as hierarquias dominantes, e essa compreensão deve se refletir na prática docente. Um exemplo disso é a escolha das obras e autores que farão parte das atividades em sala de aula, uma vez que muitas vezes são recuperados os mesmos textos consagrados ou que fazem parte da mídia dominante, sem dar voz a outros que ainda não ocupam o espaço hegemônico dos materiais didáticos (Cadilhe, 2020).

Retomando Street (2014), ao discutir a questão do letramento colonial, o autor chama atenção para uma outra abordagem que considera as percepções locais de letramentos e assume que a maioria dos povos têm suas experiências e práticas de letramentos. Nessa perspectiva, chamada de ideológica, é revista a dicotomização dos saberes escolares e não escolares, questionando a hierarquização entre elas. Além disso, ressalta-se a importância das estruturas de poder e da cultura e seu impacto nos letramentos.

Com isso em vista, os estudos sobre letramentos também se dedicam a discutir as relações de poder que interferem nos eventos e práticas de letramentos de uma determinada sociedade e são por eles influenciados. Os eventos de letramentos são definidos como atividades específicas, observáveis, que envolvem o uso da leitura e da escrita, tratando-se de

oportunidades de envolvimento com a linguagem escrita em diferentes contextos, entre eles o escolar, o familiar, o comunitário, entre outros. Nos eventos de letramentos, é necessário conhecer de que maneira a língua escrita é utilizada para que se possa efetivamente compreender e interagir, uma vez que, nesse contexto, é pela linguagem que o jogo de poder se dá.

A prática de letramento, por sua vez, “se refere igualmente ao comportamento e às conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou da escrita” (Street, 2014, p. 18). Nas práticas de letramentos se consideram tanto as ações quanto as convenções que permitem a construção de sentido de língua, não se tratando apenas de aspectos normativos e formais, relacionados às funções da linguagem, mas de questões também sociais e culturais. Street (2014) defende que “as práticas letradas são produtos da cultura, da história e dos discursos” (Street, 2014, p. 9). Enquanto os eventos de letramentos se referem às ocasiões em que se identifica a presença da leitura e da escrita, as práticas de letramentos dizem respeito aos padrões e hábitos de uma sociedade perante esses eventos, que podem ser diferentes de cultura para cultura.

Essas noções se tornaram importantes para os estudos sobre letramentos em uma perspectiva que considera o que os sujeitos fazem em diferentes contextos, e quais são os usos linguísticos e semióticos envolvidos. Considerando a multiplicidade de práticas que convivem entre si em um mesmo grupo, a noção de letramentos múltiplos foi proposta ainda nos anos 1990. Nessa multiplicidade se inserem, de acordo com Vianna (2016), tanto práticas que são institucionalmente valorizadas quanto aquelas que não têm tanto prestígio. Além disso, essa mudança de nomenclatura abarca a heterogeneidade das práticas que não são comumente investigadas.

Apesar de ainda haver uma alta preocupação com as habilidades de leitura e escrita, percebe-se a possibilidade de pensar os letramentos como habilidades que atravessam todos os sujeitos de diferentes contextos sociopolíticos, cada qual a sua maneira. Diferente de uma distinção entre iletrados e letrados, tomada como sinônimo de uma divisão entre escolarizados e não escolarizados, inicia-se uma discussão sobre diferentes tipos de letramentos, mais como uma forma de compreensão sobre o que as pessoas fazem do que uma crítica a sua suposta ignorância. Além disso, também é valorizada a capacidade que os sujeitos têm de se deslocarem entre eventos e práticas.

Considerando essa pluralidade de eventos e práticas de letramentos, bem como as dimensões relacionadas às mudanças tecnológicas da mídia de massa, o Grupo de Nova Londres articulou o conceito de *multiletramentos*, que envolve

por um lado, a *multiplicidade de linguagens*, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro, a *pluralidade e a diversidade cultural* trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação. (Rojo, 2013, p. 14)

Observa-se, nessa noção, que a linguagem verbal escrita não é mais o único modo de participação em eventos de letramentos considerado, uma vez que é permitido pensar também nas linguagens não verbais, nas diferentes semioses e nas variadas mídias que permitem a circulação de textos. Por outro lado, ter em vista a pluralidade e a diversidade como aspectos importantes e positivos é importante para considerar as escolhas pessoais e políticas que envolvem as produções textuais híbridas, isto é, não só as que pertencem aos letramentos dominantes (Rojo, 2013).

Ainda na perspectiva dos multiletramentos, a ideia de um padrão é refutada e o mais importante se torna saber se relacionar com diferenças dialetais e de registro, que se relacionam com o contexto social, bem como com a interculturalidade dos discursos (Cazden et al, 2021). Além disso, cabe reforçar a importância que se dá aos sentidos não verbais, visuais, icônicos e gestuais, que interferem na construção de sentidos. Dessa forma, as diferenças “são negociadas de forma a se complementarem e onde as pessoas têm a chance de expandir seus repertórios culturais e linguísticos para que possam acessar uma gama mais ampla de recursos culturais e institucionais” (Cazden et al, 2021, p. 28).

A noção de multiletramentos também é relevante quando se pensa na multiplicidade de esferas nas quais os sujeitos estão inseridos, e em como se torna cada vez mais necessário saber se articular entre diferentes atividades e estilos de vida. O conceito de *design*, aqui, ajuda a compreender o papel dos sujeitos nesse processo, de modo que ressalta as inteligências necessárias para (re)desenhar atividades e possibilidades de aprendizagem e produtividade (Cazden et al, 2021).

Defende-se que esse conceito “pode identificar tanto a estrutura organizacional (ou morfologia) dos produtos quanto o processo de criação” (Cazden et al, 2021, p. 35), ou seja, o *design* pode se referir tanto às características de um produto quanto ao seu próprio processo de construção, incluindo as escolhas realizadas. Esse olhar para o *design* não se isola das questões socioculturais que influenciam nas duas dimensões que envolvem o conceito, e é nesse sentido que Cazden et al (2021) propõem uma pedagogia dos multiletramentos, em um manifesto que, entre outros textos, foi responsável pela relação entre a noção de multimodalidade e de multiletramentos (Ribeiro, 2023).

Os estudos sobre letramentos continuam embasando debates e sugerindo caminhos não só para o ensino e aprendizagem, como também para a compreensão das mudanças motivadas

pelas constantes novidades nas mídias e nas TICs. Também estão inclusas as percepções de letramentos múltiplos e de multiletramentos, que, apesar de dialogarem, têm particularidades. Enquanto a noção de letramentos múltiplos surge da necessidade de contemplar a pluralidade de letramentos coexistentes, a noção de multiletramentos se insere em um contexto cada vez mais multimodal e multimídia. Ademais, as redes sociais trouxeram novos desafios e novas formas de se relacionar com textos, e as possibilidades de trabalho não se esgotam, o que demonstra que em quarenta anos a área continua pertinente, e suas contribuições são referências importantes para (re)pensar caminhos.

2.2 MULTIMODALIDADE

Dentro do campo dos multiletramentos, os estudos sobre multimodalidade têm ganhado cada vez mais visibilidade, sendo relevantes como uma área interdisciplinar que se preocupa com os diferentes modos utilizados na comunicação humana. Neste trabalho, sobretudo, a questão da multimodalidade é fundamental para a compreensão do objeto de análise, uma vez que ela é uma característica que se sobressai nos dados gerados, e é por essa razão que esta seção destaca e se debruça especialmente sobre esse assunto.

Os estudos sobre multimodalidade têm suas raízes em várias disciplinas, como a linguística, a psicologia e a comunicação, e surgiram a partir da percepção de que a comunicação humana envolve não apenas palavras faladas ou escritas, mas também outros modos de expressão, como gestos, expressões faciais, entonação vocal e objetos físicos. A proposta da teoria Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) por Michael Halliday nos anos 1980 foi um importante marco, uma vez que chamou a atenção para o fato de que a linguagem verbal é apenas uma das várias maneiras pelas quais as pessoas se comunicam e que é necessário considerar outros recursos semióticos para uma compreensão completa da comunicação humana (Halliday; Matthiessen, 2004).

No entanto, foi a partir da década de 1990 que os estudos sobre multimodalidade ganharam mais reconhecimento. Nessa época, ocorreram diferentes avanços tecnológicos, como a disseminação da internet e o desenvolvimento de *softwares* de análise e manipulação de vídeos e áudios, que permitiram uma análise mais sofisticada das diferentes modalidades de comunicação. Além disso, a crescente conscientização sobre a importância da cultura visual na sociedade contemporânea também contribuiu para a emergência dos estudos sobre multimodalidade.

A partir dos estudos de Halliday e suas discussões sobre a dimensão social na compreensão a noção de linguagem, iniciou-se a elaboração do que viria a ser conhecido como

Semiótica Social. A partir de uma perspectiva funcionalista, Halliday relaciona uso ou função linguística às necessidades humanas e, ao propor as metafunções da linguagem, sugere que elas “constroem significados experienciais, interpessoais e textuais” (Santos; Gualberto, 2023, p. 25). A partir dessa perspectiva, Gunther Kress e parceiros desenvolveram vasta bibliografia que embasa o campo da Semiótica Social, que se trata de uma

ciência que se encarrega da análise dos signos na sociedade, com a função principal de estudar as trocas das mensagens. Nessa perspectiva, a escolha dos signos e a construção dos discursos são movidas por interesses específicos, que representam um significado escolhido através de uma análise lógica relacionada a um contexto social. (Santos, 2011, p. 2)

Nesse sentido, no escopo da Semiótica Social, a linguagem é vista como um sistema semiótico e o signo como não arbitrário, uma vez que há uma motivação na relação entre significante e significado (Kress; van Leeuwen, 2006). Além disso, o signo não é algo pronto, mas sim construído em um contexto social de interação a partir dos interesses dos interlocutores. Cabe ressaltar que as escolhas dos signos, nessa abordagem, também estão sujeitas às relações de poder e aos interesses dos grupos dominantes relacionados ao controle (Santos, 2011).

Kress e Van Leeuwen (2001) definem a multimodalidade como “o uso de vários modos semióticos no *design* de um produto ou evento semiótico” (Kress; Van Leeuwen, 2001, p. 20, tradução minha⁴). Além desse uso, importa de que maneira ele ocorre, uma vez que, a depender da forma como esses modos se combinam, poderão se reforçar, se completar ou se ordenar hierarquicamente. Isso significa que, para compreender uma construção multimodal, não basta apenas observar quais são os modos que compõem o *design*, mas também sua articulação.

Em um mundo no qual a imagem, estática e em movimento, é um modo cada vez mais explorado, especialmente com a presença cada vez maior das telas, Kress (2003) – assim como Rojo (2013), no contexto brasileiro – reforça a importância da observação dos elementos que vão além da escrita, relacionando-a com o contexto e com outros modos integrados a ela, tendo em vista inclusive quais modos não foram utilizados. A consequência disso é um olhar para o significado como o resultado de escolhas envolvendo diferentes modos, de forma que esse significado também se transforma de acordo com as mudanças nos modos.

⁴ No original: “We have defined multimodality as the use of several semiotic modes in the design of a semiotic product or event, together with the particular way in which these modes are combined - they may for instance reinforce each other ('say the same thing in different ways'), fulfill complementary roles, (...) or be hierarchically ordered.” (Kress; Van Leeuwen, 2001, p. 20)

Apesar de os modos serem utilizados de acordo com as escolhas do produtor, essas escolhas não são arbitrárias nem aleatórias. Isso significa que existem expectativas acerca do jeito como diferentes modos serão usados, e essas expectativas são socialmente e historicamente construídas (Kress, 2003). Conforme determinados modos são utilizados ao longo do tempo em uma dada comunidade, os usos recorrentes deles se tornam escolhas mais comuns para aquele grupo. Contudo, essas expectativas podem mudar com o tempo e com o surgimento de outros modos, bem como de acordo com as mudanças dos meios de circulação dos textos.

Outro ponto de atenção em relação aos textos multimodais é que a leitura através das modalidades faz com que o leitor tenha que tomar decisões quanto ao seu caminho de leitura. O texto pode indicar isso de alguma forma, mas não é certo que haverá apenas um caminho a ser explorado pelo leitor. Em alguns casos, é necessário, por exemplo, ler primeiro o texto escrito para compreender a imagem ou vice-versa, e essa é uma escolha que será feita de acordo com as preferências do leitor. Além de preferências, existe a questão da relevância: o leitor, ao fazer escolhas durante a leitura, tem ou constrói consciência dos aspectos que são mais ou menos relevantes na tela (Kress, 2003).

Tendo em vista essas e outras questões, Kress e van Leeuwen (2006) retomam a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e suas metafunções da linguagem na criação de uma “gramática” que pudesse descrever as formas como diferentes elementos são combinados em estruturas visuais de maior ou menor complexidade e demonstrar a influência dessas escolhas na construção de sentidos (Kress; van Leeuwen, 2006). Os autores nomearam essa gramática como a Gramática do Design Visual (GDV), e buscaram ser o mais universal possível em sua proposta, de modo a contemplar diferentes gêneros, mas também reconhecem que as influências socioculturais interferem nas concepções assumidas pela GDV.

Neste trabalho, não esgotaremos o potencial teórico e metodológico da Gramática do Design Visual, contudo, retomaremos, de modo geral, alguns dos principais elementos da proposta de Kress e van Leeuwen (2006) que poderão contribuir para a análise dos dados gerados nesta pesquisa. O quadro a seguir sintetiza os pontos de destaque que ajudam a nortear a análise proposta:

Quadro 3 – Resumo de alguns conceitos-chave da GDV

Conceitos gerais	
<i>Participantes Representados (PR)</i>	Cada elemento que aparece representado na imagem

Participantes Interativos (PI)	Participantes da interação mediada pela imagem: produtor e leitor	
Vetor	Linha oblíqua que une os participantes representados, indicando que um age sobre o outro	
Metafunção Representacional		
Processos Narrativos (Participantes ligados por vetores)	TIPO DE PROCESSO	TIPO DE PARTICIPANTES
	Processo de ação	Ator: participante do qual emana o vetor; que pratica a ação
		Meta: participante para o qual se direciona o vetor; que sofre a ação
	P. de reação (ação de olhar)	Reator: participante que pratica a ação de olhar
		Fenômeno: participante (ou processo) para o qual se direciona o olhar do Reator
Processos Conceituais (Não há vetores entre participantes)	P. analítico (relação parte-todo)	Portador: o todo, participante que contém os Atributos Possessivos
		Atributos Possessivos: as partes que constituem o Portador
	P. classificacional (rel. de ordem estática)	Superordinado: categoria mais geral (o tronco)
		Subordinados: subcategorias (os ramos)
	P. simbólico	Portador: participante ao qual se atribui valores simbólicos
		Atributos Simbólicos: atribuem valores ao Portador
Circunstâncias (elementos secundários)	Locativas: servem de cenário onde se localizam os participantes e suas ações	
	de Acompanhamento: acompanham os participantes principais	
	de Meio: servem de ferramenta ou instrumento para a realização da ação dos participantes principais	
Metafunção Interativa		
Modalidade	Codifica o valor de verdade atribuído à imagem, através do uso de certos marcadores de modalidade: a contextualização, o grau de detalhe e o tipo de reprodução das cores etc.	
Contato	Demanda: quando os participantes representados olham para o Observador	
	Oferta: quando os participantes representados não olham para o Observador	
Distância Social	Próxima: uso do plano fechado; relação de intimidade entre PR e PI	
	Média: uso de plano intermediário; PR e PI se conhecem, mas não são íntimos	

	<i>Longa</i> : uso de plano aberto; PR são totalmente estranhos em relação aos PI	
Perspectiva	Ângulo Horizontal	<i>Frontal</i> : relação de envolvimento entre PR e PI
		<i>Oblíquo</i> : relação de estranhamento entre PR e PI
	Ângulo Vertical	<i>Alto</i> : PI têm poder sobre a imagem
		<i>Baixo</i> : A imagem tem poder sobre PI
		<i>Ao nível do olhar do observador</i> : igualdade de poder
Metafunção Composicional		
Valor informativo	Refere-se ao valor específico assumido pelos elementos visuais de acordo com sua localização na página: direita/esquerda (Dado/Novo); zona superior/zona inferior (Ideal/Real); zona central/bordas (Centro/Margens)	
Saliência	Relaciona-se ao modo como os participantes representados estão dispostos para criar uma hierarquia de importância entre eles	
Estruturação	Presença de elementos que conectam ou separam os participantes representados	

Fonte: Adaptado de Santos e Mendes (2020).

As metafunções às quais o Quadro 1 se refere estão diretamente relacionadas às metafunções de Halliday, isto é, às metafunções ideacional, interpessoal e textual. Ao retomar esses conceitos, Kress e van Leeuwen (2006) definem a metafunção ideacional a partir do princípio de que qualquer modo semiótico deve conseguir representar aspectos do mundo como são experienciados pelos humanos. A metafunção interpessoal, de acordo com os autores, diz respeito ao fato de que qualquer modo deve ser capaz de projetar as relações entre o produtor de um signo complexo e o “receptor/reprodutor” desse signo. Por fim, a metafunção textual se relaciona à premissa de que todo modo semiótico deve ter a capacidade de formar textos a partir de signos coesos internamente e externamente com o contexto de produção (tanto no qual foi produzido tanto para o qual foi produzido).

Embora os estudos sobre a multimodalidade tenham sido reconhecidos a partir de uma preocupação com a circulação cada vez mais recorrente de elementos visuais nas mídias, é necessário considerar a defesa de que todos os textos são multimodais.⁵ Ribeiro (2021), ao discorrer sobre o papel do *design* e do projeto na produção de textos, bem como sobre a importância da configuração da página para a leitura, afirma que

⁵ Apesar de se tratar da abordagem defendida neste trabalho, por se alinhar às análises realizadas, cabe ressaltar que essa perspectiva não é consensual dentro dos estudos sobre multimodalidade e que existem outros caminhos de análise.

é fundamental dizer que *aprendemos* a “ler” a página — antes mesmo de ler o texto. Não se trata de um elemento complementar ao texto ou de uma espécie de redundância. O *design* da página é uma proposta de organização e mesmo de ritmo da leitura, entre outros efeitos possíveis. (Ribeiro, 2021, p. 50)

Isso significa que, mesmo um texto verbal escrito, composto supostamente apenas por palavras e convenções de escrita, como as pontuações, se mostra um espaço rico em multimodalidade. A forma como um texto é organizado ao longo da página, a configuração dos parágrafos e dos espaçamentos, a escolha das fontes e de onde se acrescentam negritos e itálicos são alguns exemplos de elementos pertinentes em uma análise multimodal do texto verbal escrito. Esses elementos são postos a partir da relação com os objetivos do produtor e das expectativas relacionadas ao gênero e à circulação daquele texto.

Além disso, o próprio processo de planejamento e de criação do projeto gráfico é um aspecto a ser considerado (Ribeiro, 2021), uma vez que nessa etapa são feitas as escolhas que envolvem inclusive os elementos supracitados. Essas escolhas são, muitas vezes, motivadas por questões que vão além do texto e da autoria, englobando aspectos mercadológicos, por exemplo. Também faz parte, em uma perspectiva multimodal, compreender os jogos de poder que interferem nos textos que circulam, sendo capaz de considerar o aspecto ideológico que marca os produtos que nos cercam.

Outra característica da multimodalidade, especialmente quando há utilização de modos não verbais, é a “existência de um contínuo informativo visual dos gêneros textuais escritos” (Dionísio, 2011, p. 142). Isso significa que a multimodalidade não pode ser medida em termos quantitativos e objetivos, uma vez que existem, de acordo com Dionísio (2011), gêneros textuais/discursivos mais visualmente informativos, isto é, com um maior conteúdo visual, e gêneros textuais/discursivos menos visualmente informativos. Nesse sentido, um texto não deixa de ser multimodal ao ser menos visualmente informativo.

Ao discutir as características e definições de gêneros textuais/discursivos, Bezerra (2022) também se alinha à perspectiva de que a multimodalidade é uma característica importante para sua constituição. O autor afirma que “o gênero é sempre multimodal” (p. 38) e, nesse sentido, também pontua que não é adequado propor uma dicotomia entre gêneros multimodais e gêneros que não são multimodais. Nas palavras do autor,

Quando, portanto, atribuímos ao gênero o traço de multimodalidade, reconhecemos que, no texto, outros recursos além da linguagem verbal são usados para produzir sentido. (...) Não é adequado se referir a gêneros multimodais como algo novo, porque a integração de modos e recursos semióticos na comunicação deve ser tão antiga quanto a própria humanidade; nem se deve opor os gêneros multimodais a supostos gêneros não multimodais, pois não existem gêneros monomodais. (Bezerra, 2022, p. 38)

Os estudos sobre multimodalidade são importantes não só por fornecer uma nova forma de análise de textos, inclusive a partir das propostas e convenções metodológicas, como as contribuições da Gramática do Design Visual e da Semiótica Social, mas também por propor formas de exploração da multimodalidade em diferentes contextos, desde a educação até a proposição de ferramentas multimodais. Essas contribuições se relacionam com as demandas da sociedade contemporânea, buscando preencher lacunas e aprimorar recursos.

2.3 COMPREENSÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Historicamente, a escrita sempre esteve associada às tecnologias com as quais se relaciona. Do manuscrito ao digital, as formas de produzir e fazer circular textos são motivo de curiosidade e, em muitos casos, estranhamento, especialmente quando essas ferramentas sugerem mudanças e novas formas de compreender os sentidos de um texto. Isso se deve, principalmente, pelo fato de estarmos inseridos em uma cultura escrita sujeita a transformações e demandas sociais. Essa cultura, de acordo com Ribeiro (2018), “é abrangente, isto é, conforma-se às contingências, às práticas sociais, etc. E é dentro dessa cultura que ocorrem mudanças de caráter técnico e tecnológico que a transformam e mesmo a subdividem” (Ribeiro, 2018, p. 12).

Na cultura escrita, outras culturas se inserem e propõem uma forma própria de conceber a escrita, bem como as práticas sociais que a envolvem. A cultura impressa é considerada um marco civilizatório importante ao possibilitar novas formas de circulação de textos em massa, e sua relevância é refletida na maneira como seu valor é defendido e preservado. Muitos veem essa cultura como o marco inicial da cultura escrita, contudo, desde os manuscritos a escrita esteve presente, coexistindo com a cultura oral.

Além da valorização da cultura impressa como pioneira da cultura escrita, observa-se uma crença na ruptura entre diferentes culturas, que têm consequências na forma como a sociedade concebe novas tecnologias de escrita. Trata-se de um equívoco, uma vez que a cultura escrita se organiza a partir da coexistência de diferentes formas de ler e escrever. No caso da cultura impressa, Chartier (2002, p. 112) chama atenção para a relação entre o livro e o rolo, sendo aquele muitas vezes a correspondência da “matéria textual” de um antigo rolo.

A cultura digital, que inclui, mas não se reduz ao surgimento de novas tecnologias, principalmente do computador e da internet, trouxe, de um lado, uma onda de otimismo associada à relação dos sujeitos com a escrita e com as formas de comunicação e, de outro, um

grande estranhamento. Esse estranhamento é justificado pela novidade da tela, na qual circulam diferentes gêneros textuais/discursivos, inclusive aqueles que antes eram recebidos apenas em materiais específicos, como o caso do jornal impresso. Esse movimento cria, para Chartier (2002),

uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir de sua própria materialidade. Surge disso uma primeira inquietação ou confusão dos leitores, que devem enfrentar o desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis, materiais que lhes permitiam distinguir, classificar e hierarquizar os discursos. (Chartier, 2002, p. 22-23)

Nesse sentido, o leitor precisa se acostumar não só com a ferramenta material, a máquina, mas com a navegação por diferentes textos. Torna-se necessário saber mudar suas expectativas no decorrer de um clique, além de aprender novas formas de interagir com o que encontra. Essa novidade, somada à crença de uma ruptura entre culturas, motivou um receio quanto ao futuro do impresso na cultura escrita. Esse receio se transformou, para muitas pessoas, em uma negação do digital, especialmente em sala de aula. Porém, como Ribeiro (2018) afirma, estamos mergulhados, deliberadamente ou não, em uma relação com as tecnologias digitais de comunicação, sendo cada vez mais necessário compreendê-las.

Também no caso da cultura digital, observa-se ainda a relação com outras tecnologias de escrita. O livro digital, um dos principais promotores de debates sobre o papel do livro impresso nos dias atuais, surgiu com um formato próximo ao do rolo vertical, possibilitando uma leitura de cima para baixo, como se observa em arquivos PDF. Com o surgimento de novos formatos de arquivo, como o EPUB, e de novos dispositivos de leitura, como os *e-readers*, observa-se uma tentativa de aplicar o modelo do livro impresso aos recursos tecnológicos (Albarrán; Ribeiro, 2015). Isso demonstra que o livro impresso ainda consiste em um produto relevante, e que a coexistência entre o impresso e o digital, nesse caso, é uma perspectiva realista.

Considerando, primeiramente, que a cultura digital está presente em diferentes esferas da comunicação humana e, em segundo lugar, o seu caráter de novidade, convém discutir de que maneira as TICs influenciam nas maneiras de ler e escrever nessa cultura. Em um primeiro momento, é preciso se atentar para a forma como os gêneros textuais/discursivos se inserem nesse contexto. Tendo em vista que o suporte influencia o gênero, é notável que as telas motivaram não só a emergência de novos gêneros, mas também a reconfiguração de outros (Ribeiro, 2021). Nesse sentido, o escritor precisa se habituar e acompanhar essas mudanças, e o leitor, reconhecê-las, principalmente tendo em vista de que forma elas se relacionam com sua vida social, cultural e política.

Ribeiro (2017) ressalta que a hibridização de gêneros digitais é uma característica importante que possibilita o leitor acessar algo novo, mas que tem características de algo já conhecido. Dessa forma, o leitor se propõe a participar de várias práticas que envolvem o digital, incluindo aquelas nas quais ainda não tinha se inserido.

O que esse leitor faz, na verdade, é reconhecer certas características, deduzir outras, empregar a familiaridade que já possui, sua experiência de leitura pregressa, num suporte que demandará novas reações. Ao explorar o novo material e aplicar conhecimentos prévios, o leitor acaba por chegar a uma nova forma de manipular (navegar!) o objeto novo, que passa, então, a fazer parte de um universo de possibilidades que jamais será fechado. (Ribeiro, 2017, s. p.)

Com isso em vista, faz parte dos processos de letramentos preparar tanto o leitor quanto o produtor para serem capazes de percorrer esse caminho, criando hipóteses e recuperando outros saberes. As ferramentas *online* muitas vezes facilitam esse movimento a partir de mecanismos intuitivos, tutoriais e assistentes virtuais, por exemplo, porém isso não será bem aproveitado caso o leitor não seja capaz de acessar esses conteúdos e recuperar essas informações de forma crítica e autônoma. O sujeito na cultura digital deve ser capaz não só de saber fazer, mas de saber aprender.

Além disso, o leitor, antes da expansão do acesso ao universo digital, era um navegador de ambiente limitado, restringindo suas pesquisas em ambientes domésticos e acadêmicos, ou seja, utilizava os materiais que tinha em casa ou na escola. Agora, ele encontra diversas informações em ambientes cada vez mais amplos com a internet móvel, e essas informações não surgem apenas no formato convencional de texto escrito (Coscarelli; Novais, 2010). A popularização dos *smartphones* e dos *tablets* com acesso à internet e aos milhares de aplicativos disponíveis fez com que a cultura digital estivesse cada vez mais presente nas situações cotidianas e nos diferentes espaços físicos de onde agora é possível produzir e consumir textos.

A pandemia da Covid-19, que promoveu, no Brasil, o isolamento social e as medidas sanitárias de segurança que acarretaram o fechamento de instituições presenciais a partir de março de 2020, foi um momento que reforçou a importância de uma boa relação com as TICs e revelou problemas por muito tempo ignorados no campo do ensino (Sousa; Borges e Colpas, 2020). Antes desse período já havia um movimento de inserção digital, por motivações pessoais ou profissionais, porém o contexto pandêmico impulsionou a relação entre sujeitos e mídias sociais devido às limitações de convívio presencial. As redes sociais, inicialmente tidas como espaços de entretenimento e comunicação pessoal, se tornaram uma vitrine para trabalhadores,

inclusive educadores e pesquisadores, que utilizaram suas redes para divulgar conhecimentos e alcançar pessoas.

Nesse sentido, muitos letramentos precisaram ser mobilizados para cumprir as demandas da vida cotidiana e, apesar de haver uma maior tendência de consumir do que de produzir, a noção de “prossumidores” (Ribeiro, 2018) é relevante para entender a relação entre sujeitos e TICs. Devido às demandas do mundo social e do trabalho e às facilidades oferecidas pela cultura digital, a participação na produção de conteúdos que circulam nas diferentes redes se tornou algo cada vez mais difundido, não se tratando mais de um privilégio de poucos. Quem antes apenas consumia a criação de outras pessoas começou a produzir e a ocupar espaços, inclusive dando origem a novos ofícios, como se observa com os influenciadores digitais.

Maia (2013) já antecipava um quadro que se tornaria ainda mais acentuado nos anos 2020. De acordo com ele, houve uma quebra no paradigma do texto que possibilitou que a escrita, antes vista como restrita aos grupos de poder, se tornasse cada vez mais apropriada pelos grupos marginalizados. Isso permite que haja uma troca entre letramentos variados, além da valorização de letramentos relacionados ao contexto do produtor. Nas palavras do autor,

Uma nova ética, pautada em uma nova mentalidade, faz com que a escrita seja descolecionada, dando possibilidade a letramentos locais de se tornarem globais. A hibridação, então, também se configura como elemento produtivo no que tange à explicação de como os grupos periféricos, em especial, se apropriam das TICs e de como eles colocam em prática novos letramentos situados em sua realidade. (Maia, 2013, p. 71)

Como os estudos sobre letramentos já apontavam, a escrita está relacionada às relações de poder e, em um contexto de forte presença digital, é necessário compreender de que forma se dão os usos da língua nesse espaço. Por muito tempo houve a crença de que essa apropriação de saberes ocorreria naturalmente, especialmente nas gerações nascidas já com a circulação da internet, dos computadores e *smartphones*, mas cada vez mais é defendido que ter acesso à máquina não é suficiente. Nesse sentido, é importante que as pessoas tenham meios de participar da cultura digital efetivamente, produzindo e consumindo, uma vez que essa é uma forma de “poder” (Ribeiro, 2018).

Ainda sobre as características das TICs, Rojo (2013) ressalta a maneira como essas tecnologias, em especial as redes sociais, são fluidas e possibilitam a mobilização de textos, fazendo com que sujeitos da periferia ocupem espaços que antes dificilmente alcançariam. Essa participação é, sobretudo, movida pelas motivações desses grupos, que se propõem a “criar, distribuir e negociar significados” (Rojo, 2013, p. 8), e não apenas a serem consumidores do que foi criado em outras realidades.

Por isso afirma-se que o letramento digital “é mais amplo, composto por camadas de complexidade progressivas, além de ser sempre movente, reconfigurável, colado às mudanças do mundo e da sociedade em suas práticas comunicacionais, assim como os letramentos de modo geral” (Ribeiro, 2021, p. 113). Isso significa que pensar o letramento digital, que inclui as práticas de leitura e escrita, é uma tarefa complexa e situada no espaço e no tempo, demandando um conhecimento situacional dos sujeitos envolvidos.

Além disso, um bom relacionamento com a dimensão da linguagem contribui para a exploração de outros saberes relacionados ao letramento digital, uma vez que “todos os letramentos se conectam com a comunicação de sentido, seja por meio da linguagem, seja por outros canais frequentemente complementares” (Dudeney; Hockly; Pegrum, 2016, p. 18). Entre esses saberes pode-se mencionar o tratamento ético da informação, questão fortemente debatida à luz da popularização das *fake news* e dos conteúdos gerados a partir das ferramentas de inteligência artificial. No contexto da educação, se apresenta como desafio auxiliar os alunos na construção de uma consciência ética e crítica diante do volume de informações disponibilizadas *online*, contribuindo na compreensão de questões como a distinção entre fato e opinião, a noção de credibilidade e a ideia de manipulação de textos, por exemplo.

Isso ressalta a importância de um estudo dos gêneros textuais/discursivos em uma perspectiva alinhada aos estudos sobre letramentos, considerando também de que maneira as tecnologias envolvidas nos processos de produção e compreensão textual interferem na participação dos interlocutores em práticas que envolvem a leitura e a escrita. A multimodalidade acentuada pelas expectativas das diferentes mídias sociais também se relaciona com esse processo, uma vez que a linguagem verbal é apenas um dos diferentes recursos que podem ser explorados na comunicação mediada pelas tecnologias de informação e comunicação. Além disso, cabe a atenção às particularidades que cada *site*, plataforma ou aplicativo apresentam aos usuários. Pensando nisso, o próximo capítulo se propõe a traçar um panorama geral sobre a rede social Instagram, bem como sobre a comunidade literária que se formou dentro desse aplicativo, em vista das características que se mostraram relevantes para este trabalho.

3 O (BOOK)INSTAGRAM

Este capítulo tem como objetivo, primeiramente, apresentar a rede social⁶ Instagram como um suporte⁷ de circulação de gêneros discursivos/textuais diversos e discutir suas principais características, relevantes para a caracterização dos gêneros que ali estão veiculados. A rede social é definida como uma rede *online* que permite a conexão entre diferentes sujeitos com o objetivo de se comunicarem a partir da mediação pelo computador (Recuero, 2009). Para que um ambiente virtual se configure em uma rede social é necessário, de acordo com Recuero (2009), dois elementos, sendo eles os atores – os sujeitos – e as suas conexões – também chamadas de interações.

Os atores estão em um constante processo de construção e expressão de identidade, bem como inseridos na sociabilidade mediada pelo espaço virtual. Essa sociabilidade se dá a partir não só dos interesses dos atores, mas também a partir das possibilidades comunicativas que as ferramentas utilizadas oferecem (Recuero, 2009), o que torna relevante ter um bom conhecimento dessas ferramentas para que se participe das interações mediadas por elas.

Em um segundo momento, este capítulo propõe a discussão sobre o *bookstagram*, uma comunidade dentro da rede social que se configura em torno de um objeto de interesse comum, o livro. Uma das características das redes sociais é a cooperação, e essa cooperação se motiva por interesses individuais e/ou coletivos (Recuero, 2009). Nesse sentido, as ações realizadas no *bookstagram*, enquanto nicho na rede social, se dão a partir dos interesses do grupo, o que recai sobre as escolhas dos gêneros que circulam nesse meio.

Dessa forma, abordar as questões em torno do Instagram e do *bookstagram* não só é relevante em termos de identificação de um outro suporte para o gênero textual/discursivo resenha, como também para compreender quais são os interesses e estratégias do grupo que produz e consome esses textos.

3.1 A REDE SOCIAL INSTAGRAM

Uma rede social é construída dentro de *sites* e plataformas que possibilitam a criação de um perfil individual – pessoal ou profissional – no qual é possível interagir com outros perfis e se expor através de publicações (Recuero, 2009). Dentro desses espaços e de acordo com suas

⁶ Optou-se por manter “rede social”, apesar das discussões recentes sobre a adequação do termo “mídia social”, de modo a manter coerência com a ideia de comunidade virtual, retomada neste capítulo, e com as discussões sobre o termo mídia x o termo suporte, conforme a nota de rodapé 7.

⁷ Conforme discutido na seção 1.2.1 do capítulo anterior, alguns autores preferem o termo “mídia”. Contudo, consideramos a expressão “suporte” a mais adequada para esta reflexão.

possibilidades, vários discursos circulam e a interação se constrói em uma dinâmica variada, especialmente quando o *site* ou aplicativo oferece múltiplas opções. Com isso em vista, é importante observar de que maneira o Instagram surge e se organiza.

O Instagram é uma rede social criada em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger com o objetivo inicial de ser um ambiente virtual simples para publicação de imagens de formato quadrado, retomando a estética das máquinas fotográficas *Polaroid* e permitindo o uso de filtros e a criação de legendas relacionadas às imagens publicadas.⁸ A proposta inicial se aproximava do que era observado em outros ambientes virtuais que tinham como objeto ser um diário online, como era o caso dos blogs, ou de ser uma galeria digital, o que era popular em plataformas como Tumblr, lançada em 2007, e a canadense Flickr, lançada em 2004. Inicialmente, era possível acessar o Instagram exclusivamente por dispositivos móveis (smartphones e tablets), mas ela foi, aos poucos, sendo incorporada a outros dispositivos.

A ampliação da forma de acesso não foi a única mudança pela qual o Instagram passou nos últimos treze anos. A plataforma foi comprada pela Meta (anteriormente Facebook Inc.), tornando-se parte do império digital de Mark Zuckerberg, passando a ser relacionada a outra rede social conhecida, o Facebook. Além disso, o surgimento de novas plataformas, como o Snapchat, influenciou em adaptações e ampliações de ferramentas no Instagram, que passou a oferecer diferentes possibilidades de compartilhamento de imagens e vídeos aos seus usuários.

Atualmente, o Instagram conta com um campo de *feed*, no qual é possível publicar até dez fotos ou vídeos em formato quadrangular ou retangular (de orientação vertical ou horizontal) por vez acompanhados de uma legenda que compreende até 2.200 caracteres, incluindo 33 *hashtags*⁹, e de informações de localização e de contas de outros usuários ou empresas relacionadas à publicação. Além disso, há o campo de *stories*, fruto da influência mencionada do Snapchat, no qual é possível adicionar imagens e vídeos que ficam visíveis durante 24 horas, sendo possível incluir publicações do *feed*, do *reels*, além de *gifs* e *emojis*¹⁰, entre outros¹¹.

⁸ Informações cedidas pela própria plataforma e por *sites* especializados em tecnologia, como Canal Tech e Olhar Digital.

⁹ As *hashtags* consistem em palavras ou expressões chave que são sinalizadas pelo sinal gráfico #, que as torna um link para um catálogo de publicações que utilizam a mesma sinalização.

¹⁰ O *emoji* é definido como um “Símbolo gráfico, ideograma ou sequência de caracteres [ex.: :-), :-(, ^_^] que expressa uma emoção, uma atitude ou um estado de espírito, geralmente usado na comunicação eletrônica informal.” Fonte: “emoji”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/emoji>.

¹¹ Os *gifs* disponibilizados nos *stories* consistem em imagens em movimento que incluem desde figuras públicas até conteúdo desenvolvido especificamente para a plataforma. Os *emojis*, por outro lado, são figuras estáticas que fazem referência a expressões faciais, objetos, locais, entre outros.

Também é possível utilizar o Instagram para comunicação privada individual ou coletiva em formato de *chat* com as chamadas *direct messages (DMs)*, ou para procurar produtos para compra a partir do marketplace. A aba *explore*, por sua vez, oferece uma experiência personalizada com publicações de perfis não seguidos relacionados ao conteúdo consumido pelo usuário.

Uma grande mudança sofrida pelo Instagram surgiu por influência do crescimento de outra plataforma, o TikTok. Os *reels* surgiram com o objetivo de popularizar e incentivar o compartilhamento de vídeos de 15 segundos até 15 minutos. Eles podem aparecer no *feed*, nos *stories*, no *explore* ou em campo específico para esse formato. Nos *reels* se posta desde vídeos originais, criados para a plataforma, até recortes de vídeos de outras plataformas, incluindo de produções cinematográficas. Além disso, há a possibilidade de utilizar áudios virais de outras publicações.

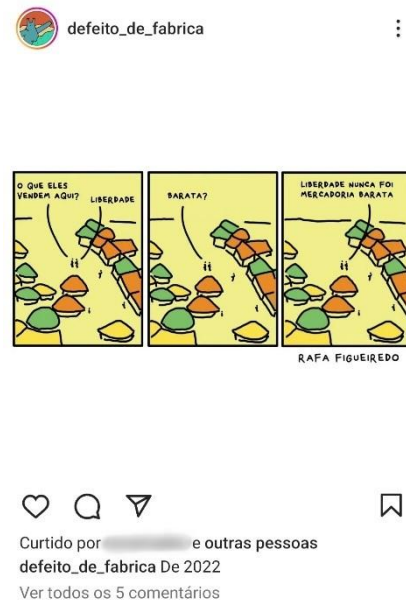
Observa-se, dessa forma, que o Instagram incorpora diferentes modos de comunicação e diferentes linguagens, sendo um relevante espaço para circulação de textos diversos. Esses textos muitas vezes são analisados como conjuntos uniformes, de modo que o Instagram seja visto não como um suporte, mas como algo mais próximo de um gênero. Todavia, é possível identificar diferentes gêneros na rede social, desde notícias a tirinhas, que se diferenciam em características e objetivos, como ilustram os exemplos a seguir.

Figura 1 – Notícia publicada no Instagram



Fonte:
<https://www.instagram.com/p/Cz98o1Bpk2m/>.

Figura 2 – Tirinha publicada no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cv-E75ILORG/>.

Dessa forma, não consideramos o post feito no Instagram como um gênero textual/discursivo, mas uma ação prevista pela plataforma. Isso significa que “post é qualquer coisa que se posta, sendo mais uma ação prevista pelo aplicativo ou ambiente do que um gênero de texto ou discurso” (Ribeiro, 2021, p. 129). O próprio uso popularizado do verbo postar, relacionado a conteúdos publicados em diferentes suportes, desde vídeos no Youtube até publicações em blogs e portais de notícias, torna desafiadora a tentativa de homogeneização do que seria o post. Há sempre a necessidade de um complemento, como em “post do Instagram”, o que ainda não torna possível retomar características além daquelas referentes à estrutura da plataforma, como o formato de imagens e vídeos, a quantidade de caracteres, a organização do perfil, entre outras.

Apesar das diversas transformações, o Instagram continua sendo uma das grandes favoritas dos brasileiros que utilizam as redes sociais. Atualmente, a plataforma da Meta é a terceira mais utilizada pelos brasileiros, atrás apenas do Whatsapp e do Youtube, dois gigantes da comunicação e da exibição de vídeos (cf. Volpato, 2023; Pacete, 2023). Em fevereiro de 2024, o aplicativo para dispositivos do sistema Android ocupou a posição de terceiro lugar entre os mais baixados da Google Play Store, sendo a rede social em melhor colocação na lista¹².

Tendo em vista a adesão dos brasileiros a essa rede social, não é incomum que haja divergência de usos, interesses e objetivos relacionados à plataforma. Além da multiplicidade de gêneros, o Instagram apresenta uma variedade de grupos que se organizam dentro da rede social, mobilizando-se e produzindo discursos a partir de gostos e finalidades específicos. É possível identificar categorias de perfis que interagem em torno de um tópico em comum, como é o caso dos nichos de beleza, esportes, política, humor, entre outros. Neste trabalho, a partir da definição de comunidade virtual discutida por Recuero (2009), é proposto a seguir um olhar sobre a comunidade literária que se faz presente no Instagram, o *Bookstagram*, no qual as resenhas críticas analisadas circulam.

3.2 O BOOKSTAGRAM

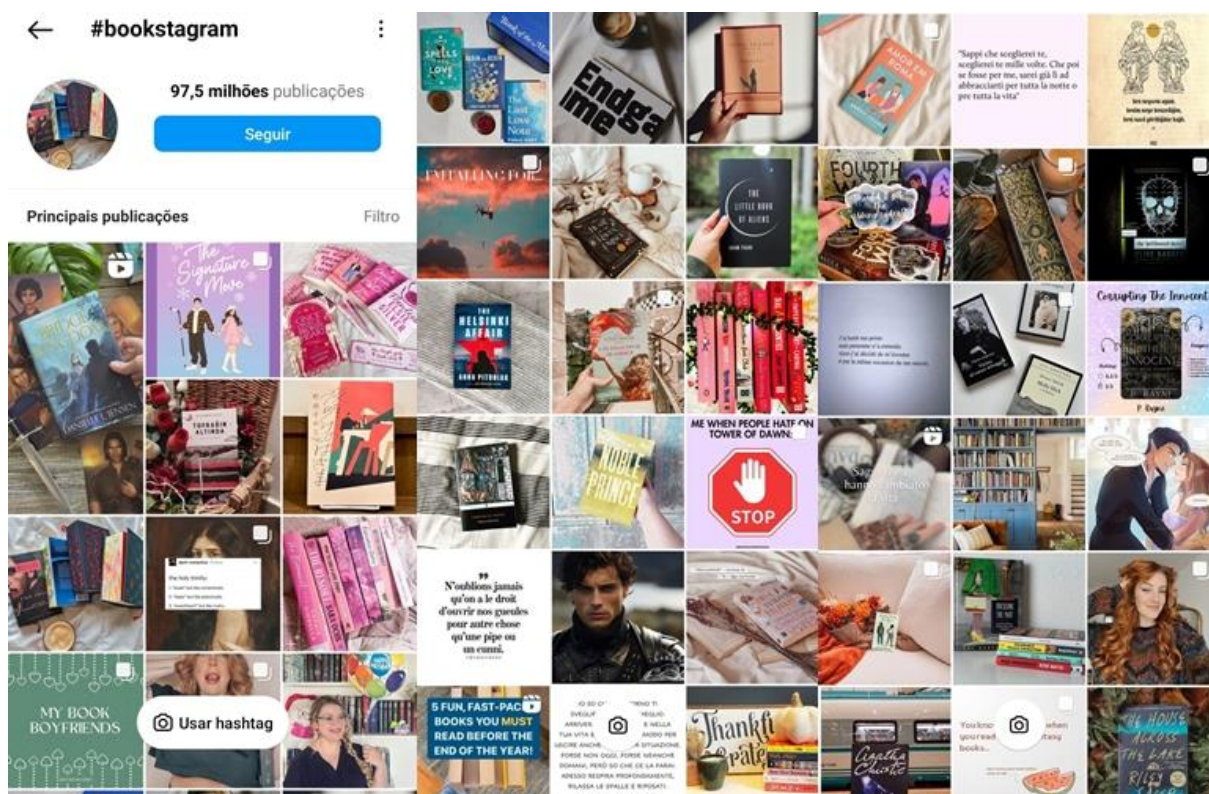
Bookstagram é o nome pelo qual a comunidade literária no Instagram ficou conhecida nos últimos anos, especialmente após a pandemia da Covid-19. Uma comunidade virtual na rede social é definida como “um conjunto de atores e suas relações que, através da interação social em um determinado espaço constitui laços e capital social em uma estrutura de *cluster*, através do tempo, associado a um tipo de pertencimento” (Recuero, 2009, p. 144-145). Isso significa que uma comunidade é um agrupamento de atores que se aproximam de forma direta ou indireta a partir da conexão que constroem a partir de interesses em comum e de acordo com as propriedades do lugar onde se inserem.

No Instagram, uma das maneiras de identificar um agrupamento de sujeitos está na investigação das *hashtags* utilizadas nas publicações. A *hashtag* #bookstagram já acumulava, em fevereiro de 2024, mais de 100 milhões de publicações de pessoas ao redor do mundo. Essa comunidade, além de impulsionar a circulação de conteúdos sobre livros no Instagram, incentiva a interação, a sociabilidade e a noção de pertencimento de um grupo de pessoas com interesses em comum em torno da leitura (Cirino, 2021). As imagens a seguir, geradas em

¹² A informação é cedida pelo próprio aplicativo em uma lista denominada “Em alta”, considerando os filtros “Principais apps gratuitos” e “Smartphones”. Os dois primeiros colocados na ocasião foram a plataforma do Governo Federal gov.br, em primeiro lugar e o banco digital Nubank, em segundo.

novembro de 2023, mostram o resultado pela busca da *hashtag* #bookstagram. Nelas é possível observar, de maneira geral, a variedade de publicações, que vão desde conteúdos relacionados a um ou vários livros até aqueles relacionados a personagens dessas histórias e trechos dos textos.

Figura 3 – Resultado da busca pela *hashtag* #bookstagram



Fonte: <https://www.instagram.com/explore/tags/bookstagram/>, acesso em 23 de novembro de 2023.

Em um estudo sobre o *bookstagram* no contexto estadunidense e português, Catanho (2020) aponta como principal motivação para a criação de um perfil literário no Instagram a vontade de fazer parte de um espaço onde se pode falar sobre livros, espaço esse que muitas vezes não existe no universo *offline*. De modo geral, os membros dessa comunidade são leitores, autores e editoras, que englobam sujeitos que ou produzem conteúdos, os chamados *bookstagrammers*, ou consomem e engajam publicações que têm como principais tópicos aqueles relacionados ao universo da literatura.

Almeida (2018), ao discutir a produção de resenhas no *booktube*, oferece uma descrição daquilo que também é observado no *bookstagram*. Além de utilizarem a rede social como um clube de leitura coletivo, a interação motiva a criação de conteúdo, tendo em vista que outras pessoas também darão sua opinião. De acordo com a autora,

os booktubers, jovens que se dedicam a resenhar livros de papel em vídeos no YouTube, usam a rede como um verdadeiro clube de leitura, para compartilhar suas experiências literárias. A possibilidade do diálogo com outros leitores é o grande motivador para os booktubers gravarem suas impressões sobre leituras, deixando de lado as formalidades e sistematizações, bem como para se expressarem simplesmente como leitores, com liberdade de expressão, com o sentimento de que, em algum lugar, alguém vai aproveitar o que foi dito e compartilhar no mesmo canal a sua opinião (Almeida, 2018, p. 60).

Além da noção de sociabilidade e pertencimento, a comunidade *bookstagram* tem sido parte influente do movimento mercadológico em torno de livros no Brasil. Esse movimento teve início ainda nos anos 2000, com o surgimento dos *blogs* e das primeiras redes sociais, como o Orkut, e hoje recupera seu espaço. Livros físicos expostos em livrarias com os selos “Sucesso do TikTok” ou “Livros do TikTok” são cada vez mais comuns, o que sinaliza o impacto dos conteúdos produzidos nas redes sociais no interesse pela leitura. Isso é relevante também quando consideramos que “os diversos sites de redes sociais não necessariamente representam redes independentes entre si” (Recuero, 2009, p. 105), uma vez que um mesmo ator pode estar inserido em diferentes redes sociais. É comum encontrar um mesmo criador de conteúdo literário no Instagram e no TikTok, especialmente pelo interesse em alcançar diferentes públicos.

Além disso, cada vez mais as editoras têm investido no marketing a partir da contratação de influenciadores para divulgação de obras através das publi-editoriais e dos programas de afiliados, prática já comum em outros nichos, como o da beleza. A editora Intrínseca, por exemplo, abre anualmente uma seleção para parceiros do chamado “Time da Intrín” e, em 2023, 130 influenciadores de diferentes plataformas receberam obras da editora para leitura e divulgação.¹³ Mesmo não havendo retorno financeiro aos influenciadores, o recebimento gratuito das obras por eles já garante a circulação das obras da editora pelas redes sociais, o que garante a publicidade.

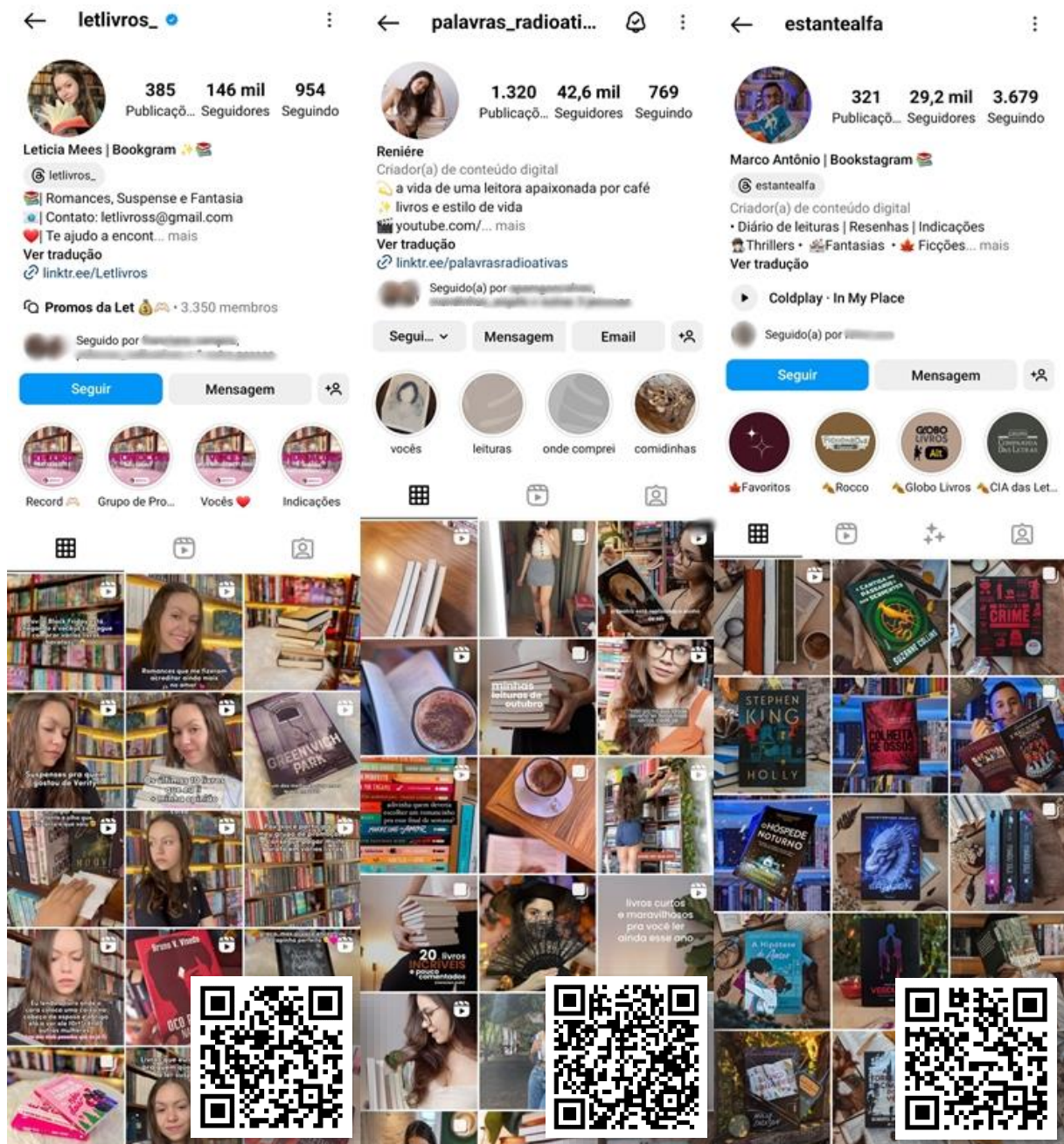
Ainda não foram realizados estudos que buscam identificar ou mapear o perfil dos *bookstagrammers* no Brasil, porém, a partir da coleta de dados realizada para este trabalho, foi possível obter uma ideia geral de quem são os sujeitos envolvidos na produção de conteúdo da comunidade. Primeiramente, diferente do que mais comumente ocorria em *blogs* especializados de literatura e em jornais e/ou revistas dedicadas ao assunto, não há a exigência de que o comentarista de determinado livro seja alguém das áreas de letras, estudos literários ou jornalismo. Além disso, percebe-se uma pluralidade de gêneros, faixas etárias e formação ou

¹³ Disponível em: <https://www.intrinseca.com.br/blog/2023/02/resultado-da-selecao-para-o-time-da-intrin-2023/>.

atuação acadêmica/profissional, de maneira que é possível encontrar, acessando a *hashtag bookstagram*, desde publicações de alunos da educação básica até de pessoas que ocupam cargos nas grandes indústrias e na academia.

As capturas de imagem (ou *screenshots*) a seguir são dos três perfis literários mais seguidos entre os que compõem o *corpus* de análise¹⁴. Neles, é possível observar que há um apelo visual que contribui para a identificação como um perfil literário, além das próprias informações de nome de usuário, o uso de expressões como “bookgram”, “bookstagram” e “criador(a) de conteúdo digital” e a listagem dos gêneros literários favoritos na biografia, para mencionar alguns exemplos. Tendo em vista o foco deste trabalho, não será feita uma investigação detalhada sobre cada perfil, mas espera-se que, a partir dos exemplos, seja possível compreender, de modo geral, do que se trata um perfil no *bookstagram*. Além disso, há expectativa de que futuramente sejam realizadas outras pesquisas interessadas em explorar o *bookstagram* no Brasil.

¹⁴ As capturas de tela foram geradas em 23 de novembro de 2023.

Figura 4 – Perfis literários no Instagram¹⁵

Fonte: Instagram.

A questão da diversidade étnico-racial também atravessa a comunidade literária no Instagram, uma vez que a mobilização antirracista e a busca por visibilidade para produtores negros/as e indígenas têm sido pautas recorrentes nesse contexto. Isso dialoga com o que vem

¹⁵ Cada *screenshot* está acompanhada de um QR Code no canto inferior direito que direciona o leitor ao perfil desejado, a fim de que seja possível a exploração das publicações. Para mais informações sobre o uso de QR Codes, é possível acessar o link: <https://canaltech.com.br/apps/como-escanear-ou-ler-um-qr-code-no-celular/>. É necessário que o aplicativo Instagram esteja instalado no dispositivo móvel utilizado.

sendo observado no TikTok, que foi reconhecido por dar visibilidade a obras LGBTQIA+ e de autores nacionais¹⁶. Ter conhecimento dessas disputas e da pluralidade que procura ocupar o espaço da rede social é importante para compreender de que maneira as publicações realizadas são afetadas e afetam os usuários da rede. Se “o trabalho do influenciador digital é, antes de tudo, despertar o seu desejo de consumir” (Bittencourt, 2017, p. 22), as escolhas literárias e ideológicas dos *bookstagrammers* também podem ser responsáveis por ditar o tom do consumo literário no país.

Os conteúdos característicos desse que pode ser considerado um nicho popular são variados, sendo possível encontrar resenhas, listas, *releases*, entre outros, e os produtores buscam explorar diferentes possibilidades da plataforma, desde as publicações de imagens no *feed* até os *reels*. Ou seja, nessa esfera de atividade humana, retomando Bakhtin (2016), é possível encontrar diferentes gêneros textuais/discursivos, que mais ou menos se aproximam e se distanciam de acordo com os objetivos e escolhas do produtor. Existe um forte apelo estético na comunidade, com a busca pela construção de perfis coerentes em jogos de cores e escolhas gráficas, sempre incorporando elementos relacionados não apenas ao objeto livro, mas também ao seu consumo e prática de leitura, como pode ser observado nos perfis retratados anteriormente.

Tendo em vista a riqueza observada na comunidade, em especial nas produções de seus participantes, foi possível traçar um panorama geral do que se observa no *Bookstagram*, especialmente no que diz respeito aos usos de diferentes linguagens e a pluralidade de abordagens dentro do nicho. Os elementos supracitados foram observados, de maneira especial, também no gênero resenha, e serão aprofundados a partir da análise dos dados gerados ao longo da pesquisa.

¹⁶ Sobre esse movimento, acessar: <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/o-que-e-bookboksensacao-tiktok-mudou-habitos-leitura-brasileiros/>.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem como objetivo esclarecer e sistematizar os procedimentos metodológicos percorridos nesta pesquisa. Para tanto, serão explorados os critérios para geração dos dados e os pressupostos que nortearam a análise, a fim de contextualizar o *corpus* de acordo com os objetivos do trabalho e contribuir para a interpretação da análise discutida no capítulo seguinte.

Como abordado no capítulo introdutório, o principal objetivo deste trabalho é analisar de que maneira o gênero textual/discursivo resenha se caracteriza na rede social Instagram, definida como suporte de circulação desse e de outros gêneros. Para atingir esse objetivo, foi feito um levantamento webdocumental de resenhas publicadas nesse ambiente *online* para leitura e análise, tratando-se de uma pesquisa primária, uma vez que o *corpus* foi construído a partir de dados coletados pela pesquisadora responsável pelo trabalho (Paiva, 2019).

Tendo em vista o contexto digital dinâmico no qual esse aplicativo se encontra e a multiplicidade de textos nele identificados, não seria possível analisar de modo global todas as resenhas críticas nele publicadas. Por essa razão, tornou-se necessário realizar um recorte em relação aos critérios para seleção do *corpus* a ser analisado. O primeiro critério para a seleção foi o de serem resenhas escritas sobre livros, o que nos levou à exploração da comunidade *bookstagram*, apresentada no capítulo anterior.

Nesse contexto, estabeleceu-se que as resenhas de livros deveriam ser escritas em língua portuguesa e estar catalogadas sob as *hashtags* #bookstagram, #resenha (ou #resenhas) ou #resenhaliterária, que foram utilizadas como ferramentas para identificação de exemplares por serem recorrentes nas publicações do nicho.

Dentro dos resultados de busca, foram selecionadas resenhas publicadas entre fevereiro e abril de 2023 que têm como autores sujeitos que administram páginas direcionadas à produção de conteúdo literário no Instagram. A identificação desses perfis se deu, primeiramente, considerando o nome de usuário do autor, que, no geral, não apresenta o nome de quem faz as publicações, mas, sim um nome de usuário relacionado ao universo literário. Porém, também é possível identificar nomes de usuário que incluem o nome do administrador; nesses casos, foi feita a checagem do perfil, observando o caráter das publicações. Dessa forma, foram excluídos perfis pessoais que eventualmente publicam conteúdos sobre livros, o que se justifica, novamente, pela necessidade de se realizar um recorte quanto ao volume de textos publicados.

Foram desconsideradas publicações que apresentavam ou resenhavam duas ou mais obras ao mesmo tempo e aquelas que, apesar de falarem sobre uma única obra, se preocupavam

apenas com a apresentação do livro por meio de sinopses e trechos retirados do original. Essas publicações, apesar de contribuírem para as discussões literárias no Instagram, não podem ser definidas como resenhas, considerando as discussões teóricas retomadas sobre o gênero, e por isso fogem do escopo deste trabalho.

No total, a soma de resenhas críticas preliminarmente analisadas foi de 39 publicações, as quais pertencem a diferentes perfis, não havendo mais de uma resenha publicada por um mesmo autor. A escolha por não restringir a coleta de dados a perfis específicos se deu com o objetivo de contemplar a pluralidade do gênero a partir de sua apropriação por diferentes sujeitos, procurando traçar padrões coletivos na comunidade e não aqueles relacionados apenas ao estilo individual de cada autor.

Cabe sinalizar que se optou, por questões éticas, pela omissão dos perfis nos quais as resenhas se encontram, uma vez que não é objetivo deste trabalho expor esses sujeitos ou incluir juízos de valor sobre eles. Também por esse motivo, não adicionamos *links* ou outras formas de direcionamento para o perfil, conforme feito no Capítulo 3, ao tratarmos sobre o *bookstagram*, quando apenas apresentamos exemplos de perfis. Contudo, tendo em vista o recorte realizado sobre os perfis das resenhas analisadas, isto é, o fato de serem analisadas resenhas publicadas por perfis específicos sobre literatura e por sujeitos que muitas vezes se denominam influenciadores digitais, consideramos relevante que isso seja considerado ao longo da análise.

Com isso em vista, optou-se por uma abordagem qualitativa de análise dos dados, uma vez que se pretende observar os textos selecionados e interpretá-los de acordo não só com suas características formais, mas também os relacionando com seu contexto material e social de produção. De acordo com Brasileiro (2021, p. 83), a pesquisa qualitativa é

aquela que se ocupa da interpretação dos fenômenos e da atribuição de significados no decorrer da pesquisa, não se detendo a técnicas estatísticas. Os processos e suas dinâmicas, as variáveis e as relações entre elas são dados para a construção de sentidos e os principais condutores da abordagem. (Brasileiro, 2021, p. 83)

A escolha por uma abordagem qualitativa também se justifica pela necessidade de aproximação detalhada com os dados em uma perspectiva que considere seu caráter plural, tendo em vista o interesse que se apresenta em (re)conhecer o gênero resenha no Instagram considerando não só suas características prototípicas, mas também suas particularidades. Além disso, a pesquisa tem caráter exploratório e descritivo (PAIVA, 2019), em virtude da tentativa,

por um lado, de estabelecer uma primeira aproximação com o fenômeno escolhido e com os dados e, por outro, de descrever esse fenômeno sem que haja interferência sobre ele.

Após a coleta de dados foi realizada uma primeira análise, na qual foi possível identificar padrões recorrentes e algumas variáveis entre os textos. A partir desse movimento inicial, e considerando as características do gênero resenha, em especial os movimentos retóricos realizados nesse gênero, foram estabelecidas algumas categorias de análise que nortearam novas observações e a relação com as teorias referenciadas:

1. Os aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais¹⁷ no movimento retórico de **apresentação**;
2. Os aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais no movimento retórico de **descrição**;
3. Os aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais no movimento retórico de **avaliação**;
4. Os aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais no movimento retórico de **recomendação**;
5. Os aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais da **seção de comentários das publicações**.¹⁸

No que diz respeito aos elementos linguísticos e sociocomunicativos observados nos movimentos retóricos das resenhas, a análise se concentra, mas não se limita, a questões como: os mecanismos de conexão utilizados na progressão textual e na organização das informações dos textos; as expressões usadas para a construção da polidez, especialmente nos movimentos retóricos de avaliação e recomendação; e as formas de referência tanto no que diz respeito à retomada das informações ao longo do texto, quanto no que se refere à referência aos autores dos livros resenhados. Ademais, a forma como esses elementos se relacionam com o contexto de produção e circulação, com os sujeitos envolvidos e com a própria comunidade também é de interesse desta análise.

¹⁷ Cabe ressaltar que a divisão proposta entre esses três aspectos não sugere que eles sejam componentes isolados, mas trata-se de uma tentativa didática de ressaltar a sua relevância para a análise. E também apenas para fins didáticos ressaltamos os aspectos multimodais, uma vez que assumimos nesta dissertação, conforme explicitado na parte de fundamentação teórica, que todo texto é multimodal.

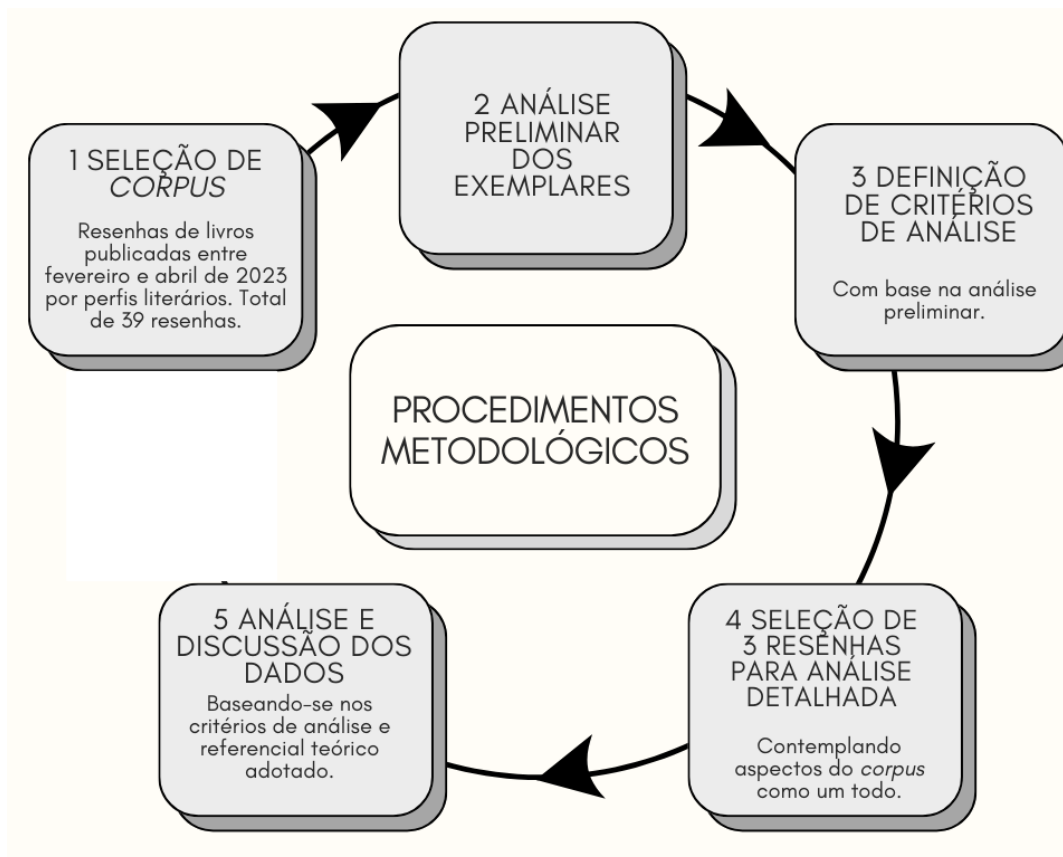
¹⁸ A proposta de uma categoria dedicada aos comentários se deu também por uma melhor organização do texto, tendo em vista que, conforme será possível observar na análise dos dados, há relação entre os movimentos retóricos da resenha e os comentários feitos sobre ela.

Outros aspectos multimodais analisados se referem aos diferentes modos utilizados pelos autores na construção de sentidos na resenha, incluindo a forma como os textos se organizam na legenda e no campo de imagens, o uso das ferramentas da plataforma, o emprego de *emojis* e de outros recursos visuais, entre outras questões. Já a análise dos comentários das publicações está relacionada à observação do caráter das discussões realizadas, a forma como os interlocutores fazem suas contribuições e o impacto que isso pode ter na leitura da resenha.

Esses pontos se mostraram importantes para a organização das informações observadas, as quais são discutidas na seção de análise à luz das contribuições dos estudos sobre gêneros discursivos/textuais, especialmente reflexões linguísticas mobilizadas pelo Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2018) e, no que diz respeito à noção de gêneros em especial, as discussões de diferentes autores sobre o assunto. Além disso, os estudos sobre multimodalidade foram importantes para a observação dos dados, tendo Kress (2003) e Kress e van Leeuwen (2006) como principais referências no assunto, uma vez que retomaremos algumas contribuições da Semiótica Social ao longo da análise.

A síntese do caminho metodológico realizado neste trabalho pode ser observado no esquema a seguir:

Esquema 1 – Procedimentos metodológicos



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No próximo capítulo é apresentada a análise de três resenhas críticas que fazem parte do *corpus* analisado. Com base na análise preliminar, mencionada anteriormente, e nos critérios elencados, alguns elementos se destacaram como recorrentes e relevantes para o entendimento geral da resenha no Instagram e, com base nessas informações, foram selecionadas três resenhas que juntas possibilitam uma melhor exploração do gênero e maior variedade de características a serem debatidas. Além disso, os três perfis responsáveis pelas publicações eram ativos até o momento de análise, ou seja, ainda publicavam resenhas no Instagram, o que sugere uma participação recorrente na comunidade *bookstagram*. A organização dessa análise será feita de acordo com os critérios anteriormente apresentados, tendo em vista os objetivos gerais e específicos deste trabalho.

5. ANÁLISE DOS DADOS

A seguir, serão analisados três exemplares do gênero textual/discursivo resenha coletados da rede social Instagram. São resenhas de livros escritas em língua portuguesa, encontradas a partir de uma busca pelas hashtags #bookstagram, #resenha(s) e/ou #resenhalitéria. A partir da análise dos dados gerados, foi possível identificar características e criar hipóteses acerca de seu comportamento no suporte escolhido.

Conforme discutido anteriormente, a resenha é um gênero textual/discursivo caracterizado pelos manuais de escrita por sua função descritiva e avaliativa, tendo grande relevância social por contribuir na escolha de consumo de produtos culturais e acadêmicos, como os livros. Com base na análise desenvolvida, foi possível observar que, apesar de outros gêneros textuais/discursivos escritos e orais serem escolhidos na apresentação e avaliação de produtos na internet, a resenha continua ocupando um espaço de relevância quando se pretende divulgar opiniões sobre obras literárias.

É importante considerar esse fato, uma vez que “[a] vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de certo gênero do discurso*” (Bakhtin, 2016, p. 38, destaque do autor). Essa escolha é motivada pela situação concreta de comunicação, pelo tema e pelos participantes envolvidos nessa situação. Dessa forma, perceber que os falantes ainda se debruçam sobre a resenha para se comunicarem sobre uma determinada obra mostra que o gênero ainda cumpre uma função importante no alcance dos objetivos dos falantes e no sucesso da comunicação, especialmente quando o assunto é descrever e analisar objetos culturais.

A análise dos dados coletados demonstrou que há uma tendência pela manutenção dos movimentos retóricos e mobilização de aspectos linguísticos da resenha que são enumerados de maneira recorrente nos manuais de escrita e trabalhos relacionados ao ensino de língua portuguesa. Contudo, observa-se uma tendência de heterogeneidade na apresentação dessas informações, o que pode apontar para uma maior liberdade do autor para explorar escolhas diversas, diferente do que sugerem esses manuais. Essa liberdade é prevista, uma vez que, apesar de os gêneros terem sua estabilidade constitutiva, a individualidade do sujeito está presente no gênero escolhido na comunicação, se adequando a ele (Bakhtin, 2016).

Cada exemplar será analisado de acordo com os movimentos retóricos do gênero resenha – apresentação, descrição, avaliação e recomendação –, conforme Pinton e Barreto elaboram em trabalho de 2019. Além dos movimentos retóricos das resenhas, também serão analisados os comentários relacionados à publicação. Serão observados, em cada caso, as escolhas acerca do uso de aspectos linguísticos e multimodais em cada movimento, além dos

aspectos sociocomunicativos relacionados à resenha no Instagram. Esses aspectos dizem respeito ao meio de circulação, à produção e ao consumo dos textos, o que contempla novamente os interlocutores que interagem a partir dessas publicações.

Como apontado por Marcuschi (2010; 2011) e Bezerra (2022), os gêneros textuais/discursivos são dinâmicos, e isso se reflete não apenas nas diferenças entre tecnologias e suportes com os quais os gêneros se relacionam, mas, como observado durante esta análise, também nas diferentes escolhas que podem ser realizadas durante a construção de um texto. Nesse sentido, os próximos tópicos serão dedicados à análise e discussão de aspectos do gênero resenha que foram identificados em sua presença no Instagram a partir dos exemplares selecionados.

A seleção das resenhas a serem analisadas neste capítulo se deu de modo a contemplar a diversidade e a criatividade observada na primeira análise. Além disso, os perfis responsáveis pela publicação das resenhas aqui reproduzidas são perfis ativos, que ainda publicam resenhas. Cabe mencionar, tendo em vista a proposta de discutir o gênero considerando seu suporte, que as resenhas serão reproduzidas de acordo com sua circulação no aplicativo do Instagram para dispositivos móveis. A escolha pelo *layout* para dispositivos móveis foi motivada principalmente pelo fato de o Instagram ter sido pensado, primeiramente, como um aplicativo e não como um *site*, e se manter mais popular como tal. Esse é um ponto importante, já que essa configuração é diferente, por exemplo, daquela do Instagram para navegadores de computadores.

5.1 RESENHA 1: “TUDO É RIO” DE CARLA MADEIRA

Figura 5 – Resenha do livro “Tudo é Rio”, de Carla Madeira



Curtido por [nome] e outras pessoas
 Tudo é Rio, @eucarlamadeira, 210 pgs. ★ 2,5 @grupoeditorialrecord
 ALERTA PARA POSSÍVEIS GATILHOS NO LIVRO.

As vidas de Dalva, Venâncio e Lucy se cruzam num emaranhado de fios impossíveis de serem desatados.

O livro é narrado em terceira pessoa com uma escrita em forma poética, o que não me agrada muito, já que sempre prezo pela objetividade, mas é uma leitura fluida.

Seria um bom livro de fantasia, mas como não havia nada disso na premissa base, li e o analisei como sendo de ficção, considerando o mundo real.

Um dos problemas do livro está em não dar o contexto, não sabemos onde se passa, nem em que período e isso dificulta muito analisar a história, já que poderia abrir concessões sobre comportamentos inerentes à época, assim como se fosse escrito em primeira pessoa. E é passado pano pra muita coisa, outras são banalizadas e até romantizadas.

Por exemplo, Lucy era menor de idade, hoje, analisando o que acontece, já haveria algum crime, e também atitudes completamente questionáveis em torno dela, e isso nem é cogitado, mas sim reverenciado, como um ato de poder, de liberdade, já que ela é uma personagem dona de si e consegue o que quer.

Já Venâncio, é um dos personagens mais asquerosos e repugnantes que já li, não só pela brutalidade e violência expostas nas primeiras páginas, mas pelo contexto criado em torno dele, é imperdoável o que ele fez, até mesmo com Bambu, enquanto todo mundo demonstrou apatia.

O livro também é cheio de facilitadores de roteiro para funcionar, no momento exato todo mundo desaparece ou surge um personagem aleatório para dar progressão desejada. Durante todo o livro, há uma insistência em se falar de amor no relacionamento deles, mas é algo que não consegui enxergar, houve posse, dotada de um ciúme doentio que cerceia relações e isola.

E falando em coisas doentias, todas as motivações de Venâncio, eram baseadas nisso, sua atitude com Bambu, com o filho, com Dalva, com Lucy, em dois momentos. Por fim, o livro termina de forma questionável, tanto pelo plot, quando pelo desfecho, que não traz beleza alguma. Para temas delicados, o cuidado ao tratar deles, é multiplicado.

E aí, o que acharam? Já leram ou querem ler esse livro?

Ver todos os 98 comentários

Fonte: Instagram.

A resenha analisada a seguir foi escrita sobre o livro “Tudo é Rio” da autora brasileira Carla Madeira, publicado em 2021. Primeiramente, será feita a introdução da resenha analisada, considerando aspectos gerais relacionados a sua publicação e composição. Em seguida, será apresentada a análise de acordo com as categorias propostas, conforme já discutido anteriormente. O mesmo se repetirá na análise das outras duas resenhas.

Considerando a necessidade de localizar os sujeitos envolvidos na interação em um contexto social (Volóchinov, 2018, p. 145), cabe, primeiramente, identificar o autor da resenha no ambiente do *bookstagram* enquanto comunidade. O perfil no qual o texto foi publicado em fevereiro de 2023 é o de um *bookstagram*, como indica seu perfil exclusivo para postagens sobre livros e o nome de sua página que, além do nome próprio do autor, inclui o rótulo “IG Literário”, sugerindo que ele se reconhece enquanto criador de conteúdo. Esse rótulo reforça sua posição de dentro de um grupo maior de pessoas, que muitas vezes se dividem entre produtores e consumidores, apesar de esses rótulos serem cada vez menos isolados, e a ideia de “prossumidor” ser cada vez mais adequada (Ribeiro, 2018). Em setembro de 2023, o perfil contava com 11,5 mil seguidores e mais de quatrocentas publicações. Não foi possível identificar a quantidade de curtidas dessa publicação, uma vez que o Instagram permite que os donos dos perfis omitam essas informações de outros usuários.

De modo geral, os movimentos retóricos de apresentação, descrição, avaliação e recomendação, discutidos neste trabalho principalmente conforme Pinton e Barreto (2019), foram identificados na leitura da resenha, o que permitiu sua análise de acordo com os critérios sugeridos. Como características gerais, que perpassam todo o texto, é possível perceber que o autor se preocupou em adotar uma linguagem que o aproximasse dos leitores de seu nicho. Essa escolha, considerada uma estratégia discursiva relevante para a análise, reforça a consideração do interlocutor enquanto sujeito importante para a interação, especialmente o fato de que a forma e o estilo do enunciado sofrem a influência dos participantes sociais envolvidos, além da situação de comunicação imediata (Volóchinov, 2018). Foi observado que sua escrita se aproxima da norma padrão, contudo o autor acrescenta expressões coloquiais (“é passado pano pra muita coisa”), e o texto possui alguns desvios, o que fica acentuado no último parágrafo, no qual o autor usa a vírgula para separar sujeito e predicado (“todas as motivações de Venâncio,...”; “o cuidado ao tratar deles,...”). Nesse sentido, observa-se que houve um monitoramento da formalidade ao longo do texto, o que não comprometeu o estabelecimento de conexões com o leitor, especialmente por meio de expressões coloquiais.

Além disso, nota-se que a publicação a seguir é composta por uma única foto e a legenda se organiza a partir de parágrafos que se dividem por meio de espaços em branco entre eles, recurso comumente utilizado por autores de resenha no Instagram na composição de suas legendas. As *hashtags*, responsáveis pela identificação da resenha, foram adicionadas pelo autor nos comentários da publicação, o que pode ser justificado pela limitação de espaço nas legendas. Logo, nessas observações é possível perceber a influência do suporte na produção e na circulação do texto, bem como nas escolhas multissemióticas realizadas pelo autor da resenha. De acordo com Kress (2003), essa relação entre tecnologias e a articulação de diferentes modos de comunicação é prevista e, sobretudo, deve ser observada. Com isso em vista, a seguir, é possível verificar a resenha analisada.

5.1.1. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de apresentação

A apresentação é o movimento retórico no qual é feita “uma introdução do contexto no qual a obra está inserida, trazendo informações básicas sobre autor e obra” (Pinton; Barreto, 2019, p. 18). Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) também mencionam essa introdução em sua caracterização da resenha, apesar de relacioná-la ao movimento de descrição. A apresentação pode também surgir no formato de cabeçalho, como Andrade (2006) sugere, mas o caráter introdutório se mantém. A seguir, será analisada a forma como o movimento retórico de apresentação ocorre no primeiro exemplar observado.

A apresentação da obra resenha começa logo na imagem que encabeça a publicação. Nela, temos um participante representado (PR), ou seja, um elemento sendo representado na imagem, sendo seu braço usado como vetor do elemento livro, outro PR, indicando-o à câmera. Como elemento secundário, há a prateleira do fundo da imagem, que serve de cenário para a imagem e reforça o fato de ser um conteúdo sobre livros, mas de forma a não tirar o foco do livro resenhado. O grande número de livros ao fundo pode servir também para conferir legitimidade ao resenhista: o leitor pode captar a mensagem de que, se esse resenhista lê tanto, certamente tem credibilidade no exercício da função. Observa-se que o PR, que também é o autor do texto, ocupa o espaço mais central da imagem, representado em uma perspectiva objetiva de ângulo frontal. Conforme a proposta da Gramática do Design Visual aponta, “o ângulo frontal denota envolvimento e relaciona-se à ação” (Santos, 2011), o que contribui para o efeito de sentido que um influenciador espera do seu público, de modo que esse possa se sentir compelido a interagir com ele.

Além disso, o PR olha diretamente para o participante interactante (PI), participante da interação mediada por essa imagem, o que sugere um olhar de demanda. Une-se isso ao plano fechado da imagem e à expressão facial do autor, que pode gerar um suspense quanto à posição valorativa do resenhista em relação ao livro, além de uma sensação de proximidade entre os interlocutores. Como mencionado, o braço do PR é utilizado como vetor que indica o objeto livro, que ocupa um plano mais à frente na imagem.

A capa do livro é composta por uma arte em tons de azul, cinza e laranja em um formato abstrato. Considerando o título da obra, pode-se estabelecer uma relação entre a capa e a ideia do rio a partir das ondas da água. É a partir da capa do livro que as primeiras informações da obra são apresentadas ao leitor da resenha, sendo elas a editora, o título da obra e o nome da autora. O autor também utilizou o recurso de marcação de imagens para indicar a editora e a autora da obra, sendo possível acessar os perfis ao clicar nos balões que surgem na tela. Esse recurso de marcação é muito importante e recorrente nas resenhas literárias publicadas no Instagram, uma vez que, além da apresentação, indica uma relação entre esses interlocutores – resenhista, editora e autora do livro –, bem como promove a resenha para esses perfis e seu público, o que é mais uma possibilidade que o suporte oferece ao autor.

Na legenda, o autor inicia reforçando as informações e para isso utiliza diferentes recursos, além do texto verbal. São utilizados três *emojis*: o primeiro, de um livro aberto, se relaciona ao título do livro; o segundo, de uma página, indica o número de páginas; o terceiro, de uma estrela, se associa à nota atribuída ao livro. Nesse primeiro parágrafo, também é possível perceber como que as fronteiras entre os movimentos retóricos podem ser flexíveis, uma vez que o autor também insere informações relacionadas à descrição e à avaliação. O aviso de alerta sobre possíveis gatilhos se relacionaria à etapa de descrição, uma vez que se refere ao conteúdo do livro, mas também tem relação ao movimento de recomendação, tendo em vista seu poder de influência sobre a tomada de decisão do leitor da resenha. A avaliação, por sua vez, se insere a partir do uso da estrela e do número, que representam o quanto o autor gostou ou não do livro. Essa classificação se dá entre zero e cinco, por isso, a nota atribuída pelo resenhista ao objeto resenhado estaria entre o que é considerado muito ruim e aquilo que é tido como excelente, por exemplo. Isso reforça que, apesar de identificarmos os movimentos retóricos e discutirmos individualmente suas principais características na resenha literária no Instagram, não é possível ignorar o modo como eles se sobrepõem a todo momento ao longo dos textos.

5.1.2. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de descrição

Apesar de comumente confundido com o movimento retórico de apresentação, o movimento de descrição se relaciona ao ato de “resumir os fatos que acontecem na obra” (Pinton; Barreto, 2019, p. 18). Nesse sentido, a descrição está relacionada ao conteúdo do produto cultural resenhado e pode aparecer em textos sob o nome de sinopse ou resumo, especialmente quando esse movimento se dá a partir de citações de outros textos que cumprem essa função. Esta seção é dedicada à discussão sobre esse movimento, com base nos elementos do exemplar analisado.

A descrição feita pelo autor não sintetiza de forma organizada o enredo do livro, se tratando de comentários ao longo do texto que acompanham a avaliação. Entre as informações apresentadas, se destacam o trecho “As vidas de Dalva, Venâncio e Lucy se cruzam num emaranhado de fios impossíveis de serem desatados.”, o que antecipa que há uma relação entre as três personagens, e outros relacionados à escrita da autora (“O livro é narrado em terceira pessoa com uma escrita em forma poética”) e sobre as personagens (“Lucy era menor de idade”). Não há uma descrição aprofundada do enredo do livro resenhado, havendo preferência pela avaliação da obra. Considerando a limitação de caracteres proposta pelo suporte, é importante observar como se dá a escolha do autor da resenha por alguns movimentos em detrimento de outros, e os impactos que isso pode ter na leitura por seu interlocutor.

Cabe ressaltar a importância que as capas de livros têm não só por seu apelo estético visual, mas também pelas informações que elas podem antecipar sobre a obra, contribuindo para o movimento retórico de descrição. Conforme Souza (2022), ao discutir a capa do livro como um ponto relevante no campo do design, do mercado e da cultura, a capa de um livro consiste em

um artifício valioso porque, em um mundo saturado de informações e estímulos, a arte escrita precisa ser anunciada ao público de forma cativante, com a tradução de seus significantes verbais em significantes visuais. A boa capa de livro tem essa capacidade de sugerir ao leitor como seria viajar para o universo oferecido pela obra (MENDELSUND; ALWORTH, 2020). (Souza, 2022, p. 60)

Nesse sentido, é possível criar hipóteses quanto ao gênero literário da obra, por exemplo, se se trata de um romance ou de um livro de ficção científica, e quanto ao tom da história, se é um livro mais alegre ou mais dramático, etc. No caso do livro resenhado, a forma como a capa é composta, especialmente o jogo de cores e formas escolhido, pode sugerir, entre outras hipóteses, que se trata de uma história dramática, até mesmo triste.

Os verbos relacionados às características da escrita estão no presente do indicativo, indicando que seriam características permanentes; por sua vez, no que diz respeito às personagens, há alternância entre verbos de acordo com os aspectos destacados pelo resenhista. “Lucy era menor de idade” se refere a um momento da história no qual ela foi vítima de um crime, por isso o verbo no imperfeito. Contudo, ao descrever as personagens de forma geral, o autor emprega verbos no presente (“ela é uma personagem dona de si”).

Ao referenciar o livro ao longo do texto, não são utilizadas substituições, sendo a palavra “livro” repetida em diversos momentos. Além disso, não são feitas referências diretas à autora da obra resenhada; quando o resenhista menciona a escrita da história, ele utiliza a expressão na voz passiva (“O livro é narrado”), com omissão do agente. Tendo em vista essas observações, é possível sugerir que a descrição feita na resenha não é objetiva, o que pode estar relacionado ao fato de o resenhista não ter gostado da história e, aparentemente, escolher destacar aquilo que justificaria sua posição. Considerando a perspectiva linguística adotada, é necessário retomar o caráter ideológico não só da palavra, mas também do uso feito dela. É importante considerar que as escolhas linguísticas, além de revelarem o estilo individual e a subjetividade do falante, também retomam uma posição ideológica (Volóchinov, 2018), conforme observado neste caso.

5.1.3. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de avaliação

Nesta seção nos dedicamos ao movimento retórico de avaliação, no qual, de acordo com Pinton e Barreto (2019), a voz do resenhista ganha destaque. As autoras definem esse movimento como aquele no qual “são expressas as opiniões do autor sobre a obra resenhada, baseadas em argumentos que qualificam positiva ou negativamente a trilha sonora, a caracterização das personagens, a descrição dos ambientes em que a obra se passa, etc.” (Pinton; Barreto, 2019, p. 18). Nessa avaliação – ou “apreciação da obra”, nas palavras de Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) – se destaca a mobilização da competência argumentativa, o que acrescenta mais uma dimensão de análise do exemplar escolhido.

Além da argumentação, esse movimento ressalta um elemento inerente ao texto em sua completude, sendo ele a relação valorativa entre falante e objeto (Bakhtin, 2016), ou seja, o fato de o falante, em seu discurso, expressar sua percepção sobre o tema sobre o qual discorre. Essa relação “determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (Bakhtin, 2016, p. 47). Na primeira resenha analisada, a avaliação começa com o autor acrescentando a nota atribuída ao livro. Tendo em vista uma escala de zero a cinco, seria

possível assumir que foi uma leitura mediana, com pontos positivos e negativos. Porém, ao longo da leitura da resenha, observa-se que a proporção de comentários negativos é predominante ao longo de todo o texto, com poucos usos de atenuadores de opinião. Quando se trata da análise de uma peça artística/literária, é importante ter em vista que há, da parte do analista, uma expectativa em relação a essa obra, criada a partir do que se sabe e do que se diz sobre ela. Isso se reflete em todos os movimentos retóricos realizados pelo resenhista, seja nesta resenha ou nas outras analisadas, que apresentam uma perspectiva subjetiva, bom base na relação entre expectativas criadas e a leitura realizada.

Dito isso, em um primeiro momento, o autor avalia o livro de forma geral. O ponto positivo atribuído ao livro é de ser uma leitura fluida, porém o resenhista deixou claro que o estilo de escrita não lhe agrada, uma opinião dada tendo em vista o gosto subjetivo do resenhista. Nesse momento, já é possível notar uma característica que é recorrente ao longo do texto, o contraste de ideias. O uso do conectivo “mas” é feito em diferentes ocasiões, nem sempre com o mesmo sentido, mas sempre colaborando para a relação entre as ideias sugeridas pelo autor. Outro conectivo importante na coesão e na coerência da resenha é a expressão “e”, como em “também atitudes completamente questionáveis em torno dela, e isso nem é questionado, **mas** sim reverenciado”.

Em outro momento, a partir do uso de um verbo no futuro do pretérito (“**Seria** um bom livro de fantasia, mas como não havia nada disso na premissa base, li e o analisei como sendo de ficção, considerando o mundo real.”), é possível refletir de que maneira a avaliação do autor se relaciona com o gênero no qual o livro se encontra, uma vez que ele sugere que, se fosse um livro de fantasia, a discussão seria realizada de outra forma. Em seguida, ele retoma o uso do verbo no presente do indicativo, ao discorrer sobre a questão do contexto e acontecimentos da história, afirmando que “é passado pano pra muita coisa, outras são banalizadas e até romantizadas” e que o livro “é cheio de facilitadores de roteiros para funcionar”.

Além do uso de verbos, as escolhas de vocabulário, em especial de adjetivos, ajudam a compreender a percepção do resenhista sobre alguns aspectos, em especial as expressões de cunho negativo utilizadas por ele. O uso da expressão “questionável” se mostra tênue perto de outras, especialmente no que diz respeito à personagem Venâncio, descrito como “asqueroso e repugnante”. Dessa forma, é possível perceber que o autor se preocupou com a polidez no que diz respeito a aspectos gerais da obra, ou seja, não utilizou “expressões que possam agredir ou desrespeitar seu público” e busca manter “um equilíbrio social e relações amigáveis entre autor e leitor” (Pinton; Barreto, 2019, p. 37), restringindo o uso de adjetivos e expressões mais explícitas ao personagem.

Outro ponto importante na avaliação feita pelo resenhista é a expressão da subjetividade em suas opiniões. O uso da primeira pessoa do singular e de pronomes ajuda no destaque do caráter pessoal dos comentários, como em “o que não **me** agrada muito”, “um dos personagens mais asquerosos e repugnantes que já **li**”, e “é algo que não **consegui** enxergar”. De acordo com Andrade (2004), na resenha acadêmica é evitado o emprego da primeira pessoa, e a subjetividade deve ser demonstrada de forma que “o comentário pareça surgir como uma característica da própria obra” (Andrade, 2004, p. 33). Conforme observado, isso não ocorreu na resenha literária analisada, o que demonstra a necessidade de considerar o propósito comunicativo ao discutir as características do gênero.

Relacionando a nota dada e o tom da resenha, não é possível assumir que, de fato, se trata de uma nota média, uma vez que o autor aparentemente só teve críticas negativas ao livro. Por outro lado, o autor não apresenta os critérios de atribuição de nota, que podem não ser os mesmos que os apontados na resenha. De modo geral, o que pode ser percebido é que a avaliação foi predominantemente negativa.

5.1.4. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de recomendação

O quarto movimento retórico considerado é o de recomendação, no qual “o autor recomenda ou não a obra resenhada, ou seja, a partir de argumentos apresentados na avaliação, o resenhista dirá o quão pertinente ela poderá ser para determinado público” (Pinton; Barreto, 2019, p. 18). Esse movimento, conforme mencionado, está relacionado ao de avaliação, uma vez que ela embasará a posição assumida pelo autor. Na primeira resenha analisada, a recomendação ou não recomendação da obra não é feita a partir de expressões que deixam explícito o posicionamento do autor. Contudo, o tom da avaliação e a nota atribuída ao livro dão pistas de que o livro não seria recomendado. Retomando os movimentos retóricos de avaliação, não há, por parte do autor, atenuantes na opinião que poderiam sugerir que, apesar de haver pontos negativos, a leitura seria proveitosa. Além disso, a imagem escolhida para encabeçar a publicação, incluindo a expressão facial do autor, não indicam que há a intenção de indicar o livro. Reforça-se, aqui, que a (não) recomendação não se dá somente na dimensão verbal, mas também é multimodal.

Apesar dessas estratégias, como é possível perceber pelos comentários deixados na publicação do influenciador, não foi necessária uma não sugestão explícita para que alguns leitores da resenha que não leram a obra tomassem uma posição em relação ao livro resenhado. Como será observado a seguir, a análise dos comentários é importante para compreender a

posição do autor quanto à recomendação ou não da obra, dando continuidade à discussão iniciada na publicação. Os comentários e outros movimentos retóricos não impactam na recomendação apenas em sua dimensão verbal, mas incluindo todos os elementos multimodais considerados ao longo da análise.

5.1.5. Os aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais na seção de comentários das publicações

Conforme discutido no Capítulo 3, a sociabilidade é uma característica importante das comunidades virtuais, especialmente do *bookstagram* (Cirino, 2021). O Instagram, enquanto suporte, oferece como possibilidade de interação a ferramenta de comentários, na qual leitores podem opinar sobre a publicação feita e incentivar a continuidade da discussão naquele espaço. Na análise preliminar realizada, foi observado que os comentários são fundamentais para compreender não só o impacto da resenha na construção de opinião, considerando que esse é um gênero reconhecido por auxiliar na decisão de consumo de produtos culturais (Andrade, 2006), mas também de que maneira a cadeia da comunicação discursiva (Bakhtin, 2016) tem continuidade nesse espaço.

Além disso, a seção de comentários possibilita a compreensão da maneira como o ato responsivo ativo pode se dar por meio de respostas que demonstram também a interpretação que o leitor realizou do texto lido, tendo em vista que “essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante” (Bakhtin, 2016, p. 25). O comentário, nesse sentido, é apenas mais um elemento da responsividade do interlocutor.

Esse ato responsivo também é esperado pelo falante, que considera esse elemento na composição de seu discurso. No caso do texto analisado, por exemplo, o resenhista encerra seu texto fazendo perguntas aos leitores: “E aí, o que acharam? Já leram ou querem ler esse livro?”. O autor se refere diretamente ao seu público, mencionados como “vocês”, o que propõe uma proximidade entre os interlocutores e seu reconhecimento. Esse movimento propõe um convite para que os leitores participem da discussão, dando sua opinião e compartilhando suas experiências por meio de comentários.

Contudo, também cabe reforçar que, se tratando de influenciador, seu objetivo ultrapassa os limites da troca como uma forma de compartilhamento de opiniões e informações. Há o interesse pelo volume de comentários, que possibilitam que a publicação seja considerada mais relevante pela plataforma e, conseqüentemente, chegue a mais potenciais seguidores. Além disso, ter em vista o fato de os influenciadores literários e os leitores de suas publicações

se considerarem como parte de uma comunidade é importante para entender a motivação também daqueles que deixam os comentários.

No período de análise, a publicação analisada contava com 98 comentários, incluindo réplicas. Entre esses comentários, os leitores assumiram diferentes posições em relação ao texto, havendo discordâncias e concordâncias de opinião, além de comentários de pessoas que não leram a história dizendo se manteriam ou não o interesse de fazer a leitura. Essa multiplicidade de respostas a partir de um texto já era prevista pelo Círculo de Bakhtin em seus estudos, especialmente na discussão sobre a atitude responsiva ativa dos leitores, não mais vistos como receptores passivos de informações.

A maioria dos comentários foi respondido pelo autor, reafirmando sua opinião e/ou apresentando novos argumentos. No seguinte diálogo, o autor e uma leitora continuam o debate sobre a história, retomando os movimentos retóricos de descrição e avaliação da obra.

Figura 6 – Comentários na resenha do livro “Tudo é Rio”, de Carla Madeira I¹⁹



Fonte: Instagram.

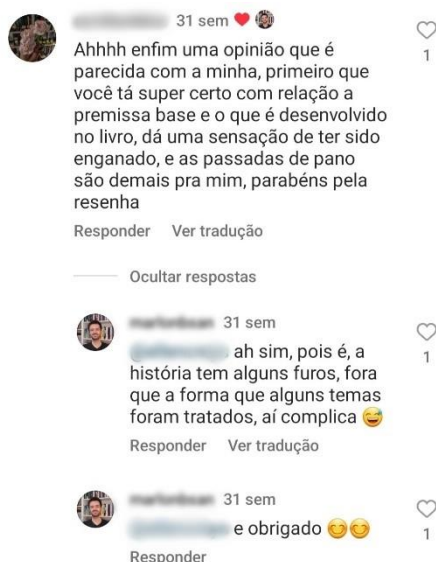
¹⁹ A sequência de comentários foi disposta em colunas para que a leitura fosse facilitada.

A leitora apresenta pontos de concordância e discordância com o resenhista em seus comentários, o que leva o resenhista a desenvolver melhor seus argumentos, aprofundando o que ele diz na resenha. Nesse momento, sua escrita é menos monitorada, com marcas de oralidade como em “passa um paninho kkkkk”, “fora a questão da Lucy e tals” e em “não consegui abrir concessões sobre algumas coisas, **tipo**, não existe médico, policial, vizinhos fofoqueiros pra causar impacto na história”. Além disso, o uso de *emojis* no final das réplicas aponta para uma tentativa de atenuar sua participação na discussão, reforçando o tom cordial dos envolvidos.

Nesse diálogo cabe também observar a inserção de uma terceira pessoa que responde o comentário feito e é respondida pela comentarista. Nessa conversa há um destaque para a experiência de leitura e para como foi a recepção do livro e os sentimentos envolvidos. Percebe-se que o espaço para comentários não só possibilitou um diálogo entre leitores e resenhista, mas entre os próprios leitores.

Em outro comentário, a leitora apresenta um ponto de vista alinhado ao do resenhista, elogiando a resenha escrita, o que também ocorreu em outros comentários semelhantes. O autor da resenha reafirma seu posicionamento e agradece o elogio, mais uma vez utilizando uma linguagem menos monitorada e *emojis* de expressão facial.

Figura 7 – Comentários na resenha do livro “Tudo é Rio”, de Carla Madeira II

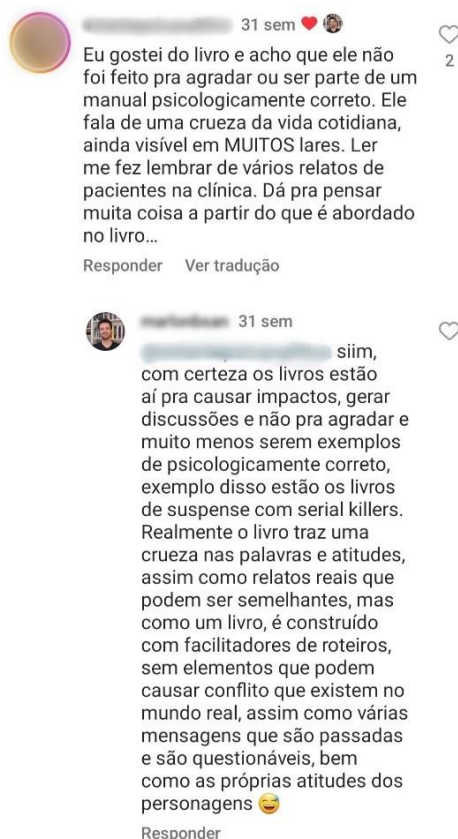


Fonte: Instagram.

Além dos comentários de concordância, ou com comentários positivos e negativos sobre a história, foi possível observar posicionamentos opostos ao que o autor apresenta na resenha. No seguinte comentário, o leitor argumenta em favor da história e da forma como ela é contada,

apontando uma leitura divergente da feita pelo resenhista. Diferente de outras respostas, nas quais o resenhista apresenta algum ponto de concordância, nesta ele reafirma seu posicionamento, mesmo ao reforçar o ponto de que “os livros estão aí pra causar impactos, gerar discussões e não pra agradar e muito menos serem exemplos de psicologicamente correto”, contudo, para ele, esse não é o caso do livro resenhado.

Figura 8 – Comentários na resenha do livro “Tudo é Rio”, de Carla Madeira III



Fonte: Instagram.

Por fim, alguns comentários são de leitores que não leram o livro resenhado expressando um posicionamento no que diz respeito ao interesse de fazer sua leitura. Alguns apontam que a resenha aumentou o interesse pela leitura, motivada pela curiosidade, uma vez que outros resenhistas deram opiniões diferentes sobre a obra, como os exemplos a seguir, na coluna à esquerda na Figura 9. Outros, por sua vez, como os comentários da coluna da direita, indicam um receio de ler o livro motivado pela leitura da resenha.

Figura 9 – Comentários na resenha do livro “Tudo é Rio”, de Carla Madeira IV



Fonte: Instagram.

Além da divergência de posicionamentos nesses comentários, o que chama a atenção é o fato de o resenhista, diferente do que é feito na legenda, incentivar a leitura do livro, utilizando expressões no imperativo, como “leia sim”, e outras como “vale a leitura”. Além disso, uma das leitoras na coluna à esquerda na Figura 9 menciona os comentários da publicação, sugerindo que ela gostou de fazer a leitura. O resenhista, por sua vez, afirma que os “comentários foram bem argumentativos”, retomando as discussões feitas pelos leitores em seus comentários.

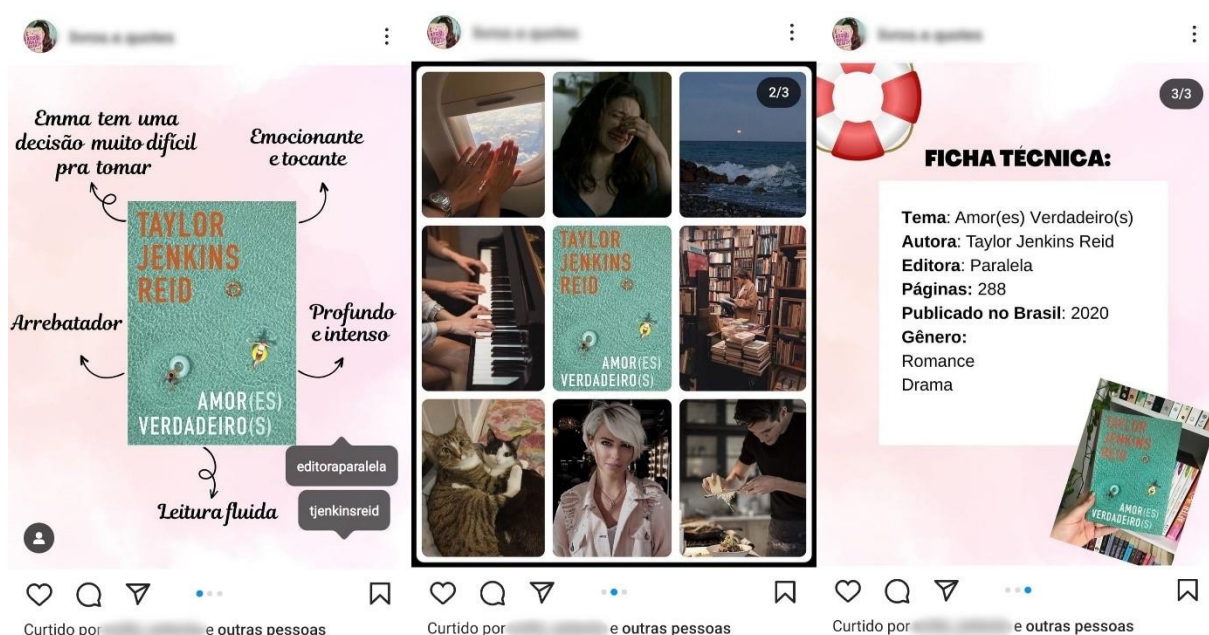
Isso reforça o dialogismo no qual a resenha analisada se encontra, uma vez que a partir dela outros textos – os comentários – foram surgindo e dando continuidade à discussão proposta. Tendo em vista que essa discussão se dá em torno de um mesmo objetivo cultural – o livro – é possível afirmar que o dialogismo também se dá com essa obra, retomando-a a todo

momento. Além disso, o próprio autor, em seus comentários, retoma sua resenha não só a reforçar seu posicionamento, mas também acrescentando novas informações, como a recomendação da leitura mesmo para quem se sentiu desencorajado pelo seu texto.

Em resumo, é possível perceber, tendo em vista as interações nos comentários, que a resenha analisada motivou diferentes discussões sobre o livro resenhado e foi considerada um fator de decisão para leitura ou não do livro por quem ainda não tinha realizado a leitura. O autor, por sua vez, manteve seu posicionamento ao dialogar sobre a história com outros leitores, mas sugeriu a leitura para quem não a fez. Esse incentivo, contudo, não diz respeito a uma mudança de posição, uma vez que o autor reafirma que a história tem seus pontos negativos, mas parece estar relacionada ao tom cordial que o resenhista assume nas respostas que dá aos comentários da resenha e a um desejo de atenuar a crítica, tendo em vista que o livro causou discussões divergentes e polêmicas.

5.2 RESENHA 2: “AMOR(ES) VERDADEIROS” DE TAYLOR JENKINS REID

Figura 10 – Resenha do livro “Amor(es) Verdadeiro(s)”, de Taylor Jenkins Reid²⁰



²⁰ Tratando-se de uma publicação composta por diferentes imagens, foi necessário manipulá-las para reprodução. Dessa forma, a colagem apresenta as imagens conforme elas são dispostas no Instagram para leitura, da esquerda para a direita.

Resenha de  Amor(es) Verdadeiro(s)



O que dizer desse livro? Estou sem palavras! Foi um misto de emoções! O começo foi muito gostoso de ler, a Emma na fase da adolescência com suas paixões e birras com os pais e a irmã...

Depois o livro ficou emocionante demais, o coração ficou apertado! Nossa como eu sofri junto com todos os personagens!

Eu indico muito! É um livro que vai muito além, não é só sobre amor, é sobre nós mesmos! A escrita dela é impecável!

Atenção Spoilers: 

Quando a Emma perdeu o Jesse eu sofri muito muito muito com a dor do luto dela! Chorei tanto! E depois fiquei feliz que ela encontrou o Sam! Mas quando o Jesse voltou eu fiquei com muita dó dele e ao mesmo tempo com dó do Sam!

Eu sofri igual a Emma, que decisão difícil de tomar, mas a irmã dela deu aquele conselho perfeito: a questão é qual vida ela queria ter!

Achei tudo muito coerente e resolvido da melhor forma possível! Não tinha lado certo! Esse livro me tocou demais, ele está no meu pódio junto com os livros do meu amor: Colleen 😊

Quem já leu? O que achou?

•
•
•
•
•

#books #livros #resenhaliteraria #resenhadelivros
#booktok #bookreview #tbr #bookaesthetic
#bookstagram #bookstagram #bookstan
#bookgram #colleenhoover #instabook
#instagramliterario #bookhear #bookholic
#igliterario #leiamais #leiamulheres
#livrosderomance #livrostristes #amoresverdadeiros
#taylorjenkinsreid

Ver todos os 17 comentários

28 de março • Ver tradução

Fonte: Instagram.

A segunda resenha analisada tem como objeto resenhado o livro “Amor(es) Verdadeiro(s)”, da autora estadunidense Taylor Jenkins Reid, publicado no Brasil em 2020. A publicação da resenha foi feita em março de 2023 por um perfil que se intitula como um *bookstagram* que, em setembro de 2023, contava com mais de sete mil seguidores e mais de trezentas publicações. No que diz respeito aos dados da publicação, foi possível identificar que possuía, também em setembro de 2023, trezentas e cinquenta e nove curtidas e dezessete comentários.

A resenha é composta por três imagens, que apresentam diferentes informações, porém se relacionam a partir do jogo de cores e o tema geral, que é o livro resenhado. A legenda é organizada em parágrafos separados por espaços entre si, e o texto é composto por diferentes elementos multimodais. Também na legenda, a autora da resenha acrescentou as *hashtags* que

contribuíram para a identificação da resenha, além de outras também relacionadas ao nicho e à resenha. Novamente é possível notar a influência do suporte Instagram na produção do texto e na articulação de diferentes elementos, especialmente na inserção de imagens. Ao elaborar seu conceito de mídia como uma reformulação da ideia de suporte, Bonini (2011) reforça essa interferência como uma característica da mídia/suporte, uma vez que ela norteia a edição do texto, as relações entre interlocutores, entre outras questões, de acordo com suas especificidades.

De modo geral, a resenha é escrita de forma pouco monitorada e não há um ordenamento no que diz respeito aos movimentos retóricos do texto. No que diz respeito à distribuição do texto entre os campos de informação, há a exploração complementar dos campos de imagens e legendas, ou seja, cada espaço é utilizado de uma forma específica e possibilita a discussão de diferentes pontos do texto. Isso remonta à noção de carga informacional discutida por Kress (2003), uma vez que cada modo é utilizado para tarefas específicas e, no caso do texto analisado a seguir, carrega uma parte dessa carga informacional e se complementa com o outro modo. Além disso, no que diz respeito aos movimentos retóricos, esses se sobrepõem, especialmente a apresentação e a descrição, o que se relaciona à questão da carga informacional. Outro aspecto que chama atenção ao longo do texto é o emprego recorrente dos pontos de exclamação, que influencia no ritmo da leitura e sugere uma euforia da resenhista ao apresentar seus posicionamentos ao longo do texto.

5.2.1. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de apresentação

A apresentação da obra, ou seja, a introdução das informações gerais sobre ela, é feita, primeiramente, com a utilização da capa do livro. A primeira imagem da publicação não se trata de uma foto do livro, mas sim de uma figura montada a partir de sua capa, que apresenta informações quanto à autoria e ao título da obra. Nessa primeira imagem, observa-se que a capa do livro ocupa a posição central da imagem, ou seja, é o núcleo da informação (Santos, 2011). Observa-se, ao redor, outras informações que ocupam a posição da margem, dando suporte à informação central. As setas funcionam como vetores, relacionando o núcleo à margem. Nessa imagem a resenhista também marca a editora e a autora do livro, o que não só informa, como também possibilita a interação com essas outras contas.

A apresentação é feita também na terceira imagem, na qual a resenhista inclui uma ficha técnica do livro, tendo como novas informações o número de páginas, o ano de publicação e os gêneros literários aos quais o livro pertence. É possível observar um destaque ao título, escrito

em letras grossas e em um tamanho maior da fonte. Já a própria ficha ganha destaque a partir do fundo branco, contrastando com o restante da imagem, o que reforça o caráter de importância das informações introduzidas. Conforme observado, apesar de haver a sugestão de que a apresentação ocorra no início da resenha, há elementos de apresentação em diferentes espaços do texto, inclusive se relacionando aos outros movimentos retóricos, como no caso desta resenha. Isso reforça o que vem sendo destacado sobre a sobreposição dos movimentos retóricos da resenha, que não se apresentam de forma linear no texto.

Retomando o debate sobre a presença do estilo individual do falante no discurso (Bakhtin, 2016), cabe pontuar como a apresentação nessa resenha se mostra diferente da forma como foi feita no texto anterior, o que pode estar relacionado à preferência desses falantes. Além disso, a noção de transmutação dos gêneros (Zavam, 2003) também pode ajudar a compreender a presença dessa prática já conhecida nos suportes tradicionais, isto é, a da produção de fichas técnicas ou catalográficas nas resenhas também em textos que circulam em um outro suporte, uma vez que isso sugere não só um conhecimento global do gênero, como também mostra uma relação com características do gênero resenha mais comumente vistas em outros suportes.

Nesse momento, é incluída uma foto na qual é possível observar o recorte de um braço segurando o livro resenhado no formato físico, colocando-o em posição de destaque mais uma vez no centro da imagem. Além disso, uma estante de livros é utilizada como fundo para a imagem, oferecendo contexto quanto ao espaço no qual a foto foi tirada e reforçando o caráter do conteúdo produzido. Na legenda, a autora optou por incluir apenas o título do livro, sem mais informações relacionadas à apresentação.

O contexto mencionado se relaciona àquilo que Kress e van Leeuwen (2006, p. 35-41) denominam paisagem semiótica, uma vez que ele faz parte de um conjunto de modos que contribuem para a comunicação, considerando o que socialmente é concebido sobre esses modos e seus usos. No caso de uma resenha literária, a estante como fundo das imagens não apenas retoma o próprio conteúdo produzido, como também faz referência à valoração positiva feita sobre a prática de expor livros em uma estante, especialmente em uma coleção volumosa, o que atribui legitimidade ao resenhista. Em outro momento sócio-histórico, no qual essa valoração fosse outra, a paisagem semiótica seria provavelmente composta por outros elementos. Além disso, Kress e van Leeuwen (2006, p. 35) reforçam a relação entre a paisagem semiótica e o suporte, uma vez que os modos que a compõem sofrem interferência das possibilidades oferecidas pelo suporte e pelas exigências, histórias e valores socioculturais.

5.2.2. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de descrição

No que diz respeito à descrição da obra, ou seja, a introdução dos aspectos sobre a história contada, não há uma síntese dos acontecimentos do livro, que são, na legenda, distribuídos ao longo do texto. A resenhista destaca sua experiência de leitura e suas reações de acordo com os acontecimentos do livro, e essas narrações dão pistas sobre alguns acontecimentos da história: “Emma na fase da adolescência com suas paixões e birras com os pais e a irmã”, “Quando a Emma perdeu o Jesse”, “ela encontrou o Sam, “o Jesse voltou”.

Contudo, não é fácil para o leitor depreender uma visão geral da história a partir da resenha. A escolha de verbos ao longo do texto reforça o tom de relato da resenha a partir do pretérito perfeito, com muitos usos da primeira pessoa do singular, que ajudam na distinção entre os momentos de descrição do enredo e de relato de experiência de leitura. Além disso, o uso de conjunções e advérbios é muito recorrente ao longo da escrita, principalmente nos momentos de reação a algum aspecto da história (**Quando** a Emma perdeu o Jesse, eu sofri **muito muito muito...**). Esse movimento se dá de forma semelhante ao que ocorre na resenha anterior, ou seja, a descrição não tem destaque e nos dois casos surge de forma fragmentada e relacionada aos outros movimentos retóricos. Esse aspecto é diferenciado do que é previsto pelos manuais de produção de resenhas, que colocam a descrição em uma posição de destaque.

No campo de inserção de imagens, a autora menciona, na primeira imagem, que “Emma tem uma decisão muito difícil pra tomar”, o que também é mencionado na legenda. Na segunda imagem, a resenhista recorre a uma colagem de imagens para sintetizar algumas informações da história, nem todas mencionadas ao longo do texto. Assim como na primeira imagem, a autora recorre à organização com relação de centro-margem, sendo a capa do livro o centro da colagem, reforçando seu valor como informação principal. As demais imagens, por sua vez, dão suporte a ela, contribuindo para a construção de sentidos.

Na leitura dessa segunda imagem, é possível criar algumas hipóteses em relação à narrativa, especialmente considerando o texto na legenda. A imagem da mulher chorando, por exemplo, pode se referir ao fato de haver um drama na história envolvendo a protagonista, Emma, que perde o que parece ser seu par romântico, Jesse. Já a outra mulher, que aparece na última linha da colagem, pode ser a irmã de Emma, mencionada na legenda. Também é possível presumir que o homem cozinhando se refira a uma das personagens mencionadas, Jesse ou Sam.

Além dos elementos mencionados da legenda, as outras imagens fazem com que mais hipóteses sejam criadas. Um casal, aparentemente recém-casado, em um avião; o mar, sem nenhuma pista de ser um lugar específico; duas pessoas tocando piano; uma mulher em uma livraria, segurando livros e lendo; e os dois gatos abraçados. Essas imagens sintetizam os aspectos que a resenhista escolheu destacar do romance resenhado, deixando uma margem de interpretação para o leitor.

Nesse sentido, as imagens são signos ideológicos (Volóchinov, 2018) e participam da realidade textual e social na qual se inserem. Além disso, a compreensão desses signos, mesmo que no plano das hipóteses, se relaciona a outros signos que são do conhecimento dos interlocutores, o que permite que as interpretações ocorram. Cabe ressaltar, também com base em Volóchinov (2018), que a substituição das imagens por palavras ou outros elementos não estaria alheia a consequências, uma vez que “a palavra não é capaz de substituir por completo todos os signos ideológicos principais e específicos” (Volóchinov, 2018, p. 101).

Por fim, cabe mencionar o uso da expressão “Atenção *spoilers*” e do emoji de sirene. A expressão *spoiler* vem da língua inglesa e é definida como uma informação “que revela partes importantes do enredo de um filme, de uma série televisiva ou de um livro, sobretudo para quem ainda não os viu ou leu”²¹. Muito recorrente em resenhas de filmes, séries e livros, o uso antecipado serve para alertar o leitor de que ele pode receber uma informação que não esperava, e, na resenha analisada, o uso do emoji de sirene reforça essa ideia. A inserção de *spoiler* na resenha é outro exemplo de sobreposição de movimentos, uma vez que, tendo em vista que há relação do *spoiler* com a descrição de partes da história, a escolha de qual momento revelar também é um recurso avaliativo, visando a construção do ponto de vista do leitor da resenha. Esse movimento é analisado com mais profundidade na seção a seguir. Ainda sobre a sobreposição dos movimentos, observa-se que a apresentação e a descrição se constroem juntas nas imagens, se complementando ao longo de sua composição. Essa é uma prática comumente observada nas resenhas literárias, que não seguem uma ordem linear na ocorrência dos movimentos, mas se constroem a partir de seu entrelaçamento.

5.2.3. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de avaliação

²¹ "spoiler", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/spoiler>.

A avaliação é o movimento retórico que mais se destaca ao longo da leitura, e a autora utiliza diferentes semioses para expressar sua opinião, o que pode ser considerado uma estratégia argumentativa, importante para o movimento de avaliação, em especial (Pinton; Barreto, 2019; Lima, 2018). Na legenda, logo no início do texto ela insere cinco estrelas e um coração, tratando-se da nota atribuída ao livro lido. O coração, em especial, sugere que a resenhista considera o livro um favorito. Nos dois primeiros parágrafos, é feita uma avaliação a partir da divisão da história em dois momentos, adjetivados de acordo: “O começo foi **muito gostoso de ler**” e “Depois o livro ficou **emocionante demais**”.

Além do uso das expressões temporais, outros elementos que contribuem para a progressão do texto nesses parágrafos são os marcadores de oralidade “Ai” e “Nossa”, seguido de um comentário sobre sua relação com a leitura. Em outros momentos, a progressão da resenha é feita a partir de períodos separados pelo ponto de exclamação e pelos dois pontos. A retomada da obra é feita pela repetição da palavra “livro” em diferentes momentos, não havendo menção à autora ao longo da resenha, ou aos movimentos que ela fez na escrita da obra.

Também é importante o fato de a autora se expressar também a partir do uso de adjetivos de conotação positiva, como em “A escrita dela é **impecável!**”, que contribuíram para o tom positivo da resenha, que se relaciona com a nota dada. Além disso, ela inicia o último parágrafo com um verbo que reforça a subjetividade da análise e reforça seu ponto de vista com o uso do advérbio “muito” e do adjetivo “melhor” (“**Achei** tudo **muito** coerente e resolvido da **melhor** forma possível”). Considerando isso, é possível concluir que não houve uma tentativa de impessoalizar a resenha na maior parte do texto, especialmente tendo em vista a relação entre as opiniões e os relatos de experiência de leitura.

Por fim, na imagem que encabeça a publicação, além da capa e da frase que descreve a narrativa, a autora inseriu algumas expressões que já antecipam sua opinião sobre o livro. Essas expressões estão expostas em torno da capa, e a relação entre esses elementos é feita, como já mencionado, a partir das setas, vetores que ligam os dois pontos: a capa do livro, representando a história e elemento principal, e a opinião da resenhista, dada de forma sintetizada. Estabelece-se, mais uma vez, uma relação entre os dois textos, a resenha e o próprio livro resenhado, reforçando o caráter dialógico dos textos.

5.2.4. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de recomendação

A recomendação é o movimento retórico na resenha no qual o autor se posiciona em direção da recomendação ou não recomendação da obra com base nos aspectos discutidos na

avaliação e tendo em vista seu público-alvo. A autora recomenda o livro no terceiro parágrafo do texto, utilizando o verbo “indicar” na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, o próprio pronome pessoal de primeira pessoa e o advérbio de intensidade, além do ponto de exclamação no final da oração. Essa construção — “Eu indico muito!” — se alinha ao movimento retórico de avaliação feito ao longo de todo o texto, que apresenta uma crítica fortemente positiva da história e da forma como ela é escrita. Essa recomendação é reforçada nos comentários, a partir de respostas aos leitores que comentaram a publicação.

5.2.5. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais na seção de comentários das publicações

Ao encerrar a legenda de sua publicação, a autora questiona “Quem já leu? O que achou?”, indicando sua expectativa de participação de um interlocutor. Esse interlocutor presumido seria o leitor da resenha, que comentaria sua experiência e/ou opinião. Entre os dezessete comentários inseridos após a resenha, foram identificados comentários tanto de pessoas que afirmam ter lido o livro e de outras que ainda fizeram a leitura, mas têm o interesse. Não foram encontrados comentários negativos sobre o livro, ou que se contrapõem ao ponto de vista da resenhista.

Figura 11 - Comentários na resenha do livro “Amor(es) Verdadeiro(s)”, de Taylor Jenkins Reid



Fonte: Instagram.

Nos comentários anteriores, pessoas que não leram o livro comentam o interesse de ler a história. A autora da resenha, então, reforça a sugestão de leitura; no primeiro caso, utiliza o imperativo “leia” e sugere que a pessoa comente a leitura, dando continuidade à conversa. No segundo, a expressão “todo mundo precisa” sugere uma generalização do público-alvo da

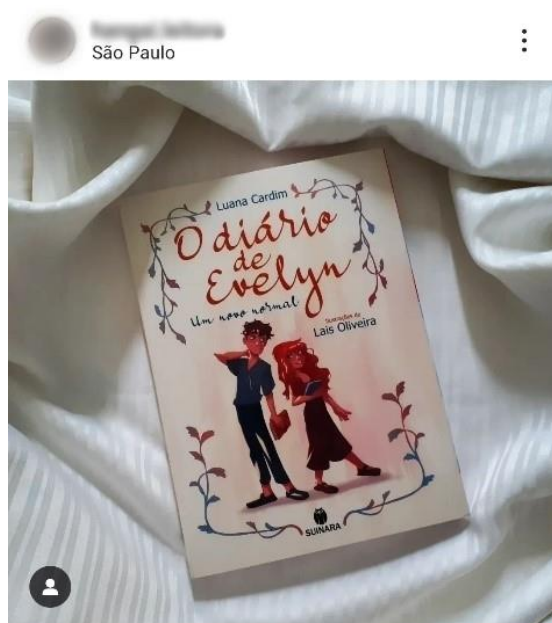
leitura, bem como um caráter de necessidade da leitura, numa estratégia argumentativa de persuasão que é suavizada pelo *emoji* de coração ao final da frase. Essa posição se alinha à apresentada na resenha, especialmente quando a resenhista afirma que “É um livro que vai muito além, não é só sobre amor, é sobre nós mesmos”.

Cabe destacar a presença dos *emojis* nas interações, que contribui tanto para a construção de sentidos das falas, uma vez que há uma relação de concordância, e no comentário da leitura na coluna da esquerda, um elogio à resenha, quanto para reforçar a relação de proximidade entre a influenciadora e seu público. Os demais comentários são de leitores que já leram o livro elogiando a história e concordando com a perspectiva da resenhista, além de leitores da resenha que acrescentaram *emojis* de coração ou do rosto com corações nos olhos (🥰), que pode dizer respeito tanto à resenha, quanto ao livro.

Nas duas resenhas analisadas até o momento foi possível observar o uso dos *emojis* nas interações e criar hipóteses sobre a contribuição deles na construção de sentido entre os sujeitos, por isso é importante retomar a relação entre modos e cultura. No caso da comunicação visual, a qual inclui o uso dos *emojis*, Kress e van Leeuwen (2006, p. 31-34) apontam para o fato de que a compreensão dos elementos visuais como formas de comunicação está relacionada ao fato de pertencermos a uma determinada cultura e conhecermos a leitura que essa comunidade faz desses elementos. Essa compreensão nos ajuda a esclarecer que as interpretações e suposições acerca dos usos de diferentes *emojis* nos textos analisados só é possível considerando a cultura na qual eles estão inseridos, no caso, a cultura brasileira.

5.3 RESENHA 3: “O DIÁRIO DE EVELYN” DE LUANA CARDIM

Figura 12 - Resenha do livro “O diário de Evelyn”, de Luana Cardim



Curtido por [nome] e outras pessoas

Autora: Luana Cardim

Editora: @editora_suinara_oficial

Classificação indicativa: +13

Temas abordados: socioemocional, saúde mental, relações interpessoais, pandemia e isolamento social.

Nota: ★★★★★

→ Sinopse:

· Evelyn, uma garota inteligente e teimosa, inicia o nono ano do colégio com o pé esquerdo. Mas tudo muda quando ela conhece o garoto dos olhos azuis, Gabriel.

Ambos embarcam em uma encantadora jornada, que é interrompida pela pandemia mundial do coronavírus.

Os desafios da adolescência se somam à quarentena, ao afastamento social, à pressão acadêmica, às perdas e à instabilidade emocional, e tudo desmorona.

Será que juntos eles conseguirão enfrentar tantos obstáculos?

→ Minhas considerações:

· Romance young adult:

▸ Os dois foram o porto seguro um do outro. Eles se ajudam, se entendem e ouvem um ao outro sem julgar.

· Protagonista:

▸ Eu me identifiquei com a Evelyn no quesito de se esforçar na escola. Ela adora planejar as coisas, vou tentar ter esse hábito de agora em diante!!

· Pandemia:

▸ Eu percebi que a autora colocou muitas ações da população e situações que aconteceram no período da pandemia, eu não vou contar para não dar spoiler 😊

· Escrita:

▸ Luana tem uma escrita leve, fácil de entender e não é muito descritiva, o que é muito bom.

▸ Tem o ponto de vista dos dois personagens e os capítulos são curtos!!!

▸ @luanacardimpsi

➡ É isso! Me conta se você vai querer ler ou se já leu "O diário de Evelyn"

Ver todos os 63 comentários

3 de abril · Ver tradução

Fonte: Instagram.

A terceira resenha analisada, publicada em abril de 2023, fala sobre o livro “O diário de Evelyn” da autora brasileira Luana Cardim, lançado em 2022. O perfil responsável pela publicação utiliza, em seu nome, o rótulo de *bookstagram* e, em setembro de 2023, continha pouco menos de dois mil seguidores e mais de cento e cinquenta publicações. Observa-se que, em comparação às contas responsáveis pelas outras duas publicações analisadas, esse perfil possui uma quantidade inferior de seguidores, o que torna a análise do próximo exemplar

interessante para se observar padrões e distanciamentos entre perfis que atingem diferentes quantidades de sujeitos. Não foi possível identificar o número de curtidas dadas à publicação, que possuía sessenta e três comentários no mesmo período. Um recurso utilizado pela resenhista foi o de adicionar a localização na publicação, como é possível observar logo abaixo de seu nome de usuário, onde aparece o nome “São Paulo”, o que é mais uma informação relevante sobre a autoria, uma vez que a noção de espaço também faz parte do contexto no qual o falante está inserido e interfere em seu discurso.

A resenha é composta por uma única imagem e a legenda, composta por diferentes elementos. O texto da legenda é organizado em dois grandes tópicos: “Sinopse” e “Minhas considerações”, marcados pelo uso de setas (\rightarrow e \mapsto). Apesar de, conforme as obras sobre resenha discutidas no Capítulo 1, não haver recomendação de que a resenha seja escrita em tópicos, essa divisão feita pelo resenhista reflete um conhecimento dos dois movimentos retóricos mais comumente mencionados nesses manuais, sendo eles a descrição, sinalizada pela seção “Sinopse” e a avaliação, em “Minhas considerações”. O segundo tópico é subdividido de acordo com os aspectos tratados pela resenha, e essa divisão é marcada pelo uso de símbolos (·) e dos espaços. Os parágrafos desses subtópicos também são acompanhados de símbolos (▸). As *hashtags* foram acrescentadas em um comentário feito pela autora da resenha.

Em relação aos movimentos retóricos da resenha, a autora, apesar de segmentar as seções de sinopse e de considerações, não estabelece esses limites ao longo da redação, havendo sobreposição desses movimentos nas diferentes seções. A escrita é objetiva e apresenta sinais de monitoramento em relação à norma padrão, ainda que mantendo um tom descontraído, utilizando *emojis* e as exclamações. Além disso, a coesão do texto se dá principalmente a partir da pontuação e da própria organização do texto e de seus períodos, não havendo muitos usos de conjunções ao longo do texto.

Por exemplo, em “Eu percebi que a autora colocou muitas ações da população e situações que aconteceram no período da pandemia, eu não vou contar para não dar spoiler.”, é possível identificar uma estrutura adversativa, relacionando a existência das ações e situações ao fato de que essas ações e situações não serão reveladas, apesar de não haver uso de conjunção adversativa nesse período. Outra questão que se destaca é o uso do pronome pessoal de primeira pessoa (eu), prática dificilmente recomendada pelos manuais de escrita acadêmica analisados, mas comum entre as resenhas literárias que compuseram o *corpus* analisado neste trabalho. Quando não há o uso do pronome, a maioria das resenhas são escritas empregando verbos da primeira pessoa do singular ou plural, o que reforça a subjetividade dos comentários realizados e também estabelece conexões com o leitor da resenha que se identificar com as reflexões.

É importante também ressaltar o uso de expressões da língua inglesa, como “*young adult*” e “*spoiler*”, que são comuns no *bookstagram*. A primeira diz respeito a um tipo de romance, o jovem adulto, enquanto a segunda, como já mencionado, diz respeito ao ato de revelar algum acontecimento de uma história que não estaria previsto em sua sinopse, por exemplo. A seguir, é possível observar a resenha analisada. Os balões de menção à autora e à editora foram omitidos pois, neste texto, eles prejudicariam a leitura. Contudo, o símbolo no canto inferior esquerdo da imagem possibilita a identificação dessas marcações.

5.3.1. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de apresentação

A apresentação é feita, de início, com o uso da foto do livro na imagem da publicação. O livro está disposto no centro da imagem, em destaque, e como fundo possui um tecido branco, combinando com a paleta de cores da capa do livro. A partir dessa imagem, o leitor encontra as informações relacionadas ao título da obra, a autoria do livro, a autoria das ilustrações e a editora responsável pela publicação, o que reforça a importância do livro e da capa do livro para a composição das resenhas críticas no Instagram. Nota-se que os perfis da autora do livro e da editora estão marcados na publicação.

Observa-se que a foto foi feita em um ângulo vertical de modo que a capa do livro está à altura do ponto de vista do leitor, supondo uma igualdade entre ele e a fonte de informação principal, que ocupa posição central (Santos, 2011). Na legenda, o texto começa com uma breve ficha técnica que, entre outras informações, incluindo novamente a autoria e o nome da editora, apresenta como novidade a classificação indicativa da obra. Ao falar sobre a escrita da autora, a resenhista também informa sobre a estrutura do livro, ao comentar que os capítulos são curtos. Com isso em vista, é possível assumir que a autora optou por usar os dois campos de forma complementar no movimento de apresentação, tendo a legenda uma informação nova, diferente das dispostas na foto, o que é uma opção prevista na articulação de elementos multimodais (Kress, 2003).

5.3.2. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de descrição

A descrição é um movimento de destaque na resenha e se organiza em diferentes momentos do texto. Primeiramente, a capa do livro em destaque na imagem é muito informativa e contribui para a criação de algumas hipóteses sobre a história. Assim como a própria escrita

das resenhas críticas, a capa dos livros demonstra a preocupação com o interlocutor ideal (Bakhtin, 2016; Volochinov, 2018), de modo a incluir elementos diversos que podem, a partir de seu conhecimento de mundo, contribuir para a interpretação da peça. Entre os elementos de destaque estão o jogo de cores e as molduras de flores nos cantos da capa, que sugerem um tom romântico e discreto ao leitor, com cores menos chamativas. Esses elementos se somam à forma como os dois jovens estão dispostos e ilustrados de modo a estarem levemente inclinados um ao outro, se olhando e sorrindo. Além disso, o tamanho da ilustração dos jovens e a posição que ocupam na capa contribuem para a suposição de que se trata de um livro de romance.

Ainda sobre a capa do livro, o uso da expressão “Um novo normal” pode sugerir ao leitor uma relação com a pandemia da Covid-19, uma vez que essa expressão foi muito utilizada para se referir a uma realidade relacionada ao durante e/ou ao pós pandemia. Essa relação, presumida pelo uso da expressão, é confirmada na legenda em diferentes momentos.

O início da legenda apresenta uma ficha com algumas informações. Além da apresentação da obra, esse espaço também contribui para a descrição, uma vez que há uma síntese dos temas tratados na obra. Nesse trecho, a menção ao isolamento social confirma o que a capa do livro faz pressupor sobre a história. Em seguida, no tópico “Sinopse”, a resenhista reproduziu a sinopse que a editora disponibiliza²², o que só é perceptível a partir de uma pesquisa em um site de buscas, uma vez que a ausência das aspas dificulta a identificação de que se trata de uma cópia.

No tópico sobre as considerações da autora da resenha, ela continua a descrição do livro e também inclui alguns relatos de experiência de leitura. No primeiro subtópico, “Romance young adult”, a resenhista confirma que o livro faz parte do gênero romance, apresenta uma categoria dentro desse gênero na qual essa história se insere e faz uma síntese de como é a relação das personagens, retomadas pela expressão “os dois”. Nesse trecho, a autora utiliza tanto o pretérito quanto o presente para descrever a narrativa; no que diz respeito a serem “o porto seguro um do outro”, o verbo no pretérito pode sugerir uma terminalidade nesse fato, mas isso não fica claro ao longo da leitura.

No tópico “Protagonista”, a autora faz um relato da sua relação com Evelyn enquanto a descreve como uma menina esforçada na escola, que “adora planejar as coisas”, algo no qual a resenhista se inspira. No assunto seguinte, ela menciona que o contexto da pandemia está presente na história por meio de “ações da população e situações que aconteceram”, contudo ela não aprofunda essas questões, sob a justificativa de não querer dar *spoilers*, ou seja, não

²² Disponível em: <https://editorasuinara.com.br/livros-suinara/o-diario-de-evelyn-br-um-novo-normal/>.

querer entregar algo além do que está na sinopse, ideia complementada pelo *emoji* do rosto com o dedo, simbolizando silêncio. Nesse momento, há o uso da primeira pessoa no singular e do verbo “perceber”, que podem explicitar uma perspectiva subjetiva da análise. Em seguida, é atribuída uma agentividade à autora, quando é afirmado que “a autora colocou muitas ações da população e situações que aconteceram no período da pandemia”.

No último subtópico, no qual a resenhista se dedica à escrita da obra resenhada, a autora se propõe a avaliar e a descrever a história. A descrição é identificada, principalmente, no segundo tópico, no qual ela descreve quais são os pontos de vista a partir dos quais a história é narrada e apresenta o fato de os capítulos do livro serem curtos. Nesse momento, novamente a autora é mencionada a partir de seu nome de usuário, o que pode sugerir que a resenhista quis reforçar a relação entre os aspectos discutidos sobre a escrita e a autoria do livro. É importante observar nesta e nas demais resenhas quais são os aspectos acentuados na descrição e avaliação das resenhas, uma vez que, em uma perspectiva ideológica e, sobretudo, valorativa, o destaque de alguns elementos e a omissão de outros é muito informativa não apenas sobre o que chamou a atenção do resenhista, mas também sobre o que ele considera interessante para informar seu leitor.

5.3.3. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de avaliação

O movimento retórico da avaliação é observado, primeiramente, na atribuição de nota pela autora para o livro, logo no início do texto. Como já mencionado em outros exemplos, a nota é dada em uma escala de zero a cinco, e muitas vezes isso é feito por meio de recursos visuais, especialmente das estrelas. Nesse sentido, a autora atribui nota máxima ao livro, o que sugere ter sido uma leitura que lhe agradou.

Além disso, ao falar sobre a escrita da obra, a resenhista atribuiu alguns adjetivos e expressões elogiosas a esse aspecto. Observa-se o uso do advérbio “muito” tanto na negação de um aspecto que poderia ser negativo – “[a escrita] não é **muito** descritiva” – quanto para afirmar que isso lhe agradou – “o que é **muito** bom.”. A escolha do advérbio expressa a avaliação da autora a respeito de livros com um caráter mais descritivo, que não parecem agradá-la, mas não há uma elaboração acerca do que seria um livro pouco descritivo – que, para ela, seria o ideal. No trecho seguinte, no qual a resenhista descreve a organização dos capítulos do livro, o uso dos pontos de exclamação sugere uma posição valorativa em relação ao fato de os capítulos serem curtos, indicando que seria uma característica positiva. Essa suposição parte do fato de,

em outro momento na resenha, a autora ter utilizado as exclamações para reforçar uma ideia positiva.

Dessa forma, é possível observar que a avaliação é discreta e que o foco da resenha é mais descritivo. Uma das hipóteses possíveis para isso é de que, uma vez que a autora da resenha gostou tanto da história, ela se dedicou a descrever e apresentar essa obra para seu público e, dessa forma, persuadir mais leitores a lerem a obra. Além disso, ao mencionar o perfil da autora do livro duas vezes, pode-se assumir que a resenhista tinha expectativa de que ela lesse a publicação, o que pode ter interferido nas escolhas feitas a respeito da avaliação, levando a influenciadora a optar por uma avaliação discreta.

5.3.4. Aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais do movimento retórico de recomendação

Não foi observada, ao longo da resenha, uma recomendação explícita de leitura (ou de não leitura) da obra resenhada. Isso significa que não foram observadas expressões comumente empregadas para sugestão de leitura, como o uso de verbos no imperativo, por exemplo, ou de um acentuamento da relevância da obra para algum público-alvo, conforme previsto em Pinton e Barreto (2019). Contudo, como observado em outras resenhas, a interação com os leitores nos comentários se mostra um ambiente propício para que isso seja feito, de forma direta ou indireta. Além disso, o fato de ser uma resenha elogiosa contribui para que o público faça inferências quanto ao posicionamento da resenhista.

5.3.5. Os aspectos linguísticos, sociodiscursivos e multimodais na seção de comentários das publicações.

No espaço destinado aos comentários, foram identificadas 63 contribuições, entre comentários dos leitores e respostas da resenhista, todos indicando uma recepção positiva da publicação. Entre esses comentários, foram identificados elogios à resenha, relatos de pessoas que leram a história e também gostaram dela e elogios à capa do livro. Novamente, observa-se como o leitor assume esse espaço também como avaliador disposto a oferecer seu ponto de vista. Além desses comentários, foram identificados outros que serão destacados nesta análise, sendo o primeiro o comentário deixado pela autora do livro resenhado, reproduzido a seguir:

Figura 13 – Comentário da autora de “O diário de Evelyn”



Fonte: Instagram.

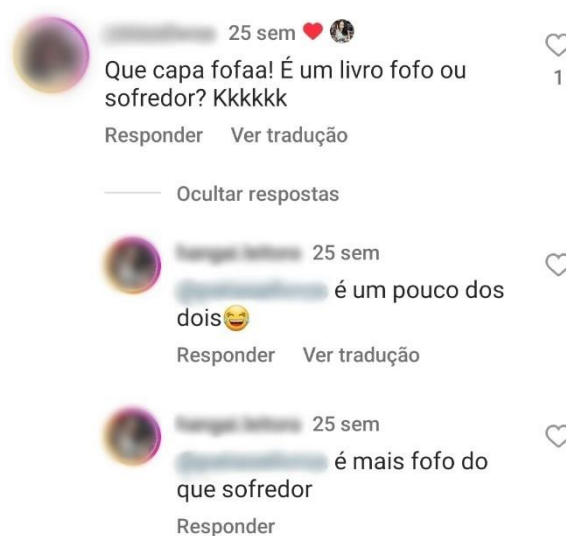
Em seu comentário, a autora de “O diário de Evelyn” elogia a resenha e agradece pela contribuição, tida como carinhosa, da resenhista. A escritora faz referência a um trecho da resenha no qual a resenhista diz que se identificou com a protagonista, dizendo que “Eu me identifiquei com a Evelyn no quesito de se esforçar na escola”. No comentário, Luana afirma que “Com certeza tem um pouquinho de Evelyn em todas as leitoras!”, sugerindo que mais pessoas podem se identificar com a protagonista de seu livro. Observa-se, nesse momento, que a escritora não se comunica apenas com a resenhista, mas com o público leitor que pode se interessar pela leitura do seu livro, aproveitando para fazer a sua divulgação.

Nas respostas, a resenhista utiliza um comentário para responder cada trecho do comentário inicial. Cada comentário apresenta *emojis* de coração, que reforçam uma postura de proximidade e carinho entre as interagentes. Na primeira resposta, o uso do apelido “Lu” reforça essa ideia de proximidade ao se dirigir à escritora, se distanciando do grau de formalidade muitas vezes esperado em interações como essa, na qual os sujeitos ocupam posições diferentes. Na segunda resposta, por sua vez, a resenhista reafirma sua posição em relação ao livro, afirmando que se trata de um livro incrível. Por fim, ela concorda com a afirmação da autora de que as leitoras podem se identificar com a protagonista.

Em outro comentário, reproduzido em seguida, uma leitora da resenha elogia a capa do livro e pergunta se a história seria “fofa” ou “sofredora”. Nesse sentido, a atitude dessa leitora é de questionamento, uma vez que ela busca mais informações sobre a história. Pode-se relacionar o comentário ao fato de que, enquanto a capa do livro é romântica e sugere uma

história, de fato, “fofa”, a sinopse sugere a existência de conflitos e obstáculos a serem enfrentados, além de mencionar o contexto da pandemia, que foi de muita dificuldade.

Figura 14 – Comentários na resenha do livro “O diário de Evelyn”, de Luana Cardim



Fonte: Instagram.

O uso da expressão de risada (“kkkkkk”) pode ser uma escolha feita para atenuar o tom direto da pergunta e também manter o tom descontraído da interação, comum nos comentários. A resenhista responde, primeiramente, que o livro é “um pouco dos dois”, ou seja, fofo e sofredor. Ela também inclui um *emoji* de um rosto sorrindo, o que sugere um acordo feito de manterem o tom descontraído da conversa. Em seguida, ela retifica o comentário anterior, sugerindo que “é mais fofo do que sofredor”, corrigindo a ideia de equivalência entre as duas perspectivas. Tendo em vista que a resenha foi positiva e a persuasão é parte importante das publicações dos influenciadores, a retificação pode ter sido motivada pela necessidade de manter a leitora empolgada com o livro, supondo que ela não gostasse de livros muito “sofredores”.

Por fim, destacam-se os comentários dispostos na Figura 15, sugerindo que a publicação despertou o interesse pela leitura da obra. O primeiro comentário menciona uma lista de leitura, um recurso utilizado por leitores para registrar leituras que pretendem fazer no futuro. O segundo, por sua vez, faz um elogio à publicação, afirmando que ela foi responsável por convencê-la a fazer a leitura. Mais uma vez, a presença dos *emojis* de coração é recorrente, reforçando os elogios e a ideia de proximidade entre a resenhista e seu público. No que diz respeito às respostas dadas, ao primeiro comentário a resenhista responde afirmando que a

leitura vai agradar a comentarista, realizando um movimento de recomendação. A segunda resposta, dada a outra pessoa, agradece o elogio feito à publicação.

Figura 15 – Comentários na resenha do livro “O diário de Evelyn”, de Luana Cardim II



Fonte: Instagram.

5.4 DISCUSSÕES

Foi observado que a resenha continua cumprindo sua função social como um gênero textual/discursivo importante para a discussão de obras literárias, mesmo em um novo ambiente de produção e circulação, o Instagram. Os textos do gênero que circulam por esse ambiente são adequados às expectativas da plataforma, de modo a haver distribuição de informações entre os aqui nomeados campos das publicações do feed, o de imagens e o de legenda. Essas informações incluem, principalmente, as características e resumo da obra resenhada e a visão do resenhista sobre a leitura realizada. Desse modo, é possível confirmar que este trabalho não caracteriza um novo gênero textual/discurso, mas sim busca levantar um novo olhar sobre um gênero já reconhecido socialmente.

A partir da reafirmação dos textos analisados como pertencentes ao gênero textual/discursivo resenha, foi possível voltar o olhar para as características dos gêneros que se sobressaem no trabalho em sala de aula e que são discutidos em textos sobre o assunto. Nesse sentido, foi proposta uma análise a partir dos movimentos retóricos relacionados ao gênero resenha: apresentação, descrição, avaliação e recomendação. Além disso, também foram analisados os comentários das publicações.

Os dados forneceram pistas para uma variedade de abordagens assumidas pelos resenhistas no Instagram quando o objetivo é apresentar, descrever, avaliar e recomendar (ou não recomendar) livros em suas publicações. De modo geral, esses movimentos podem se sobrepor e alguns podem se destacar em detrimento de outros, de acordo com os objetivos do resenhista. A influência do Instagram enquanto aplicativo e rede social é observada na forma como os movimentos retóricos são feitos ao longo dos textos, especialmente pelo espaço para inclusão de imagens ser algo de destaque e obrigatório para as publicações do *feed*.

No que diz respeito às escolhas linguísticas envolvendo a escrita e publicação de resenhas críticas no Instagram, foi observado que essas escolhas tendem a se relacionar mais com o gênero, ou seja, com a linguagem mais monitorada esperada em sua escrita, do que com o que é conhecido como “internetês”. Porém, essas escolhas dividem espaço com outras próprias dos objetivos da plataforma e do nicho no qual o público se insere, o que inclui gírias, coloquialismos e estrangeirismos. Essas escolhas, que dialogam com o público-alvo, retomam a ideia de que quem escreve sempre tem em vista seu destinatário (Volóchinov, 2018).

Os desvios das norma padrão também estão presentes, e os motivos para isso podem ser variados e relacionados a questões não tratadas nesta pesquisa, como faixa etária, escolaridade e ocupação profissional dos autores, bem como o grau de monitoramento dessa escrita. Observa-se também uma abordagem mais pessoal e subjetiva, e o uso da escrita em tópicos e de elementos multimodais são recursos relevantes na escrita de resenhas na rede social. Isso torna possível refletir sobre a relação entre as expectativas da rede social, criada com um apelo mais visual, e a necessidade de uma linguagem mais objetiva e sintética para atrair o leitor e obter o engajamento esperado.

Em relação à circulação das resenhas na plataforma, tem-se como objetivo fazê-la alcançar não só seguidores, mas também outros usuários que poderão vir a seguir o perfil. Nesse sentido, o uso de *hashtags* e das menções possibilita que as publicações ultrapassem os limites do feed de quem segue aquele criador de conteúdo, fazendo com que os textos cheguem a outros leitores através da relação com outros textos e sujeitos. Dessa forma, dificilmente uma resenha está isolada dentro do perfil de seu autor, mas pode circular de maneiras muitas vezes imprevisíveis.

Nas resenhas analisadas, foi recorrente o uso do recurso de menções aos autores e às editoras responsáveis pelas publicações dos livros. Essas menções, além de contribuírem para que outros leitores, além dos que se enquadram como seguidores, tenham contato com o texto, também podem possibilitar a relação entre resenhista e autor e/ou editora, como ocorreu nos comentários da terceira resenha analisada. Já as *hashtags* cumprem diferentes objetivos, uma

vez que elas são diversas. Com base nas *hashtags* identificadas nas resenhas analisadas, foi possível observar três categorias, ilustradas a seguir: as que se relacionam ao nicho *bookstagram*, as relacionadas ao tipo de publicação e as específicas da resenha ou do perfil. É possível observar que as *hashtags* relacionadas ao nicho e ao tipo de publicação são, em alguns casos, semelhantes, havendo apenas diferenças de grafia, o que interfere na busca no aplicativo do Instagram.

Quadro 4 – *Hashtags* encontradas nas resenhas críticas do Instagram analisadas

<i>hashtags</i> relacionadas ao nicho	#leiamais #bookshelf #amolivos #solendo #soleituras #literatura #books #livros #booktok #tbr #bookaesthetic #bookstagram #bookstagram #bookstan #bookgram #instabook #instagramliterario #bookhear #bookholic #igliterario #leiamulheres #livrosemalivros #igliterario #igliterário #bookworms #bookworm #instaliterario #instalivros
<i>hashtags</i> relacionadas ao tipo de publicação	#instalivros #resenhaliteraria #opiniaolivro #dicadeleitura #minhasleituras #meuslivros #oqueli #andeilendo #leituradavez #compartilhandoleituras #sobreleituras #resenhadelivros #bookreview #indicacaodelivros
<i>hashtags</i> específicas da resenha ou perfil	#colleenhoover #livrosderomance #livrostristes #amoresverdadeiros #taylorjenkinsreid #diario #pandemia

Fonte: Elaborado pela autora com base em informações do Instagram (2023).

A análise do movimento retórico de apresentação mostrou que esse movimento aparece no texto de diferentes maneiras, de modo que o leitor pode identificar as informações relevantes relacionadas a esse movimento considerando os ambientes de publicação de imagens e de legenda. De modo geral, a capa do livro resenhado é o primeiro e principal elemento responsável por apresentar a obra, em especial informações quanto ao título, autor e editora. Em outras imagens e na legenda, os autores podem incluir outras informações ou repetir o que já está dito na capa do livro, mas nem sempre isso ocorre. Um recurso já conhecido nas resenhas que circulam em outros ambientes e que é importante para o movimento de apresentação nas resenhas no Instagram é a ficha técnica. Nela, informações relacionadas, por exemplo, ao ano de publicação, número de páginas e classificação indicativa são apresentadas ao leitor.

A descrição também é um movimento realizado de modo diverso, nem sempre sendo feita através de parágrafos de resumo da obra resenhada, mas sim por meio da citação da sinopse divulgada pela editora e pelos sites de compra ou em períodos relacionados aos outros movimentos. Além disso, o uso de tópicos com frases curtas é uma escolha recorrente, uma

síntese objetiva dos pontos que o autor considerou mais relevantes no livro lido. É comum que essa listagem seja incorporada no campo de inserção de imagem. A própria capa do livro e o uso de colagens de imagens também são recursos que ajudam na descrição da obra, dando pistas quanto ao gênero literário ao qual ela pertence e ao enredo da história.

A avaliação, por sua vez, também pode ser feita a partir de sínteses em tópicos breves, com uso de adjetivos enfatizando aspectos da obra. Um elemento de destaque nesse movimento é a atribuição de notas por escala numérica ou pelo uso de estrelas e corações, que surgem frequentemente para classificar os livros, sendo cinco estrelas a nota mais alta e zero, a mais baixa, e o coração como símbolo de livro favorito. Esses recursos se relacionam à argumentação feita nas resenhas, se unindo às escolhas lexicais e gramaticais que reforçam pontos positivos e negativos importantes do ponto de vista do resenhista. Nos exemplos analisados, foi possível observar que esse movimento foi mais predominante na resenha negativa em comparação às demais, especialmente considerando a última, que incluía menções recorrentes à autora.

É possível reforçar que, como discutido por outros trabalhos que se debruçam sobre o gênero resenha, as escolhas de vocabulário, os usos de adjetivos, advérbios, substantivos e verbos, são de grande relevância para a construção do movimento de avaliação. Tratando-se de um ambiente onde há menos monitoramento e maior liberdade quanto a essas escolhas, foi observado que, em resenhas mais positivas, o uso de adjetivos e advérbios que realçam o gosto pela leitura é recorrente. Já nas resenhas que avaliam livros de forma mais negativa, a crítica é feita de forma mais polida, com a presença de atenuantes e marcadores de subjetividade do resenhista.

Essa relação entre as escolhas linguísticas e retóricas de acordo com a valoração do autor da resenha sobre o objeto resenhado – o livro – é um aspecto que já era considerado em uma perspectiva bakhtiniana. De acordo com Bakhtin (2016), “[a] relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (Bakhtin, 2016, p. 47). Ou seja, o enunciado não é neutro não só considerando seu conteúdo e o seu caráter ideológico, mas também no que diz respeito às escolhas que o sujeito realiza ao se expressar.

A recomendação é outro movimento retórico previsto pelas obras que discutem e caracterizam o gênero resenha. Essa recomendação, de acordo com essas fontes, pode ser explícita, principalmente com o uso de afirmações no presente do indicativo, como Eu (não) recomendo/indico... e de construções que utilizam verbos no imperativo, tais quais “leia”, “assista”, etc. Essas expressões nem sempre surgem nas resenhas no Instagram, e muitas vezes o autor deixa essa indicação (ou não) implícita na resenha ou, quando a faz, prefere especificar

um público ao qual a história se adequa melhor. A recomendação aqui chamada de implícita está diretamente associada ao movimento de avaliação, uma vez que o tom dessa avaliação já revela os posicionamentos do resenhista.

A recomendação mais enfática é feita, muitas vezes, nos comentários das publicações, em resposta às contribuições feitas pelos leitores. Além disso, os próprios leitores indicam o impacto que a resenha teve em sua opinião sobre o livro com base no que foi dito ao longo do texto, e o autor da resenha pode reforçar ou não isso ao responder esses comentários. Por isso, a análise do movimento de recomendação, nas resenhas no Instagram, se relaciona à análise dos comentários, que possibilitam, a partir das interações, perceber os efeitos da resenha na formação de opinião pelos leitores.

Com isso em vista, o retorno por parte do leitor é recorrente e essencial, uma vez que os comentários são um espaço de discussão que exige maior elaboração. A atitude responsiva do interlocutor é esperada pelos falantes, de modo a influenciar a construção dos enunciados, uma vez que cada gênero tem um destinatário típico (Bakhtin, 2016). No Instagram, tendo em vista as noções de engajamento e a existência de um campo específico para os comentários, essa concepção se sobressai, especialmente quando o autor se dedica a convidar os leitores a interagirem, a partir de convites, pedidos e perguntas.

Os destinatários ideais do gênero resenha, no Instagram, não são apenas sujeitos interessados por literatura e pelo debate sobre as obras resenhas, mas consumidores a serem persuadidos. Contudo, seu papel vai além de um consumidor passivo de conteúdos, mas um interlocutor ativo, que responde e mobiliza discussões. Nesse sentido, foram observados comentários de diferentes tons, do elogio à discordância, bem como com diferentes objetivos, como para pedir esclarecimentos sobre a história. Isso demonstra um comprometimento da comunidade ao que está sendo proposto, além de um conhecimento relacionado à plataforma. Além disso, o espaço para comentários não é um espaço à parte da resenha, mas se relaciona diretamente com ela, inclusive sendo uma ferramenta que possibilita ao resenhista dar continuidade aos movimentos retóricos.

Retomando o impacto do suporte na escrita de resenhas críticas, é importante refletir sobre como as escolhas multimodais na organização dos textos interferem na recepção e leitura desses textos. De acordo com o modo como os diferentes elementos são dispostos e se relacionam em um texto, ao leitor é dada a oportunidade de escolher seus caminhos de leitura, que dependerá, mesmo que de forma velada, das decisões do autor do texto. Como exemplo, é possível mencionar a disposição das informações nos campos de imagens e de legenda no Instagram, que podem direcionar o leitor a uma leitura mais centrada nas imagens ou no texto

disposto na legenda. Essa interferência do autor, considerando o suporte com o qual os textos se relacionam, nem sempre é considerada pelo leitor, que assume seu protagonismo no processo de leitura e interação com o texto muitas vezes sem refletir sobre a motivação para tal composição textual. Essas são questões importantes e pouco exploradas no estudo sobre resenhas críticas, que não se ocupa das imprevisibilidades e instabilidades que cercam escritores e textos reais.

A maneira como os elementos se relacionam nas publicações pode influenciar cada vez mais as escolhas do leitor a respeito da maneira como será feita a sua leitura, e nem sempre o leitor tem consciência disso. Isso significa que essas decisões são, muitas vezes, dependentes do grau de interferência do autor na disposição dos elementos nas publicações e as opções de caminhos de leitura estarão mais condicionadas a essas decisões. Essas são questões importantes e pouco exploradas no estudo sobre resenhas críticas, que não se ocupa, muitas vezes, das imprevisibilidades e instabilidades que cercam escritores e textos reais.

Além disso, apesar de não terem sido analisadas resenhas identificadas como textos publicitários, a existência de resenhas que são fruto de parcerias pagas ou motivadas pelo recebimento gratuito de obras enviadas por editoras ou autores independentes é algo que deve ser levado em conta pelo leitor. O fato de os autores das resenhas se considerarem influenciadores também interfere na produção e recepção dos textos, uma vez que, mesmo que o propósito não seja promover o livro, sempre haverá o objetivo da divulgação do próprio perfil. Esse objetivo se relaciona com o fato de que a quantificação de interações e de seguidores é importante não só para que a plataforma privilegie a reprodução das publicações de um dado perfil, mas também para que o influenciador seja escolhido para parcerias e campanhas publicitárias.

Essas questões demonstram como a resenha no Instagram reforça a qualidade viva e dinâmica do gênero, aspecto já salientado por Bakhtin (2016). A maleabilidade é uma característica existente nos gêneros, uma vez que sua estabilidade se alinha à historicidade e aos padrões socioculturais das interações, que evoluem ao longo do tempo, e esses padrões também se modificam de acordo com os suportes e tecnologias de produção e circulação de textos. Nesse sentido, nas observações realizadas, foi possível perceber como o gênero resenha se apresenta como ainda mais flexível em vista das possibilidades do aplicativo, que, como os dados demonstram, possui múltiplas formas de exploração dos elementos prototípicos dos gêneros, bem como de inserção de novas discussões e desenvolvimento da avaliação.

Com isso em vista, a análise realizada possibilita uma caracterização das resenhas críticas no Instagram, de maneira a colaborar para a compreensão de regularidades que reforçam

a condição de gênero textual/discursivo do que vem sendo nomeado como tal, bem como a fornecer um quadro mais amplo da diversidade nas produções. Considerando o Instagram como um suporte com expectativas e ferramentas a serem exploradas, observou-se que as resenhas se adequam a esse quadro de maneira a incorporar não só as informações e elementos esperados pelo gênero, mas também elementos próprios para o suporte em questão.

CONCLUSÕES

A análise de resenhas críticas de livros publicadas no aplicativo Instagram possibilitou a observação da influência que um novo suporte pode exercer sobre um gênero textual/discursivo, reforçando o que pesquisadores, como Marcuschi (2003), apontam sobre a relevância do suporte para a materialização de textos de gêneros diversos. Considerando essa análise, bem como as discussões teóricas retomadas neste trabalho, tornou-se possível afirmar que a resenha publicada no Instagram, apesar de se diferenciar das resenhas de outras esferas e que circulam em outros suportes, não o faz a ponto de ser definida como um novo gênero, tratando-se de uma adequação ao suporte em questão, com a utilização de outros recursos e funcionalidades e da multimodalidade própria do ambiente digital.

A ampliação do acesso à internet por meio de *smartphones* e *tablets* teve como consequência transformações nas formas de comunicação, impulsionando novas possibilidades de interação e circulação de textos. Cada vez mais sujeitos passaram a se posicionar como “prossumidores” (Ribeiro, 2018), isto é, não apenas como consumidores de conteúdo *online* mas também produtores de seus próprios textos, sendo capazes de fazê-los circular socialmente de acordo com seus objetivos.

Tendo em vista que os gêneros textuais/discursivos são influenciados por sua apropriação pela sociedade e pelas possibilidades de materialização e circulação, os diferentes usos que os sujeitos passaram a fazer deles logo começaram a refletir nas características de gêneros textuais/discursivos conhecidos. Além disso, a adequação dos textos às diferentes plataformas e suas ferramentas se tornou necessária para que fosse possível ocupar esses espaços, alcançando o público e influenciando outras produções.

No que diz respeito ao gênero resenha, em especial, com base na análise realizada, foi possível notar que seus principais movimentos retóricos, sugeridos por diferentes manuais e trabalhos acadêmicos, como de Pinton e Barreto (2019), foram observados: apresentação, descrição, avaliação e recomendação. As resenhas críticas no Instagram mantêm o objetivo comunicativo do gênero em foco, sendo as mudanças observadas de caráter composicional e estilístico, para usar os termos bakhtinianos. Essas mudanças, principalmente a escrita em tópicos e segmentada em seções, se mostraram relacionadas ao contexto de produções em redes sociais, que cada vez mais apelam para uma linguagem mais objetiva, e não a uma busca por descaracterizar o gênero ou fazer surgir um novo.

Nesta pesquisa, foram propostos quatro objetivos específicos. Em relação ao primeiro, que sugere a identificação dos principais aspectos linguísticos e sociodiscursivos da resenha no

Instagram, a partir de seus movimentos retóricos, foi possível perceber que, em menor ou maior grau, os movimentos retóricos de apresentação, descrição, avaliação e recomendação se mantêm presentes nos exemplares analisados. A partir dessa constatação, foi possível direcionar um olhar cuidadoso em relação aos aspectos linguísticos e sociodiscursivos presentes em cada movimento, o que sugeriu, primeiramente, que há uma preferência pela sobreposição desses movimentos, que não surgem em uma ordem linear ao longo do texto, mas se encontram em diferentes momentos. Além disso, não necessariamente esses movimentos são realizados somente a partir do uso da linguagem verbal escrita, havendo a presença de elementos visuais e simbólicos ao longo dos textos que dialogam com cada movimento.

Outra questão que se sobressaiu durante a análise dos dados foram as escolhas linguísticas feitas pelos autores das resenhas. Os autores demonstraram reconhecer as expectativas relacionadas ao grau de formalidade do gênero em questão, procurando se aproximar da normatividade gramatical esperada. Contudo, além dos desvios gramaticais identificados, o que chama atenção é a busca por uma comunicação não só objetiva, mas intimista, que sugere uma aproximação entre interlocutores. As resenhas críticas no Instagram são textos que, ainda, podem ser úteis para análises mais aprofundadas sobre a escrita em ambientes digitais, especialmente sobre a relação entre norma culta e coloquialidade, assunto ao qual outros trabalhos podem se dedicar a partir deste. Além disso, observou-se também que os autores buscam adequar suas escolhas linguísticas de acordo com o caráter da resenha, ou seja, se é uma resenha positiva ou negativa em relação à obra, e também conforme as expectativas em relação ao público-alvo, que pode, inclusive, incluir autores e editoras dos livros resenhados.

No que diz respeito à observação da multimodalidade nesses textos, o que se relaciona ao segundo objetivo específico – discutir a multimodalidade da resenha no Instagram e o impacto dos aspectos semióticos e de seus usos nos modos de interação entre os sujeitos –, os dados forneceram subsídios para fomentar as discussões linguísticas acerca desse assunto, tendo em vista também as relações entre gêneros e suportes. Foi observado que, nas resenhas críticas no Instagram, a pluralidade de elementos verbais e imagéticos foi empregada de maneira não apenas estética, mas motivada de acordo com os objetivos do autor e com a obra resenhada. Desde a escolha de imagens, ícones e símbolos até a formatação do texto verbal na legenda foi notada uma preocupação com as formas de construção de sentidos e as possíveis formas de recepção que esses textos poderiam apresentar. A exploração da capa dos livros nessas publicações também se mostrou um ponto relevante, uma vez que encabeçam as produções e abrem um horizonte de expectativas para o leitor.

Em relação à interação entre interlocutores nas publicações de resenhas no Instagram, notamos que a participação dos leitores é esperada e desejada pelos autores, que inclusive utilizam diferentes recursos multimodais para incentivar a interlocução. Essas trocas são variadas, indo desde elogios sobre a publicação até a concordância ou discordância a respeito de alguma opinião. Essa é uma particularidade interessante das resenhas no Instagram, que são motivadoras de trocas imediatas pelos comentários, que muitas vezes envolvem também autores e editoras. Além dos comentários, foi observada uma influência das *hashtags* e das menções sobre o alcance dos textos, eventualmente interferindo em quem acessa e interage com eles.

O terceiro objetivo específico, que sugere a investigação da influência do suporte na composição do gênero resenha, dialoga diretamente com os demais objetivos, uma vez que é possível perceber a influência do suporte em diferentes aspectos que compõem a resenha, sua produção e circulação. O Instagram é uma rede social composta por diferentes formas de comunicação, incluindo o *feed*, que teve destaque nesta pesquisa. Conforme discutido, as publicações do *feed* possuem elementos específicos a serem considerados pelo autor ao escrever e publicar seu texto, como a obrigatoriedade da publicação de fotos, limitadas em formato e quantidade. Além disso, a legenda também possui limitações de caracteres, o que conduz o autor a uma escrita mais objetiva e ao uso de diferentes elementos que contribuem para a construção de sentidos. Esses e outros pontos diferenciam a resenha publicada no Instagram de outras que circulam em espaços nos quais, por exemplo, não é necessário adicionar uma imagem para que o texto publicado e não há limitação de caracteres. Somado a isso há a questão dos comentários, que são facilmente feitos e respondidos, possibilitando uma interação imediata entre autor e leitores da resenha.

O quarto e último objetivo específico se refere a verificar de que maneira as características do gênero resenha no Instagram podem contribuir para práticas de letramentos que o envolvem. Conhecer os impactos das mudanças nos textos pertencentes ao gênero resenha publicados no Instagram demonstra que o autor deve possuir um conhecimento apropriado não apenas da estrutura composicional do gênero, mas também das expectativas do público leitor daquele ambiente. Há também a demanda por um conhecimento linguístico acerca das formas de sequenciação do texto, o que se relaciona também com outro ponto chamativo na análise: a forma como os autores organizam suas publicações, considerando a existência de um campo de publicação de imagens e um campo de escrita da legenda. Observamos que os autores buscam explorar esses dois campos de diversas maneiras, tanto repetindo informações entre eles quanto incluindo informações complementares identificadas em apenas um campo.

As práticas envolvendo publicidade nas redes sociais são recorrentes em diferentes nichos, e muitos estudos têm se proposto a investigar os impactos disso na comunicação. No caso das resenhas críticas de livros no Instagram, a publicidade se dá de forma explícita, com o uso de marcadores como #publi, mas também a partir de abordagens sutis, com escolhas de vocabulário que atenuam o papel das editoras por trás da publicação daquela resenha. É um ponto de atenção para o leitor, uma vez que a publicidade aparenta ser cada vez mais relevante não só para os membros do *bookstagram*, mas também para o mercado literário.

Retomando o objetivo geral de analisar o gênero textual/discursivo resenha a partir de sua circulação na rede social Instagram, é possível reafirmar duas posições fundamentais assumidas neste trabalho. A primeira diz respeito à defesa da resenha no Instagram como um gênero que se adapta às ferramentas do suporte, nos afastando da generalização que sugere haver uma homogeneidade de publicações no Instagram sob o termo *post*. Esse posicionamento também afasta a ideia da resenha no Instagram como um novo gênero, que nada teria de relação com o que já existe em outros ambientes. Outra posição é a defesa do Instagram como um suporte para a circulação de gêneros diversos que deve ser levado em conta nas análises de textos que circulam por esse ambiente.

Os resultados dessa pesquisa podem ser relevantes também para motivar outros olhares sobre o gênero e seu suporte, tanto por pesquisadores e professores da área, quanto por interessados em participar das práticas letradas que envolvem esse gênero. Considerando que a resenha é alvo de diversas pesquisas, além de estar presente recorrentemente em salas de aula de línguas, este trabalho sugere um diálogo entre o conhecido e o novo, o que é cada vez mais necessário nos estudos linguísticos. Além disso, outras análises de práticas textuais que ocorrem na comunidade *bookstagram* podem decorrer deste trabalho, havendo material para novos *corpora* de análise.

Em síntese, este trabalho promoveu o diálogo entre conhecimentos consagrados nos estudos linguísticos, como as noções de gêneros e suportes, os estudos sobre (multi)letramentos e multimodalidade e um novo objeto de estudo, a resenha no Instagram, de modo a sugerir um olhar diferente e mais atual sobre esse gênero. Ademais, reafirma-se a importância das teorias discutidas para a análise não só dessa prática discursiva, como de outras, tendo em vista não apenas o surgimento de novos gêneros textuais/discursivos, como também a dinamicidade que permite que gêneros já conhecidos sofram mudanças e adaptações.

Reforçamos o reconhecimento da necessidade de aprofundamento sobre a linguagem empregada nas resenhas críticas publicadas no Instagram, característica que aponta para a relação entre formal e informal. Além disso, há espaço para projetos envolvendo outras

características específicas das resenhas críticas nesse contexto, como a construção de ações publicitárias e o uso de *hashtags*. Essas lacunas acentuam a relevância do objeto de estudo eleito para este trabalho, que permite que sejam feitos estudos que dialogam com outras áreas de estudo dentro e fora da linguística, colaborando para a interdisciplinaridade cada vez mais buscada nos estudos da linguagem, especialmente no contexto da Linguística Aplicada.

REFERÊNCIAS

- ALBARRÁN, Ali; RIBEIRO, Ana Elisa. O livro: questões presentes e futuras. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 16, p. 3-18, jan./abr. 2015.
- ALMEIDA, Silvana Aparecida Batista e. **A Resenha Literária Audiovisual no Booktube: análise de uma experiência com o Ensino Fundamental – Anos Finais**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. **Resenha**. São Paulo: Editora Paulistana, 2006.
- ARAÚJO, Júlio; ANDRADE, Francisco Rogiellyson da Silva; LIMA, Janyele Gadelha de. Videorresenhas do booktube: uma análise da organização sociorretórica desse gênero. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 60, v. 3, 853-864, set./dez. 2021.
- ARAÚJO, Mateus. *Booktubers*: de que forma a crítica (e a resenha) literária se configura na atualidade. **Escotilha**, 2018. Disponível em: <https://escotilha.com.br/literatura/critica-resenha-literatura-booktubers/>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo Reiff. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BEZERRA, Benedito Gomes. **O gênero como ele é (e como não é)**. São Paulo: Parábola, 2022.
- BITTENCOURT, Paola Portela de. **Bookstagrammers e sua influência no consumo de livros e objetos literários**. 2017. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Produção Editorial) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Santa Maria, Santa Maria, 2017.
- BONINI, Adair. Mídia/Suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. Belo Horizonte: **RBLA**, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.
- BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Contexto, 2021.
- CADILHE, Alexandre José. Fabricando paraquedas coloridos: linguística aplicada, decolonialidade e formação de professores. **Raído**, Dourados, v. 14, p. 56-79, 2020.

CAZDEN et al. **Uma pedagogia dos multiletramentos**. Desenhando futuros sociais. (Orgs. Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Trad. Adriana Alves Pinto et al.). Belo Horizonte: LED, 2021.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CIRINO, Ana Carolina Silva Barbosa. *Bookstagram: experiência material e social do consumo literário*. In: 4º ENCONTRO DE GT DE GRADUAÇÃO, 8., 2021, CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 8, 2021.

COSCARELLI, Carla Viana, NOVAIS, Ana Elisa. Leitura: um processo cada vez mais complexo. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 45, p. 35-42, jul./set. 2010.

COSTA, Iara Bemquerer. Contribuições ao debate sobre a relação entre gêneros textuais e suporte. Curitiba: **Revista Letras**, n. 75/76, p. 183-196, maio/dez. 2008.

COSTA, Patrícia Gonçalves da. **A videorresenha na comunidade discursiva do booktok: uma análise da estrutura retórica do gênero**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Linguagem e Práticas Sociais) – Instituto Federal de Pernambuco, *Campus Garanhuns*, 2023.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir Mario; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 200 p.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. Capítulo 1 - Da pesquisa às implicações. In: DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos digitais**. Marciolo, M. (Trad.) São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 74 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, Christian M.I.M. **An Introduction to Functional Grammar**. 3 ed. London: Hodder Arnold, 2004.

KRESS, Gunther. **Literacy in the New Media Age**. London: Routledge, 2003.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theodore. **Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication**. London: Hodder Arnold, 2001.

KRESS; Gunther; VAN LEEUWEN, Theodore. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. 2. ed. London: Routledge, 2006.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LAHUERTA, M. Educação e política no contexto da crise contemporânea: formação para a vida civil e o lugar público da escola. *In*: BOTO, Carlota; SANTOS, Vinício de Macedo; SILVA, Vivian Batista da; OLIVEIRA, Zaqueu Vieira (orgs.). **A escola pública em crise**: inflexões, apagamentos e desafios. São Paulo: Livraria da Física, 2020.

LIMA, Walneyde de Santana. **Resenha crítica de filmes com o eixo temático preconceito racial**: uma proposta pedagógica para o desenvolvimento da competência argumentativa. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, Unidade de Itabaiana - SE, Universidade Federal de Sergipe, 2018.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MAIA, Junot de Oliveira. Novos e híbridos letramentos em contexto de periferia. *In*: ROJO, Roxane (org.). **Escola Conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV**, João Pessoa, PB, v. 1, n. 1, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In* KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 4 ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 2006, 8 ed.

OLIVEIRA, M. B. F. Considerações em torno da linguística aplicada e do ensino de língua materna. **Revista Odisseia**, Natal, n. 03, 2012.

PACETE, Luiz Gustavo. Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo. **Forbes Brasil**, 2023. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/>>. Acesso em 23 de maio de 2023.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PINTON, Francieli Matzenbacher; BARRETO, Taís Vasques. **Produzindo resenha**. Santa Maria: UFSM, CAL, Curso de Letras, 2019.

PINTON, Francieli Matzenbacher; STEINHORST, Camila; BARRETO, Taís Vasques (orgs.). **Glossário de gêneros e suportes textuais**: Base Nacional Comum Curricular [recurso eletrônico]. Santa Maria, RS: UFSM, CAL, NEPELIN, 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo Lander (org). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*, 2005.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje**: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela - Letramento e novos suportes de leitura reescrita. In: RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Viana. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Autêntica, 2017, 3ª ed.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidade, textos e tecnologias**: provocações para a sala de aula. São Paulo: Parábola, 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. Multiletramentos e multimodalidade: vozes e ideias em trânsito no Brasil. In: SANTOS, Záira Bomfante dos; GUALBERTO, Clarice Lage (orgs). **Semiótica Social e multimodalidade**: Um tributo a Gunther Kress. Vitória, ES: Edufes, 2023.

RITTI-DIAS, Fernanda Goulart; BEZERRA, Benedito Gomes. Análise retórica de introduções de artigos científicos da área da saúde pública. **Horizontes de Linguística Aplicada**, ano 12, n. 1, p. 163-182, 2013.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: _____. (Org.). **Escola Conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

ROSA, Rute; GONÇALVES, Matilde. Gêneros de texto e as dimensões do suporte. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, n. 7, p. 263-274, nov./2020.

SANTOS, Francisco Roberto da Silva; MENDES, Wellington Vieira. Multimodalidade e leitura crítica de imagens: análise de livros didáticos de línguas estrangeiras. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. esp., p. 29-49, ago. 2020.

SANTOS, Záira Bomfante dos. A concepção de texto e discurso para semiótica social e o desdobramento de uma leitura multimodal. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, v. 13, p. 1-13, 2011.

SANTOS, Záira Bomfante dos; GUALBERTO, Clarice Lage. Semiótica Social e o legado de Gunther Kress: breve retrato histórico. In: _____. (Orgs.). **Semiótica Social e multimodalidade**: Um tributo a Gunther Kress. Vitória, ES: Edufes, 2023.

SILVA, Carliane Barbosa dos Santos; MELO, Bárbara Olímpia. Metagêneros: o ensino do gênero resenha acadêmica em manuais de metodologia científica. **Revista do GELNE**, Natal, v. 25, n. 1, p. 1-15, abril, 2023.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista brasileira de educação**, São Paulo, v. 25, p. 5-17, 2004.

SOUSA, Galdino Rodrigues de; BORGES, Eliane Medeiros; COLPAS, Ricardo Ducatti. Em defesa das tecnologias de informação e comunicação na educação básica: diálogos em tempos de pandemia. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 146–169, 2020.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

SWALES, John M. **Research Genres**: Exploration and Applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

VIANNA et al. Do letramento aos letramentos: desafios na aproximação entre letramento acadêmico e letramento do professor. In: KLEIMAN, Angela & ASSIS, Juliana (Orgs.). **Significados e ressignificações do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2018, 2 ed.

VOLPATO, Bruno. Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2023, com insights e materiais. **Resultados Digitais**, 2023. Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em 23 de maio de 2023.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

ZACARIAS, Vinicius da Silva. **Projeto didático de gênero resenha de filme no contexto do campo**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual de Maringá, 2019.

ZAVAM, Aurea. Transmutação: criação e inovação dos gêneros do discurso. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 251-271, jan./abr. 2012